



# LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

O LUGAR QUE OCUPO – A AUSÊNCIA DO PATERNO EM  
DOIS JOVENS CABO-VERDIANOS

**ANDREIA FILIPA OLIVEIRA FERREIRA**

**Orientador de Dissertação:**

Professora DOUTORA MARIA EMÍLIA DA SILVA MARQUES

**Coordenador de Seminário de Dissertação:**

Professora DOUTORA MARIA EMÍLIA DA SILVA MARQUES

**Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau  
de:**

MESTRE EM PSICOLOGIA  
Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília da Silva Marques, apresentada no ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida para a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

## AGRADECIMENTOS

Após o longo caminho percorrido ao longo destes anos e cujo fim vejo agora aproximar-se, não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que estiveram presentes e que, directa ou indirectamente, me ajudaram a chegar ao fim desta tão importante fase da minha vida.

Começo por agradecer à Professora Maria Emília Marques por todo o trabalho realizado ao longo deste ano. Obrigado pela sua orientação, conhecimentos, disponibilidade e apoio; por toda a paciência, entusiasmo e dedicação; por todo o rigor e críticas construtivas que me ajudaram a chegar aqui. Sem si, não tinha sido possível!

À minha família, muito obrigado! Obrigada pela confiança que depositam em mim, pela fonte inesgotável de apoio e por todo o espaço que me providenciam e que me permite crescer e desenvolver-me. Obrigado por me fazerem acreditar que, não importa qual seja a situação, no fim, o paraquedas vai sempre abrir. Não tenho palavras para vos agradecer o suficiente.

Ao meu pai, muito do que sou hoje o devo a ti. Estás sempre comigo!

Aos meus pais, por me acompanharem em todos os percursos da minha vida, por me darem as ferramentas necessárias para ultrapassar todas as adversidades, por acreditarem sempre em mim e por me apoiarem incondicionalmente. Muito obrigado!

Às minhas tias por serem as minhas segundas mães. Obrigada por fazerem tudo o que está ao vosso alcance para me ajudarem, por serem parte indispensável no meu crescimento e na minha vida e por nunca duvidarem das minhas capacidades, mesmo quando eu as coloco em questão.

À minha irmã, é a confiança que depositas em mim que, grande parte das vezes, faz com que seja mais e melhor. Obrigada pela capacidade que tens de me ensinar a olhar o mundo de uma outra forma. És o meu amor pequenino mas, sem dúvida, o meu grande amor.

Ao Gonçalo, por acreditar sempre em mim e por me ajudar em todas as batalhas, vivendo-as como se fossem as dele. Por nunca me deixar desistir, por me apoiar incondicionalmente. Pela paciência de santo e pelo carinho que me foi tão necessário ao longo deste percurso. Por tudo aquilo que as palavras não expressam mas que a nossa cumplicidade e carinho deixam transparecer. Não tenho palavras para descrever o quão essencial és!

Aos pais e avós do Gonçalo, ao Bernardo e à Inês. Por me terem feito sempre sentir parte da vossa família, por me aceitarem e por se preocuparem.

Por fim, mas não menos importante, aos meus amigos, por estarem sempre lá, por todo o carinho e companheirismo que nos são tão característicos e que vos tornam a minha segunda família.

Começo por vos agradecer, Joana e André. Por serem os melhores amigos que podia ter, por me conhecerem tão bem e por estarem lá sempre, incondicionalmente. Não tenho palavras suficientes para vos agradecer mas descansa-me saber que temos o resto das nossas vidas para vos demonstrar o quão importantes são para mim. Só vos posso agradecer pela amizade íntima que desenvolvemos e que me é, sem dúvida, tão especial!

Fuminhas, por me ajudares a olhar as coisas de uma outra forma. Por saber que, não importa as voltas que a vida dê, vai sempre haver um espaço para nós as duas.

Mafalda, Cuca, Sorita, Miguel e Sara, por tudo aquilo que construímos ao longo de 6 anos. A amizade que nos une foi uma das minhas maiores fontes de crescimento. Levo-vos comigo, sempre!

Luís, por tudo aquilo que vivemos e construímos ao longo destes 20 anos de amizade, és um irmão para mim.

À Lia, por esta amizade de 9 anos que vai sempre dando espaço a que possamos ser e crescer, em conjunto.

Às minhas queridas gémeas, por todo o crescimento que, mutuamente, fomos acompanhando. Mesmo que não estejamos juntas tantas vezes quanto gostaria, são muito importantes para mim.

Ao meu grupo de amigos que, apesar das voltas que o mundo dê, é o que se mantém sempre mais fiel a si mesmo: Iara, Miguel, Ana, Nuno, Pedro P., Pedro N., Bilal, Marta, Inês e Sara. Obrigada por todo o carinho, boa disposição, paciência e preocupação. Obrigada por se importarem sempre, por quererem saber, por terem sempre uma palavra amiga. Obrigada por estarem sempre presentes, no bom e no mau, por escutarem realmente e por acreditarem em mim. Acima de tudo, obrigada por me aceitarem como eu sou, em todos os aspectos. A amizade que nos une é das que mais prezo. São os melhores!

*“Porque o afecto é o motor do pensamento”*

**António Coimbra de Matos**

## RESUMO

O objectivo deste estudo é o de compreender o impacto da ausência da figura paterna ao nível dos processos identitários em jovens Cabo-verdianos procurando, desta forma, integrar este estudo numa lógica Etnopsicanalítica.

Os participantes do presente estudo são dois jovens Cabo-verdianos, um rapaz e uma rapariga, com 14 e 20 anos de idade, respectivamente. Ambos os jovens cresceram com uma figura paterna ausente.

O instrumento utilizado foi a Entrevista Narrativa em Associação Livre, através da qual resultaram duas narrativas (uma de cada participante) que foram analisadas, numa primeira fase, individualmente e, num segundo momento, em conjunto, numa análise realizada no seguimento das elaborações destacadas no discurso dos participantes.

Os resultados evidenciaram que a ausência da figura paterna, bem como a inscrição dos participantes numa cultura específica – Cabo-verdiana – na qual a figura paterna é, recorrentemente, uma figura ausente se demonstram impactantes ao nível da representação que os participantes elaboram tanto do feminino como do masculino e, conseqüentemente, ao nível da sua construção de identidade com base na identificação a essas mesmas representações.

Os estudos relativos ao impacto da ausência da figura paterna ao nível do desenvolvimento do sujeito têm por base uma observação clínica e, simultaneamente, não existem estudos Etnopsicanalíticos relativos ao papel da figura paterna na cultura Cabo-verdiana. Assim, o presente estudo contribui com desenvolvimentos sobre o tema num contexto não-clínico e promove uma integração do tema numa lógica Etnopsicanalítica.

Palavras-chave: Ausência do Paterno; Identidade; Masculino e Feminino; Cultura Cabo-verdiana; Etnopsicanálise

## ABSTRACT

The main purpose of this study is to understand how an absent father figure has impact on the identity processes of young Cape Verdeans by looking at the study in a Ethnopsycanalytical point of view.

The participants of this study are two young Cape Verdeans, a boy and a girl, with fourteen and twenty years respectively, which lived with an absent father figure.

To carry out the analysis we used the Free Association Narrative Interview with which we obtained two narratives (one from each participant). Initially the narratives were analyzed separately and on a more advanced phase were analyzed together following a prior analysis of the narratives of both participants where the most important information was highlighted.

After the analysis, and taking into consideration the absence of a father figure as well as the fact that this two participants are from a specific culture - Cape Verdean - in which the father figure is recurrently an absent one, we noticed an impact on the representation of both the male and the female representation and consequently on the process of identity creation based on those representations.

The studies related with the impact of an absent father figure on the development of the subject are done based on clinical psychology observation, and at the time of elaborating this study, no Ethnopsychanalytical studies were found related with the absence of a father figure in the Cape Verdean culture. Therefore, this study contributes with developments on this subject in a non-clinical context and promotes the interconnection with Ethnopsychanalysis.

Keywords: Absent father; Identity; Male and Female; Cape Verdean culture; Ethnopsychanalysis

## ÍNDICE

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2. OS PROCESSOS IDENTITÁRIOS E A AUSÊNCIA DA FIGURA PATERNA .....</b>	<b>4</b>
<b>2.1. A Formação de Identidade.....</b>	<b>4</b>
<b>2.2. O Paterno .....</b>	<b>8</b>
2.2.1 <i>O Paterno na Cultura Cabo-verdiana .....</i>	<i>14</i>
<b>3. OBJECTIVO DE ESTUDO.....</b>	<b>17</b>
<b>4. TIPO DE ESTUDO .....</b>	<b>19</b>
<b>5. MÉTODO .....</b>	<b>22</b>
<b>5.1. Entrevista Narrativa em Associação Livre (FANI) .....</b>	<b>22</b>
<b>5.2. Participantes .....</b>	<b>24</b>
<b>5.3. Recolha de Dados .....</b>	<b>25</b>
<b>5.4. Procedimentos de Análise.....</b>	<b>25</b>
<b>6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>28</b>
<b>6.1 Júnior .....</b>	<b>28</b>
<b>6.2. Análise dos Grandes Temas do Júnior.....</b>	<b>33</b>
6.2.1 <i>A Procura de um Lugar – O Processo de Formação de Identidade.....</i>	<i>33</i>
6.2.2 <i>A Representação do Masculino (Paterno) e do Feminino (Materno).....</i>	<i>36</i>
6.2.3 <i>A Procura de Identificações .....</i>	<i>38</i>
<b>6.3. Adanna .....</b>	<b>41</b>
<b>6.4. Análise dos Grandes Temas da Adanna .....</b>	<b>47</b>
6.4.1 <i>Representação do Masculino .....</i>	<i>47</i>
6.4.2 <i>Representação do Feminino .....</i>	<i>49</i>
6.4.3 <i>O Processo de Formação de Identidade .....</i>	<i>51</i>
<b>7. DISCUSSÃO .....</b>	<b>53</b>
<b>8. CONCLUSÃO.....</b>	<b>66</b>

<b>9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>70</b>
<b>10. ANEXOS.....</b>	<b>74</b>
<b>ANEXO A – FORMULÁRIO DO CONSENTIMENTO INFORMADO .....</b>	<b>75</b>
<b>ANEXO B- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO JÚNIOR.....</b>	<b>77</b>
<b>ANEXO C- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA ADANNA.....</b>	<b>93</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Através do presente estudo, propõe-se analisar o impacto da ausência da figura paterna ao nível dos processos identitários. Exposto isto e devido ao facto de, na cultura Cabo-verdiana, existir uma elevada taxa de lares matrifocais, bem como pelo facto de grande parte dos agregados familiares destas famílias carecerem da presença da figura paterna (Ramos, 2009), considerou-se ser relevante que o presente estudo fosse realizado junto de jovens Cabo-verdianos.

Uma vez que a psique humana e a cultura são conceitos inseparáveis, tanto metodológica como funcionalmente (Devereux, 1953), torna-se importante integrar este estudo numa lógica Etnopsicanalítica. A teoria psicanalítica clássica, construída em torno do Complexo de Édipo, é uma das que melhor segue o propósito de análise de diversas culturas e, como tal, se o investigador pensar analiticamente, o quadro geral de referência para análise será tanto mais rico, como os meios de contabilização dos fenómenos revelados pela observação de material cultural, serão mais económicos (Devereux, 1951).

A relação com os objectos será o princípio central da formação de identidade. Os acontecimentos que ocorrem no mundo externo não são, apenas, mediados pela linguagem e pelo discurso mas, mais importante que isso, são mediados pelo mundo interno do sujeito, onde o desejo e a ansiedade actuam sobre a experiência, transformando-a (Hollway, 2010). A ideia de ‘mundo interno’ refere-se à teoria de relação de objecto, a um mundo de fantasias inconscientes construído a partir do *self* e de outros objectos internos, bem como de pessoas, coisas, ideias e valores (Fakhry Davids, 2002, cit. in Hollway, 2010). Este princípio promove uma ponte para a compreensão da relação entre objectos internos e externos e mundos e ainda, entre agentes e a formação de identidade. Assim, o mundo externo – e as relações complexas que são estabelecidas entre vários aspectos – é uma parte integral da mudança e da formação de identidade (Hollway, 2010).

Exposto isto, segundo Hollway (2010), as dinâmicas intersubjectivas inconscientes, que operam nas relações, são o princípio fundador da identidade. A autora defende que, no processo de formação de identidade, há uma dinâmica psicossocial na qual os processos externos e internos são co-constituintes.

Numa perspectiva psicanalítica, o papel do pai foi descrito, pela primeira vez, por Freud, que acreditava que este teria uma função extremamente importante, principalmente para os rapazes, ao nível do desenvolvimento e resolução da fase edipiana. No entanto, ao longo dos anos, este tema tem vindo a ser explorado por diversos autores, o que permitiu um maior aprofundamento dos conhecimentos relativamente à importância do papel da figura paterna ao nível do desenvolvimento do sujeito.

Actualmente, na literatura clínica é possível observar o dano causado, ao nível do desenvolvimento psicológico, pela ausência da figura paterna, bem como as noções mais positivas que surgem da presença dessa mesma figura. Estes estudos vieram demonstrar que o papel do pai é bem mais multifacetado e activamente comprometido do que aquilo que se acreditava pois, através deste trabalho clínico e de observação, pôde-se observar relações pré-edipianas, complexas e interactivas – incluindo a identificação das qualidades simbióticas que se assumia serem exclusivas da díade mãe-criança – nas relações precoces entre pai-criança (Freeman, 2008).

Exposto isto, apesar de se encontrar literatura relacionada com a ausência da figura paterna e com o seu impacto no desenvolvimento do sujeito (e.g. Abelin, 1971; Blos, 1987; Herzog, 2004), esta tende a prender-se com observações clínicas e não procura debruçar-se sobre as questões culturais aqui implicadas e que, conseqüentemente, impactam no desenvolvimento da identidade do sujeito.

A estruturação do presente estudo ocorre da seguinte forma: inicialmente procedeu-se a um levantamento da revisão de literatura psicanalítica existente relativamente aos processos identitários e ao papel da figura paterna. Devido à inexistência de literatura psicanalítica referente ao papel da figura paterna na cultura Cabo-verdiana, foi realizado um levantamento de literatura antropológica sobre esta temática.

De seguida, é apresentado o objectivo do presente estudo, onde é explicitado que, através do mesmo se procurou aceder à subjectividade do sujeito, à significância da relação com a figura paterna e ao impacto que a sua ausência poderá implicar ao nível dos processos identitários. Para tal, a recolha dos dados foi realizada com recurso a um método privilegiado da investigação psicanalítica – Entrevista Narrativa em Associação Livre (FANI) (Hollway & Jefferson, 2000). O método utilizado rege-se pelo paradigma psicanalítico, focalizando a motivação do sujeito nos investimentos inconscientes e nas defesas contra a ansiedade, utilizando a interpretação como forma de análise dos dados produzidos pelo sujeito (Hollway & Jefferson, 2000).

Posteriormente, estruturou-se a apresentação dos resultados, numa primeira fase através de uma leitura compreensiva do que foi enunciado pelos participantes em cada narrativa e, posteriormente, através de uma leitura que tem como objectivo agrupar as narrativas dos mesmos em temas que se revelem centrais para a compreensão da sua experiência.

Num terceiro momento foi realizada uma reflexão compreensiva da análise anteriormente elaborada, tendo por base a sua inscrição em referências teóricas psicanalíticas, permitindo observar os elementos comuns e distintivos que se destacaram procurando, desta forma, compreender as dinâmicas dos processos identitários assentes na relação com uma figura paterna ausente.

Por fim, foram elaboradas considerações finais relativas ao presente estudo, reafirmando a pertinência do mesmo e os potenciais contributos que este possa ter para o enriquecimento da Psicologia Clínica. Através destas considerações, procura-se a possibilidade de ir abrindo portas para a futura exploração destes temas e para a realização de trabalhos posteriores.

## 2. OS PROCESSOS IDENTITÁRIOS E A AUSÊNCIA DA FIGURA PATERNA

*“Para mim torna-se imprescindível investigar o sentido das nossas heranças, das nossas raízes, para fundamentar a nossa existência”*

**Levisky**

### 2.1. A Formação de Identidade

A identidade diz respeito ao sentido adaptativo de ser uma pessoa num mundo complexo, o que implica uma mediação entre a representação de objectos internos e o mundo externo de relações, papéis a desempenhar e situações (Seligman & Shanok, 1995).

As dinâmicas intersubjectivas inconscientes que operam nas relações, deverão ser observadas como o princípio fundador da formação de identidade. As relações com os objectos serão o princípio central da formação de identidade e da interacção com o mundo externo, sendo esta interacção mediada, acima de tudo, pelo mundo interno dos sujeitos e pelos desejos e ansiedades que são parte integrante do mesmo e que transformam a experiência, mediando, desta forma, a relação do sujeito com a realidade. Assim, o mundo externo – e as relações complexas que são desenvolvidas pelos sujeitos – é uma parte integral na formação da identidade (Hollway, 2010).

O mundo externo é mediado pelas dinâmicas do mundo interno e, como tal, este último encontra-se em tensão e conflito constantes com o mundo externo (incluindo pessoas e coisas) pois, o contacto com a realidade externa implica a difícil tarefa de abandonar a ilusão de onipotência (Hollway, 2010). Benjamin (1999, cit. in Hollway, 2010) refere-se à mesma alteração crucial no desenvolvimento para o alcance de uma identidade autónoma e, será neste processo de confronto com o facto da ilusão de controlo não funcionar, que os objectos transicionais serão importantes pois, tal como Winnicott descreveu: *“a tarefa de aceitar a realidade nunca estará completa, nenhum ser humano está livre da tensão de relacionar a realidade interna e externa e, o alívio dessa tensão, será providenciado pelo intermédio de uma área de experiência que não tenha sido alterada”* (Winnicott, 1971/2005: 18, cit. in Hollway, 2010).

Segundo Winnicott (1960a), o adolescente é um ser isolado e será a partir desse isolamento que se inicia um processo que poderá culminar no desenvolvimento de relações entre indivíduos e, eventualmente, na socialização. Assim, o adolescente repete uma fase essencial da sua infância pois, também a criança é um ser isolado até desenvolver a capacidade de se converter num indivíduo separado que pode estabelecer relações com objectos externos ao *self* e que se encontram fora da sua área de controlo onnipotente.

Segundo Blos (1987), na adolescência dá-se uma reactivação do Complexo de Édipo e, nessa fase, a relação estabelecida entre a tríade pai-mãe-criança é revivida com base nas modalidades infantis – extremada entre o ódio e o amor. No seu trabalho com adolescentes, compreendeu que ambas as fases influenciam o desenvolvimento da formação de identidade. Assim, a adolescência poderá, ainda, ser comparada à fase edipiana pois, enquanto nessa fase a criança deverá reprimir os seus impulsos agressivos e sexuais, de forma a poder desenvolver ligações afectivas com o casal parental, na adolescência o processo de maturação sexual conduzirá a uma revivência dos instintos pré-edipianos e edipianos, no entanto, os desejos agressivos e incestuosos devem ser finalmente abandonados. Desta forma, os laços afectivos que unem o adolescente aos pais, devem ser suficientemente ‘desapertados’ para que possa estar garantida a livre escolha de objectos e para que o sujeito se possa reorientar para relações com outros objectos da sua própria geração, o que permitirá uma integração normal numa realidade social adulta (Jacobson, 1964).

Esta tarefa implica que a última fase de resolução dos conflitos edipianos comporte consigo uma libertação final dos laços simbióticos com a família. Esta libertação permitirá o estabelecimento de uma autonomia do ego e do superego, sendo esta, segundo Jacobson (1964) a característica mais significativa no período de formação de identidade.

No entanto, esta não será uma tarefa fácil pois, a adolescência é uma fase de desenvolvimento na qual estão enraizadas diversas dificuldades. Esta mescla entre a independência desafiante e a dependência são estados que se alternam ou que coexistem (Winnicott, 1958). Na fase de desenvolvimento adolescente, os jovens abandonam a dependência e avançam no sentido da formação de uma identidade adulta, no entanto, este crescimento não resulta, apenas, de tendências herdadas, mas também da interação complexa com um ambiente facilitador (Winnicott, 1968), tornando-se, assim, o ambiente – que responde e se adapta às necessidades do indivíduo – extremamente importante pois, num ponto de vista evolutivo, o cuidado materno converte-se no cuidado dos progenitores, no qual ambos assumem responsabilidades em relação à criança. De seguida, o cuidado parental vai-

se ampliando dentro da estrutura familiar e, a família, começa a estender-se a outros familiares. Por fim, nesta fase de desenvolvimento adolescente, a família terá a tarefa de satisfazer as necessidades do indivíduo, necessidades estas que incluem a dependência e os esforços para alcançar a independência. Assim, será, então, a família que permitirá ao sujeito iniciar a sua vida social (Winnicott, 1960b).

Na adolescência, há uma necessidade de reorganização das defesas (Jacobson, 1964), nomeadamente pelo facto das defesas contra a ansiedade, que se organizaram nos primeiros anos, tenderem a reaparecer (Winnicott, 1960b) no entanto, essa reorganização pressupõe, e depende, de uma remodelação ao nível do superego. Uma vez que o superego é construído através de uma identificação parcial com os pais idealizados, com os standards impostos pelos pais e pelas imposições e proibições, esta tarefa conduz directamente à questão das identificações (Jacobson, 1964) pois, segundo Winnicott (1960a), a identificação surge, na adolescência, como uma forma do sujeito se sustentar na sua luta por se sentir real, por estabelecer uma identidade pessoal.

Apesar do processo adolescente ser de grande importância para a formação da identidade, esta continua em desenvolvimento na idade adulta pois, apesar dos processos identitários alcançarem uma certa estabilidade ao longo do tempo, tal não implica que se tornem estáticos, o que se deve às dimensões integrativas da experiência subjectiva (Seligman & Shanok, 1995). Estas experiências subjectivas são, habitualmente, conceptualizadas como individuais, no entanto, é possível alcançar uma melhor compreensão ao observá-las como dependentes de um contexto relacional (Shanok, 1987, cit. in Seligman & Shanok, 1995), o que será melhor analisado ao reconhecer que, algumas destas relações são, na realidade, representações internas do sujeito (Sandler & Rosenblatt, 1962, cit. in Seligman & Shanok, 1995). Assim, a individualidade e a relação encontram-se, inevitavelmente, em tensão uma com a outra, no entanto, são ambas inseparáveis, o que conduz a que, esta tensão, deva ser sustentada, sem colapsar. Este processo de conter um aparente paradoxo – entre a individualidade e a relação – será central na construção e organização da identidade (Seligman & Shanok, 1995).

Ao compreender que a identidade segue uma orientação que enfatiza as representações internas dos objectos, é possível entender os processos através dos quais a actualidade vai sendo integrada na realidade interna. Assim, os mecanismos como a projecção, a identificação e a identificação projectiva tomam uma maior significância quando são percebidos como ‘caminhos’ de construção (Seligman & Shanok, 1995).

Segundo Hollway (2010), a identificação é central para o processo de formação de identidade e diz respeito à relação com um objecto com base nas semelhanças percebidas com o ego, permitindo, desta forma, compreender de que forma a individualidade e a intersubjectividade estão envolvidas neste processo. Ao reconhecer semelhanças no outro reconhece-se, também, que esse outro tem uma existência separada e é no reconhecimento dessa diferença que se constrói a intersubjectividade. É, então, no fluir de estados mentais inconscientes entre uma pessoa e a outra que ambas se modificam, ou seja, é no encontro de duas subjectividades que se poderá dar espaço ao desenvolvimento da intersubjectividade (Hollway, 2010).

Hollway (2010) defende que a intersubjectividade inconsciente move-se em duas direcções, sendo estas partes complementares da identificação – a identificação projectiva e introjectiva.

A introjecção é o meio pelo qual o *self* é constituído, pois, é através da adoção de objectos (partes das pessoas, coisas e significados), que o *self* vai ganhando conteúdo. No entanto, este movimento conduz à questão de como é que estes objectos externos vão sendo transformados em aspectos que pertencem ao *self*. Freud descreveu a identificação como um processo no qual o objecto é transferido para os limites do ego, anteriormente experienciados como externos, conduzindo a uma alteração da própria identidade. Exposto isto, nem todos os objectos externos que se tornam objectos internos conduzem a uma identificação com os mesmos, no entanto, quando tal ocorre, há uma alteração ao nível da identidade. Assim, é através da identificação com os objectos de amor que o sujeito vai adquirindo uma personalidade, sendo este um processo normal nas relações humanas (Hollway, 2010).

Por outro lado, a projecção dissipa o *self* pois, este é o mecanismo através do qual, objectos que poderiam aumentar o *self*, são proibidos pois provocam ansiedade. A mudança conceptual de projecção e introjecção para identificação projectiva e introjectiva conduz ao impulsionamento teórico para a intersubjectividade, dado que se refere à forma como os objectos – bons e maus – se tornam relacionados uma vez que são movidos para fora ou para dentro (Hollway, 2010).

Exposto isto, todos os objectos externos contêm características boas e más, assim, o confronto com a co-existência do bom e do mau no mesmo objecto conduz a dinâmicas intersubjectivas inconscientes conflituosas, no entanto, o desenvolvimento e a formação de uma identidade integrada dependem da capacidade do sujeito de tolerar essa mesma realidade (Hollway, 2010).

## 2.2. O Paterno

O papel do pai foi, pela primeira vez, introduzido na teoria psicanalítica por Freud ao desenvolver o conceito de Complexo de Édipo, demonstrando que o papel da figura paterna tem uma significância fundamental no psiquismo individual. Este conceito vem estabelecer a importância fundamental da figura paterna na teoria psicanalítica, ao demonstrar que o confronto da criança com a autoridade paternal é um dos estádios mais críticos no desenvolvimento sexual. A crise interna que é instaurada nesta fase requer a repressão de fantasias, desenvolvidas num estágio precoce da infância, produzida pela ordem moral representada pela figura paterna. Esta fase representa, ainda, um rito de passagem que torna possível o desenvolvimento das bases psíquicas para a formação do inconsciente e da identidade heterossexual e, simultaneamente, constitui o complexo nuclear de toda a neurose (Freeman, 2008) pois, tal como Freud escreveu: “*Cada nova chegada a este planeta é confrontada com a tarefa de dominar o Complexo de Édipo; quem não o fizer, torna-se uma vítima da neurose*” (Freud, 1905: 361, cit. in Freeman, 2008).

Freud (1905, cit. in Freeman, 2008), vem ainda demonstrar o papel essencial do Complexo de Édipo – e, conseqüentemente, do pai – na manutenção da sociedade, isto é, o papel do pai é definido, no Complexo de Édipo, como um papel de interrupção da díade mãe-criança, o que vai permitir que esta última se volte para a cultura. Segundo Freud, a criança recém-nascida encontra-se emergida numa união com a mãe, simbolizada pelo prazer retirado da amamentação, sendo o papel do pai o de ‘cortar’ essa ligação fechada e incestuosa no sentido da manutenção da sociedade. Desta forma, é através do surgimento deste poder irrefutável e desta rivalidade pelo amor da mãe, que o pai surge como um instigador da proibição do incesto (Freeman, 2008). Assim, o aparecimento do pai conduz a que a criança seja compelida a desenvolver a sua individualidade e a sua consciência moral, dando-se início à internalização da autoridade – o desenvolvimento do Superego (Freud, 1923, cit. in Freeman, 2008).

No entanto, o lugar que a figura paterna ocupa na teoria psicanalítica, bem como a sua importância ao nível do desenvolvimento do sujeito têm vindo a ser, ao longo dos anos, analisados por outros autores. Jung (1911, cit. in Laplanche & Pontalis, 1967) aborda a importância da figura paterna ao desenvolver o conceito de *Imago*. Este conceito está directamente relacionado com o conceito de complexo – ambos dizem respeito às relações desenvolvidas entre a criança e o seu ambiente social e familiar. No entanto, enquanto o

conceito de complexo se refere ao impacto que a situação interpessoal dinâmica tem, no seu todo, sobre o indivíduo, o conceito de *imago* diz respeito aos resíduos imaginários que permanecem no indivíduo, referentes a cada um dos participantes dessa mesma situação.

O conceito de *imago* é, por diversas vezes, definido como uma ‘representação inconsciente’. É uma representação que o sujeito tem de uma outra pessoa, representação essa que não deve ser entendida como um reflexo da realidade, mas antes como uma representação subjectiva, construída com base na realidade inconsciente do sujeito e com a sua relação com a realidade exterior. Resumindo, é uma figura inconsciente, construída a partir das primeiras relações vividas pelo indivíduo, que irá orientar a forma como o mesmo apreende os outros (Laplanche & Pontalis, 1967). A *imago* de um pai pode ser alterada através da introjecção da *imago* do outro, ou seja, a introjecção do pai vem tornar completa a triangulação edipiana, no entanto, esta mesma introjecção vem alterar a *imago* da mãe pois, quando inicialmente a mãe foi introjectada, esta era observada como um objecto poderoso com um peito fálico, no entanto, quando o pai é introjectado, a *imago* materna passa a ser entendida como um objecto subordinado e castrado (Holmes, 2009).

Nas últimas décadas, os estudos realizados têm vindo a expandir o conhecimento que, até então, se tinha sobre o papel que o pai ocupa no desenvolvimento da criança (Jones, 2007). Segundo Abelin (1971, cit. in Abelin, 1975), o pai tem um papel que será, simultaneamente, traumático e organizador, tendo o autor nomeado essa experiência como ‘Triangulação Precoce’, experiência essa que irá ocorrer por volta dos 18 meses de idade, e na qual defende que a criança deverá apreender e internalizar a relação entre o pai e a mãe pois, uma vez que, nesta fase, a criança não é capaz de se perceber como um outro objecto, nem construir uma imagem mental de si mesma, ela irá internalizar a imagem mental que tem de outros objectos. Através da rivalidade e frustração sentidas pela criança aquando da percepção da existência de uma relação entre o pai e a mãe, da qual ela não é parte integrante, a criança irá imaginar-se no lugar do seu rival. Segundo o autor, as relações múltiplas que são desenvolvidas entre estas três imagens mentais primordiais, serão caracterizadas pela reciprocidade e, assim, uma falha ao nível da Triangulação Precoce irá resultar numa alteração ao nível da imagem do *self*, no amor de objecto e na capacidade de pensamento abstracto (Abelin, 1975).

Mahler (1963, cit. in Mahler, Pine & Bergman, 1975), defende que o processo normal de separação-indivuação envolve a capacidade da criança de funcionar separadamente da presença e da disponibilidade emocional da mãe. Apesar de complementares, os conceitos de

separação e de individuação são diferentes pois, se por um lado, a separação diz respeito à capacidade da criança emergir de uma relação simbiótica com a mãe (Mahler, 1952, cit. in Mahler, Pine & Bergman, 1975), por outro lado, a individuação diz respeito à capacidade da mesma de se assumir como um ser individual que comporta as suas próprias características. Exposto isto, o desejo de autonomia sentido pela criança irá expressar-se, não só através do negativismo dirigido contra a mãe, mas também através da introdução do pai no seu mundo, surgindo assim o pai como um objecto de amor facilitador desta fase de separação-individuação (Mahler, Pine & Bergman, 1975).

Blos (1987) defende algo semelhante ao que foi anteriormente descrito pois, segundo ao autor, o pai terá o papel de ‘salvador’ aquando do momento em que a criança desenvolve um esforço para ganhar a sua independência da primeira figura cuidadora – habitualmente a mãe. Assim, a relação com a figura paterna oferece um apoio indispensável ao esforço efectuado pela criança de resistir a uma regressão a uma dependência materna permitindo, desta forma, que a criança se possa desenvolver tanto fisiológica como psicologicamente.

Benjamin (1988, 1991) fala sobre ‘amor identificatório’ e defende que este irá surgir na relação de aproximação com o pai, defendendo, assim, que a representação da imagem masculina é crucial para a representação da separação e do desejo na fase de aproximação (Benjamin, 1986, 1988). Será nesta fase que os pais se irão começar a diferenciar na mente da criança, no entanto, ela continuará a elaborar essas identificações como fazendo parte do seu *self*, assim, a mãe representa o pegar, o carinho e o tomar conta, enquanto o pai representa o mundo exterior, a exploração e a liberdade. Será, então, nesta fase de aproximação que se irá formar uma posição diferente para o pai, uma função que não representará a rivalidade e o proibido, mas antes o desejo de exploração. O pai irá representar uma figura essencial para a rapariga no sentido em que esta se irá esforçar para se definir como um objecto de desejo e, ao mesmo tempo, no seu amor identificatório pelo pai – uma ‘identificação com a diferença’. Para os rapazes, este amor identificatório pelo pai será importante pois, será neste contexto que a separação será suportada e, ao mesmo tempo, irá confirmar o alcançar da sua masculinidade (Benjamin, 1995).

Herzog (2004), observa a figura paterna como um auxiliador na modelação dos impulsos agressivos e, como tal, acredita que a criança que não dispõe do apoio de uma figura paternal autoritária, é deixada sozinha no que diz respeito à manutenção da sua própria agressividade, o que poderá comportar um conjunto doloroso de esforços auto-gerados como forma de se poder organizar e dispor desta parte do *self*.

Com o aumento de estudos que surgiram nas últimas décadas e que apontam a figura paterna como uma figura importante para o desenvolvimento da criança, tornou-se importante uma maior exploração do impacto que a sua ausência provoca. Assim, os estudos que têm sido realizados sobre o impacto da ausência/ perda da figura paterna no desenvolvimento do sujeito, têm focalizado o nível de desenvolvimento alcançado pela criança aquando do momento dessa mesma perda ou ausência e, de que forma, é que essa perda ou ausência têm impacto ao nível cognitivo, integrativo, estrutural e ao nível das capacidades defensivas (Krueger, 1983; Trunnell, 1968, cit. in Jones, 2007).

Exposto isto, Jones (2007) aborda a perda ou ausência da figura paterna, numa perspectiva psicanalítica, em três fases distintas do desenvolvimento – na infância e primeira infância; na fase edipiana; e da latência até ao longo da adolescência.

A perda ou ausência da figura paterna na infância e na primeira infância surge associada a posteriores problemas comportamentais (Huttunen & Niskanen, 1978, cit. in Jones 2007). Ao analisar o efeito das mesmas no primeiro ano de vida, denotou-se um potencial impacto na figura materna e na sua capacidade de se deixar emergir na relação com a criança, o que pode conduzir a uma disrupção do ritmo de gratificação/ frustração e, conseqüentemente, a dificuldades no desenvolvimento do *self* e da diferenciação do objecto e no teste de realidade e, ainda, no processo de separação-individação (Newman & Schwam, 1979; Santrock, 1970; Trunnell, 1968, cit. in Jones, 2007). A perda/ ausência da figura paterna antes dos cinco anos de idade surge, também, descrita na investigação psicanalítica como correlacionada com elevados medos relacionados com a perda de objectos e com o abandono e, simultaneamente, com um desejo intensificado de aproximação à figura materna (Burgner, 1985, cit. in Jones, 2007).

Segundo Jones (2007), o estudo do impacto da perda/ ausência da figura paterna, no período edipiano, tem sido mais focalizado nos rapazes. Exposto isto, sem a presença do pai, o rapaz pode-se encontrar inibido de desenvolver determinadas percepções, testes de realidade e, ainda, a aceleração de fantasias sexuais. Os sentimentos competitivos, medos e humilhações, que são específicos desta idade e com os quais o rapaz deve aprender a lidar, não são estimulados por nenhuma figura e não podem ser trabalhados, o que poderá levar a que se tornem altamente distorcidos (Neubauer, 1960, cit. in Jones, 2007).

Por fim, a perda/ausência da figura paterna durante a fase de latência poderá conduzir a uma regressão a um nível edipiano do desenvolvimento psicosexual (Gauthier, 1965, cit. in Jones, 2007) e a uma privação do desenvolvimento de determinadas capacidades e talentos

que são incrementados através da identificação com a figura paterna (Jones, 2007). Poderá, ainda, resultar numa sobre-idealização da representação paternal e a uma consequente incapacidade de desidealização da mesma e de retirada gradual narcísica, necessária para a aquisição da formação de uma estrutura internalizada, o que poderá conduzir a uma fixação narcísica e a uma, consequente, dificuldade na integração no grupo de pares (Kohut, 1971; Newman & Schwam, 1979, cit. in Jones, 2007). Wallerstein e Kelly (1976, 1980, cit. in Jones, 2007), observaram, ainda, que a ausência/ perda da figura paterna numa fase avançada do período de latência levava a que os sujeitos demonstrassem uma raiva intensa contra uma ou ambas as figuras parentais e que estariam mais predispostas a desenvolver sintomas somáticos, um sentido de identidade pouco estável e uma regressão do controlo do superego. Denotaram, ainda, que os adolescentes apresentavam uma alteração ao nível do desenvolvimento da tarefa de separação-individação, o que surgia como resposta à separação do casal parental e à consequente alteração da estrutura familiar e da percepção dos pais.

Exposto isto, é possível compreender que, numa perspectiva psicanalítica, o conceito de ‘pai’ é extremamente complexo pois, este não designa apenas o indivíduo progenitor mas, sobretudo, o papel da figura paterna no plano educativo e relacional (Juignet, 2012).

Retornando a Freud e no texto *Totem e Tabu* (Freud, 1913): o autor introduz o parricídio como o nascimento do Complexo de Édipo – complexo estruturante da personalidade – e como o acto que viria originar a cultura. Os irmãos, ao retornarem após terem sido expulsos pelo pai agressivo e receado, matam-no e devoram-no, colocando um fim à horda patriarcal (Nakasu, 2005). Segundo Freud (1913, cit. in Nakasu, 2005), a refeição totémica “*é talvez o mais antigo festival da humanidade, sendo assim uma repetição e uma comemoração desse acto memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião*” (Freud, 1989: 145, cit. in Nakasu, 2005). O parricídio dá lugar ao arrependimento e aos sentimentos de culpa, pois ao actuarem o ódio anteriormente sentido pelo pai, surgiu a afeição que até então se encontrava recalcada. Assim, o pai morto torna-se mais poderoso do que quando se encontrava vivo e a interdição sexual com mulheres do mesmo clã, anteriormente imposta pelo pai, torna-se agora determinada e seguida, de forma espontânea, pelos irmãos (Nakasu, 2005). Exposto isto, Mezan (1997, cit. in Nakasu, 2005) refere:

*“ O crime não corresponde aos desejos edípicos; mas estes são estruturados por ele. Matar o pai e dormir com a mãe são tendências que existem no inconsciente sob a forma de repressão e esta, praticamente, é instituída a partir do crime e não o inverso. A*

*originalidade freudiana consiste em associar a emergência do Complexo de Édipo e o surgimento da sociedade civilizada por meio do mesmo acto”* (Mezan, 1997: 356, cit. in Nakasu, 2005).

Neste texto, Freud inicia o primeiro ensaio elucidando os pontos convergentes entre a psicologia das sociedades primitivas – objecto de estudo da antropologia social – e a psicologia dos neuróticos – estudada pela psicanálise – introduzindo, assim, a possibilidade de se poder começar a pensar numa clínica ligada à cultura, demonstrando de que forma uma não se encontra dissociada da outra.

Freud (1913, cit. in Paduart, 2008) utiliza, então, a psicanálise para explicar, de forma central em relação a outras disciplinas científicas, a origem das religiões e da civilização. Além disso, reafirma, ainda, a centralidade e a onipresença do Complexo de Édipo, não só na génese das neuroses, como também na formação das culturas e da civilização. Exposto isto, *Totem e Tabu*, inaugura o campo da antropologia psicanalítica (Paduart, 2008).

Segundo Róheim (1940), a contribuição de Freud (1913, cit. in Róheim, 1940) para a antropologia e para a compreensão da cultura em geral comporta dois aspectos – um aspecto puramente psicológico e um aspecto psicológico-histórico ou evolutivo. O incesto e outros tabus, bem como o animismo e a magia, dizem respeito a um fenómeno psicológico e assumem processos que apenas tomam lugar nos indivíduos que praticam esses costumes, por outro lado, a horda primitiva, o totemismo e a religião, são explicados por Freud com base na assunção de uma psique colectiva na qual o autor procura determinar a história psicológica da humanidade (Róheim, 1940).

Tanto a psicanálise como a antropologia estudam aquilo que distingue o homem da humanidade, ou seja, o que diferencia o homem, observado como uma pessoa-na-cultural, do *homo sapiens*, observado como um quadro biológico de referência. Enquanto a psicanálise se preocupa com o que é distintamente humano na psique humana, a antropologia preocupa-se com o que é único e humanamente característico na cultura e na sociedade, assim, tanto a psicanálise como a antropologia são ramificações da ciência que estuda o que é distintivamente humano no homem (Devereux, 1953).

Exposto isto, segundo Devereux (1953), tanto a psicanálise como a antropologia estudam aquilo que é distintiva e unicamente humano e ambas se preocupam com a individualidade e com a diferenciação. Tal não significa que ambas as disciplinas não se preocupem com as similaridades e uniformidades, no entanto, quando psicanalistas e antropólogos formulam leis gerais sobre a psique humana e sobre a cultura e comportamento

cultural, essas leis, geralmente, referem-se a vários processos de diferenciação e individualização, ao invés de se referirem aos produtos finais desses mesmos processos (Devereux, 1953).

A Etnopsicanálise, metodologicamente, deverá ser construída num duplo discurso – Psicanalítico e Etnológico. Assim, a abordagem etnológica e psicanalítica são inevitáveis, no entanto, deverão permanecer justapostas, cada uma na sua própria estrutura operacional (Paduart, 2008) e, como tal, apesar da psique humana e da cultura se apresentarem, funcionalmente, inseparáveis, os *insights* providenciados tanto pela psicanálise, como pela antropologia não devem ser aditivos, mas antes complementares (Devereux, 1953).

Ao compreender que a psique humana e a cultura são conceitos inseparáveis, tanto metodológica como funcionalmente (Devereux, 1953), e uma vez que este estudo se realizou junto de jovens Cabo-verdianos, impõe-se a necessidade de compreender qual o lugar que a figura paterna ocupa nesta mesma cultura. Assim, e por não existirem referenciais teóricos Etnopsicanalíticos relativos ao papel da figura paterna na cultura Cabo-verdiana, de seguida irá dar-se espaço a uma reflexão, que terá por base uma sustentação teórica antropológica, sobre o mesmo.

### **2.2.1 O Paterno na Cultura Cabo-verdiana**

O povo Cabo-verdiano tem uma cultura migratória que surge como resposta a uma estrutura deficitária pela incapacidade de integrar, economicamente, os seus habitantes. Assim, a emigração surge como uma estratégia de sobrevivência (Massart, 2002), mas também como uma forma de aquisição de prestígio social. A possibilidade de partida para um lugar desconhecido, promove a possibilidade de conhecer e de ter acesso ao *novo*, o que comporta consigo o acesso a uma posição privilegiada (Dias, 2006), assim, o homem Cabo-verdiano apresenta uma procura de continuar em movimento, em desenvolvimento, sendo este desejo de conhecimento, central na performance masculina do *self* (Massart, 2013).

Segundo Dias (2006), a identidade Cabo-verdiana tem sido construída em torno da sua abertura para com o mundo exterior dado que, desde o início do seu povoamento, foi um ponto de circulação e de mediação entre os três continentes que se encontram naquela área geográfica – Europa, África e América. A emigração vem, então, consolidar um processo de abertura ao mundo exterior, incitando uma tradicional abertura para o outro e tornando-se, assim, um traço identitário deste povo, o que conduz a que Dias (2006) sugira a existência de

uma espécie de *ethos da emigração*, ou seja, uma predisposição do homem Cabo-verdiano que o impele a partir.

Uma vez que a cultura representa uma actualização da potencialidade biológica do homem, sempre que este detenha uma função cultural, irá satisfazer uma das suas necessidades fundamentais que, como tal, não poderá ser frustrada sem que tal comporte consequências directas para a *psique* humana (Devereux, 1953), desta forma, a emigração parece surgir, na cultura Cabo-verdiana, como uma função cultural e, como tal, a sua realização torna-se importante para o sentimento de pertença à mesma, surgindo como um traço identitário (Dias, 2006).

A emigração não é, no entanto, um projecto exclusivamente individual. A família e os amigos tomam, aqui, um papel essencial na escolha daqueles que partem e na sustentação deste projecto, bem como na manutenção dos vínculos com a sociedade de origem (Dias, 2006), simultaneamente, os familiares surgem como recursos, providenciam protecção, dinheiro e, ainda, contactos e conexões (Massart, 2013).

Através da história da formação de Cabo-Verde, é possível compreender a constituição de uma ideologia patriarcal (Dias, 2006). Filho (1996, cit. in Dias, 2006) refere que a família Cabo-verdiana é de tipo patriarcal devido a uma herança cultural que tem a sua génese na autoridade do homem em relação à mulher – como seu dono, na época da escravatura; patrão; ou mesmo marido ou companheiro. A figura paterna surge, então, como um símbolo de respeito, não só no interior do agregado familiar, como nas relações entre famílias, por exemplo nas negociações matrimoniais das suas filhas (Dias, 2006). No entanto, uma vez que a família é um dos contextos mais relevantes e responsável pela perpetuação e transformação das relações sociais entre os sexos (Macedo, 2008), simultaneamente, cada vez mais, é observável um maior poder da mulher em relação ao homem (Dias, 2006), as relações de género têm vindo a mudar (Massart, 2013), o que conduz a que esta herança patriarcal comece a ser percebida como o *ideal desistido* (Dias, 2006).

Ao longo do seu estudo, Massart (2002; 2013) observou que a masculinidade Cabo-verdiana tem as suas dinâmicas, que surgem de tensões internas, nas suas imposições contraditórias: o ideal masculino é o de conquistador de mulheres, um predador, um homem prestigiado e, simultaneamente, capaz de providenciar e proteger a respeitabilidade dos outros, é um homem realizado, estável e alguém que está sempre em movimento, que está sempre em progresso. Estas tensões masculinas ecoam neste género a ambiguidade da mulher

como agente de uma nova sociedade *criola*, como a *cabeça* da família ou como uma resistência, uma potencial ameaça para a ordem (Anjos, 2011 cit. in Massart, 2013).

O pai deverá sustentar os seus filhos e, se assim o fizer, então estará legitimada a sua autoridade perante os membros da família, no entanto, se não cumprir com a sua obrigação, essa legitimidade é colocada em questão. Uma vez que, grande parte dos agregados familiares destas famílias carecem da figura paterna – ou por dissolução dos laços matrimoniais ou por uma questão de trabalho noutra região ou país – e que, mesmo quando a figura paterna está presente, o apoio fornecido pela mesma parece limitar-se a questões financeiras (Ramos, 2009), habitualmente, é a mãe quem participa activamente na criação dos seus filhos e na sustentação da família, é ela quem ocupa uma posição central na família, ao contrário do pai que vai sendo descrito, cada vez mais, como uma *figura*, assim, o poder materno vai sendo fortalecido pela proximidade aos filhos e pelo próprio afastamento paterno (Dias, 2006), o que conduz a que as mães assumam o papel de chefes de família (Ramos, 2009).

O afastamento paterno está, também, relacionado com as relações conjugais instáveis, observadas na cultura Cabo-verdiana de forma frequente (Dias, 2006). Devido a estas formas de união conjugal, a poligamia foi ganhando lugar na cultura Cabo-verdiana, tornando-se socialmente aceite, o que conduziu a que ser mãe solteira fosse sendo aceite sem qualquer sentido discriminatório e, conseqüentemente, a que surgisse uma elevada taxa de lares matrifocais (Ramos, 2009). Assim, ao circular entre vários agregados familiares, o pai vai-se afastando de cada um deles, enquanto a mãe vai reforçando a sua autoridade doméstica pois, tal como Dias (2006) refere: “*as mulheres são constantes, permanentes, enquanto os homens são transitórios, circulando quer seja entre países ou famílias. A sua distância em relação a cada uma das mulheres e seus filhos enfraquece, dia após dia, os seus laços com os mesmos*” (Dias, 2006: 45 ).

Por fim, há ainda um outro factor de distanciamento da figura paterna, este não diz respeito a uma ausência física, mas antes a uma ausência psicológica. A relação que é estabelecida entre pai e filho carece de convívio, carinho, amizade e participação activa na vida um do outro, o que se vem contrapor à imagem da mãe, como figura activa, presente e carinhosa. Assim, na cultura Cabo-verdiana observa-se uma tendência matrifocal, o papel da mãe é central, tanto a nível estrutural, como cultural e afectivo (Dias, 2006).

### 3. OBJECTIVO DE ESTUDO

Através da análise da literatura referente a estudos, até agora realizados, que foquem a importância da figura paterna, bem como o impacto da sua ausência ao nível do desenvolvimento do sujeito, é possível denotar que a sua realização dá espaço a algumas formulações compreensivas que têm por base, apenas, uma observação clínica e que, simultaneamente, os autores dos mesmos não procuram explorar a cultura como um factor impactante na vivência do sujeito e no seu processo de construção de identidade. Desta forma, através deste estudo, é pretendida uma complementaridade da literatura psicanalítica existente, através de uma exploração da visão antropológica relativamente ao papel da figura paterna na cultura Cabo-verdiana, promovendo assim, uma integração da mesma, bem como do impacto da sua ausência ao nível dos processos identitários, no campo da Etnopsicanálise.

Ao compreender que a identidade se desenvolve e se forma na dinâmica entre o indivíduo e os contextos sociais onde se insere, podemos compreender que a cultura tem um impacto importante nos processos identitários (Seligman & Shanok, 1995), assim, é, também, objectivo deste estudo observar os seus participantes como integrantes de uma cultura específica – Cabo-verdiana – onde a figura paterna é, muitas das vezes, uma figura ausente (Dias, 2006) o que terá impacto na forma como as famílias se organizam, nos papéis que o sujeito adopta, nas representações que elabora e, conseqüentemente, na forma como a sua identidade é construída.

A escolha dos participantes – um rapaz e uma rapariga – prendeu-se com um interesse em observar as diferentes expressões e representações do masculino e do feminino que possam derivar da diferença de género procurando, desta forma, o alcance de uma maior abrangência e compreensão das mesmas.

Exposto isto, e observando os participantes deste estudo como seres psicossociais que se constroem na relação com o outro, o principal objectivo do presente estudo, de carácter qualitativo, será o de aceder à experiência subjectiva dos mesmos, relativamente à ausência da figura paterna, bem como aos processos de construção identitária que estão implícitos nesta relação com uma figura paterna ausente, através do significado que os mesmos lhe comportam procurando, assim, aceder, de forma mais aproximada possível, à realidade e transparência da experiência que o sujeito procura transmitir, utilizando-se, para tal, o método de Entrevista Narrativa em Associação Livre (Hollway & Jefferson, 2000). Através deste

método, e pelo facto do mesmo ter por base os princípios da associação livre, é possível aceder a um caminho que é traçado pelas motivações emocionais, explorando questões emocionalmente carregadas e que estão assentes numa problemática identitária, permitindo-nos, assim, fazer jus à complexidade do sujeito e compreender a sua experiência (Hollway & Jefferson, 2000).

Através deste estudo é procurada a elaboração de uma contribuição teórica que não tenha por base a observação clínica e que, como tal, não incorra na tendência de elaborar hipóteses com base nos conteúdos patogénicos da relação com as figuras parentais e que, simultaneamente, os dados recolhidos não sejam influenciados pela relação transfero-contratransferencial que é construída no contexto clínico.

Assim, procura-se que, através deste estudo e com a contribuição do método aqui utilizado, surja a possibilidade de identificar as questões identitárias que estão assentes na relação que é construída com uma figura paterna ausente, cruzando a informação produzida com dados teóricos de forma a criar uma sustentação para o material que aqui é produzido.

#### 4. TIPO DE ESTUDO

O presente estudo inscreve-se numa metodologia qualitativa, através da qual se pretende observar de que forma a ausência da figura paterna é vivenciada pelo sujeito. Para tal, foi realizado um estudo de caso com dois jovens Cabo-Verdianos, cujo pai não vive com eles.

Segundo Hollway e Jefferson (2000) a investigação é uma forma de saber mais sobre as pessoas, no entanto, os métodos quantitativos e psicométricos, assim como os métodos qualitativos convencionais, não permitem conhecer a experiência subjectiva do sujeito. Assim sendo, os autores questionam-se: *“quem somos nós para sabermos mais do que os participantes quando, no final, é sobre as suas vidas de que se trata?”*.

Gonzales-Rey (2002) defende que a metodologia qualitativa permite a produção de estruturas teóricas que vão muito além de qualquer conceito pré-existente no plano empírico e que se tornam, desta forma, indispensáveis para uma profunda compreensão pois, ao observar o sujeito como um ser que comporta a sua própria singularidade, é possível entender a subjectividade como fonte de conhecimento científico. Desta forma, a produção de conhecimento científico não se legitima pela quantidade de sujeitos a serem estudados, mas antes pela qualidade da sua expressão (Gonzales-Rey, 2002).

Freud (1977: 39, cit. in Gonzales-Rey, 2002), referindo-se à sua própria produção teórica, escreveu *“O que segue é especulação, com frequência interpretação forçada, que o leitor levará em consideração ou colocará de lado, de acordo com a sua preferência individual”* abrindo, assim, portas à compreensão de que a subjectividade ocupa um lugar central na produção do conhecimento.

A subjectividade é um sistema complexo de significações, produzidas na vida cultural humana, que se vão relacionando entre si ao longo do seu processo de desenvolvimento. Desta forma, a subjectividade não se caracteriza por invariantes estruturais alvo de generalizações universais sobre a natureza humana pois a sua flexibilidade, versatilidade e complexidade permitem a criação constante de processos culturais que levam a uma modificação do modo de vida do sujeito e, conseqüentemente, a uma reconstituição da subjectividade, tanto social como individual (Gonzales-Rey, 2002).

Dembo (cit. in Gonzales-Rey, 2002), escreveu *“As experiências qualitativas são questão estritamente pessoal de qualquer ser vivo. São um tipo de observação disponível de*

*forma directa só ao portador da experiência (...) A experiência pessoal está ligada de forma mais estreita e directa não só à questão da pesquisa, mas também aos sentimentos e valores da pessoa*". Assim, segundo Hollway e Jefferson (2000) lidamos com representações ambíguas da experiência do outro e, como tal, se procuramos fazer jus à complexidade do outro, inevitavelmente deveremos ter uma abordagem interpretativa.

Exposto isto, segundo Yin (2001), o estudo de caso permite uma preservação das características holísticas e significativas dos eventos da vida real contribuindo, de forma inigualável, para a compreensão dos fenómenos individuais conduzindo, por isso, a que seja um método bastante utilizado nos estudos na área da Psicologia (Yin, 1983, cit. in Yin, 2001).

O estudo de caso é o método mais utilizado quando o investigador detém pouco controlo sobre os eventos e quando o foco do estudo incide em fenómenos contemporâneos inseridos num contexto da vida real e, simultaneamente, o mesmo deverá ser generalizável a proposições teóricas e não a populações ou universos, dado que o que se procura estudar será uma única pessoa, sendo o indivíduo a unidade primária de análise. Assim, o objectivo do investigador será o de expandir e generalizar teorias e não o de enumerar frequências (generalização estatística) (Yin, 2010).

Segundo Yin (2010), para a recolha de dados existem algumas habilidades que o investigador deverá deter, sendo estas: (1) a capacidade de fazer boas perguntas; (2) de ser um bom ouvinte, procurando compreender o que é dito pelo sujeito através do contexto em que o mesmo compreende o mundo; (3) de ser flexível, realizando alterações ao estudo quando o mesmo assim o requisitar; (4) e de compreender o tema que está a ser estudado pois, só dessa forma, será possível a realização de interpretações relativamente ao material recolhido e, simultaneamente, de compreender, através das mesmas, se há necessidade de recolher evidências adicionais. Juntamente com as características anteriormente descritas, o investigador não deverá incorrer no erro de utilizar o estudo de caso como forma de comprovar uma ideia previamente concebida (Yin, 2010).

O estudo de caso deve basear-se em proposições teóricas que irão reflectir as questões de pesquisa, as revisões de literatura realizadas e as novas interpretações que surjam do estudo. Assim, serão estas proposições que darão forma ao plano de recolha de dados, bem como às estratégias de análise dos mesmos que são aplicadas dado que será através das mesmas que o investigador poderá identificar as informações relevantes recolhidas sobre o indivíduo (Yin, 2010).

Exposto isto, a realização deste estudo baseou-se na preposição de que a ausência da figura paterna terá impacto ao nível dos processos identitários e será, então, a partir desta proposição teórica que a análise do presente estudo de caso foi guiada.

Uma vez que a entrevista é uma das fontes de informação mais importantes para a realização de um estudo de caso (Yin, 2010), o instrumento escolhido para a formulação do presente estudo foi a Entrevista Narrativa em Associação Livre (Hollway & Jefferson, 2000).

## 5. MÉTODO

*“São as minhas Confissões e, se nelas nada digo,  
é que nada tenho que dizer”*

**Fernando Pessoa**

### 5.1. Entrevista Narrativa em Associação Livre (FANI)

A investigação feita através do método da Entrevista Narrativa em Associação Livre rege-se pelo paradigma psicanalítico, acreditando que o sujeito é motivado por investimentos inconscientes e por defesas contra a ansiedade; os dados produzidos baseiam-se no princípio da associação livre e a análise desses mesmos dados é realizada através da interpretação (Hollway & Jefferson, 2000).

O método utilizado no presente estudo é particularmente apropriado quando o investigador procura compreender a experiência do sujeito através do significado que o mesmo lhe dá, permitindo uma exploração de questões emocionalmente carregadas e assentes na problemática identitária. Assim, através desta metodologia trona-se possível explorar conteúdos com uma forte carga de significados emocionais aos quais, muitas vezes, o sujeito não consegue aceder conscientemente (Hollway & Jefferson, 2000).

Segundo Bauer (1996: 2, cit in Hollway & Jefferson, 2000) as entrevistas estruturadas e semi-estruturadas baseiam-se num modelo de pergunta-resposta, levando a que seja o entrevistador a conduzir a entrevista e a que, desta forma, detenha o controlo da informação produzida. Exposto isto, neste modelo de investigação, deve-se convidar o sujeito a falar sobre um determinado tema fazendo-lhe uma única pergunta de resposta aberta inicial e todas as perguntas realizadas ao longo da entrevista devem, também elas, ser de resposta aberta, o que conduz a que os temas a serem abordados estejam em aberto e sujeitos a alterações, dependendo das experiências do entrevistado de forma a que se possa aceder à real experiência do sujeito. Assim sendo, neste tipo de entrevista procura-se que a responsabilidade do entrevistado seja a de ‘contar uma história’, enquanto a responsabilidade do investigador seja a de ser um bom ouvinte, pressupondo que os pensamentos não-censurados comportem em si o material verdadeiramente significativo (Hollway & Jefferson, 2000).

Segundo Hollway e Jefferson (2000), a abordagem interpretativa é a única que permite fazer jus à complexidade do sujeito pois, tal como Gonzales-Rey (2002) defende, a interpretação não reduz a riqueza e diversidade do objecto estudado a categorias previamente estabelecidas, mas é antes um método que procura significar as manifestações do sujeito, observando-o como um ser psicossocial. É, portanto, um método que apenas se pode tornar útil através da singularidade e complexidade do sujeito estudado.

Ao promover uma narrativa que tenha por base os princípios da associação livre, torna-se possível aceder a um caminho definido pelas motivações emocionais, ao invés das intenções racionais permitindo, desta forma, aceder a determinadas preocupações que, provavelmente, não seriam possíveis aceder através de outros métodos mais tradicionais. Assim, este modelo demonstra-se bastante útil quando o objectivo do investigador é o de compreender a experiência do sujeito pois, a Entrevista Narrativa em Associação Livre baseia-se na premissa de que o significado do que é dito nas ‘entrelinhas’ da narrativa será mais facilmente compreendido através de uma associação espontânea, o que permitirá compreender e aceder à real subjectividade da experiência do sujeito (Hollway & Jefferson, 2000).

As narrativas produzidas são sempre resultado da relação desenvolvida entre o entrevistado e o entrevistador pois, tal como Ogden (1994, cit in Hollway & Jefferson, 2000) defende, o sujeito deve ser compreendido como uma produção dinâmica da relação intersubjectiva, o que conduz a que as dinâmicas do par devam ser analisadas, bem como a importância das mesmas para os dados recolhidos. Assim, os processos transferenciais e contra-transferenciais devem ser tidos em conta, compreendendo que a relação estabelecida, bem como a narrativa desenvolvida, comportam material inconsciente de ambos e, como tal, o investigador poderá utilizar esses dados como dados de investigação de forma a complementar a compreensão do material recolhido (Hollway & Jefferson, 2000).

De forma a analisar os dados recolhidos, Hollway e Jefferson (2000) defendem que a reflexividade e a teoria devem ser tidas em conta pois, ao explorar o impacto que a narrativa provoca no investigador, nomeadamente ao nível das suas próprias vivências e experiências subjectivas, conduz a que se possa reforçar uma convicção teórica ou, por outro lado, concluir que a interpretação realizada não seria a mais correcta. Assim, ao fazer generalizações acerca do que é narrado pelo sujeito, deve-se ter em consideração a evidência, a teoria e a interpretação. Se for possível criar uma ponte entre estes três elementos, então o entrevistador

estará mais próximo de perceber o entrevistado como um todo e, conseqüentemente, de aceder à real subjectividade da sua experiência (Hollway & Jefferson, 2000).

Segundo Hollway & Jefferson (2000), ao reconhecer a importância das dinâmicas inconscientes que operam aquando da entrevista, é possível denotar a existência de defesas contra a ansiedade que podem surgir devido ao facto da situação de entrevista não ser familiar ao entrevistado e devido ao facto do mesmo procurar ter um desempenho equivalente às altas expectativas que cria em relação à sua participação no estudo. Exposto isto, é possível compreender que as defesas inconscientes afectam a informação que é produzida, bem como a interpretação da mesma. Assim, com base no princípio da ‘Gestalt’, a análise da narrativa deve compreender o conjunto das suas partes e do seu significado para o sujeito aquando da interpretação das mesmas, dando maior destaque à forma como o sujeito conta a história, os detalhes referidos e os pontos que são enfatizados pelo mesmo, bem como as incoerências que se apresentam no discurso, tais como as contradições ou o evitamento, o que permite, desta forma, compreender os significados por de trás das intenções do entrevistado (Hollway & Jefferson, 2000).

Hollway e Jefferson (2000) defendem, ainda, que, no momento de análise, deve haver uma familiaridade com a total transcrição da narrativa, bem como com as notas que foram retiradas após a entrevista pois, apesar de se saber que não é possível conhecer completamente o sujeito, será mais fácil para o entrevistador que, desta forma, seja capaz de compreender os significados que, por vezes, não são expressos directamente pelo entrevistado permitindo-nos, assim, desenvolver interpretações acerca do próprio sujeito, observando-o como um todo.

## **5.2. Participantes**

Os participantes deste estudo são dois jovens Cabo-verdianos cujo pai não vive com eles – Júnior e Adanna – e pertencem a uma população não-clínica, tendo sido seleccionados por conveniência.

Júnior tem 15 anos, vive com a mãe e com o irmão mais velho e tanto a sua mãe como o seu pai são Cabo-verdianos. Júnior não vive com o seu pai desde os 2 anos de idade. Adanna tem 20 anos, vive com a mãe e com 6 das suas irmãs e, à semelhança de Júnior, tanto a sua mãe como o seu pai são Cabo-verdianos. Adanna não vive com o seu pai desde os 6 anos de idade.

Ambos os participantes foram informados sobre a temática do estudo, a importância da sua colaboração e a finalidade académica do uso dos dados obtidos, tendo aceitado, voluntariamente, participar neste estudo e tendo assinado o consentimento informado, cujo formulário poderá ser consultado no Anexo A.

### **5.3. Recolha de Dados**

Para a recolha dos dados foi utilizado o instrumento privilegiado na investigação psicanalítica: a Entrevista Narrativa em Associação Livre (FANI). As entrevistas foram realizadas individualmente e em locais com os quais os participantes se sentissem familiarizados. Com a autorização dos participantes, as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, foram transcritas as narrativas. As narrativas dos participantes Júnior e Adanna podem ser consultadas, respectivamente, nos Anexos B e C.

Inicialmente, foi explicado aos sujeitos qual a temática do estudo e foi-lhes pedido que lessem o Consentimento Informado e que, após o esclarecimento de qualquer dúvida que surgisse, o assinassem. De seguida, foi, então, solicitado que falassem livre e espontaneamente sobre o tema central deste estudo – a ausência da figura paterna. Para tal, foi realizada uma única solicitação – *“gostava que me falasses sobre a experiência do teu pai não viver contigo”*.

Perante esta solicitação foi possível aceder à forma como o sujeito vive, sente, constrói e elabora esta ausência e todos os processos que lhe estão subjacentes, permitindo-nos compreender e aceder à real subjectividade da experiência dos participantes.

### **5.4. Procedimentos de Análise**

Segundo Hollway e Jefferson (2000), as narrativas resultam da relação estabelecida entre o entrevistador e o entrevistado, o que significa que, tanto um como o outro são sujeitos a projecções e introjecções de ideias e sentimentos que surgem no outro, bem como que as impressões que um causa no outro não resultem apenas da sua relação real mas também daquilo que dizem e fazem na interação e que será mediado pelas fantasias que derivam das suas histórias e relações significativas. Desta forma, os autores acreditam que o investigador

deve examinar o seu próprio envolvimento subjectivo pois isso ajuda a modelar a forma como a informação recolhida na entrevista é interpretada.

Exposto isto, e tendo em conta que o próprio envolvimento do entrevistador e da relação que é criada entre o mesmo e o entrevistado tendem a modelar a narrativa, bem como os dados recolhidos da mesma, juntamente com o facto da narrativa descrita pelo sujeito ser mediada pela sua realidade subjectiva e, conseqüentemente, as significações serem distintas para sujeitos distintos (Hollway & Jefferson, 2000), torna-se importante que a análise das narrativas recolhidas seja realizada em grupo, de forma a que se possa tomar em conta a intersubjectividade e a universalidade dos conteúdos que vão surgindo no decorrer da entrevista permitindo, desta forma, alcançar uma maior proximidade da realidade transmitida pelo entrevistado.

A análise das entrevistas foi feita em três momentos: Num primeiro momento, o grupo de intervenção, constituído por diversas pessoas, incluindo a orientadora e a entrevistadora, reuniu-se e a transcrição das narrativas foi lida em voz alta enquanto os membros do grupo iam partilhando o que o discurso dos sujeitos evocava em si, tendo sempre a linguagem psicanalítica como referencial de expressão.

Num segundo momento, foi realizada, pela entrevistadora, uma análise individual de cada uma das narrativas, procurando destacar as temáticas mais relevantes que daí surgiram, resultando assim, três grandes temas da análise da narrativa de Júnior: A Procura de Um Lugar – O Processo de Formação de Identidade; A Representação do Masculino (Paterno) e do Feminino (Materno); e A Procura de Identificações e três grandes temas da análise da narrativa de Adanna: A Representação do Masculino; A Representação do Feminino; e O Processo de Formação de Identidade.

Para o processo de análise dos conteúdos destacados como as temáticas mais relevantes de cada uma das entrevistas, foi necessário um aprofundamento de alguns conceitos teóricos. Destaca-se, então, a identificação como um mecanismo central para o processo de formação de identidade (Hollway, 2010) pois será através da organização das identificações – nomeadamente com o masculino e com o feminino – que o sujeito poderá alcançar um sentimento de unidade, constituinte da sua própria identidade (Perlberg, 1999).

Destaca-se, também, a importância da cultura pois, ao compreender que a identidade se desenvolve na relação e na dinâmica entre o individuo e os contextos sociais onde se encontra inserido, podemos compreender o impacto da cultura ao nível dos processos identitários (Seligman & Shanok, 1995).

É, ainda, importante destacar o papel da figura paterna na cultura Cabo-verdiana dado que nesta cultura esta figura é, muitas vezes, uma figura ausente, consequência da emigração surgir como traço identitário deste povo (Dias, 2006). Uma vez que não foi encontrada literatura psicanalítica sobre esta temática, tornou-se importante recorrer à literatura antropológica de forma a melhor observar os participantes como integrantes de uma cultura específica e analisando as narrativas enunciadas à luz de um contexto através do qual os mesmos compreendem o seu mundo, o que permite alcançar uma maior compreensão do que é narrado pelos sujeitos e, conseqüentemente, aceder à sua experiência subjectiva.

Por fim, num terceiro momento, procedeu-se a uma análise conjunta das narrativas, procurando a realização de uma análise comparativa entre os sujeitos participantes deste estudo, onde se puderam observar os elementos comuns e distintivos que se destacaram. Neste último momento de análise das narrativas tornou-se importante compreender e destacar as diferenças que surgiram como consequência da própria diferença de género e da fase de desenvolvimento dos participantes do presente estudo. Tornou-se, ainda, importante compreender de que forma a ausência da figura paterna se revela igualmente impactante ao nível das representações que os participantes elaboram, tanto do masculino, como do feminino, e de que forma essas mesmas representações têm impacto ao nível da formação de identidade dos sujeitos.

## 6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

*“E é mais assim que eu tento viver com o meu pai no estrangeiro, sofrimento, raiva, ira, felicidade, carinho, tudo muito misturado numa bolinha bem pequena e procurar viver com essa bolinha pequena e conviver com essa pessoa, com esse bocadinho de vitalidade e o que seja que esteja ali”*

**Júnior**

### 6.1 Júnior

Após o convite que deu início a esta entrevista – *“Gostava que me falasses sobre a experiência do teu pai não viver contigo”* – Júnior começa por descrever aquela que será a função da figura paterna: *“eu acho que a objectividade de um pai ir ‘pa fora é à base do dinheiro, de procurar um ambiente melhor ‘pá família”*. No entanto, rapidamente, aborda um tema que o grupo veio a destacar como um dos mais centrais e predominantes ao longo do seu discurso, sendo este o reconhecimento de que aquele pai tem outros filhos e a sua procura de ocupar um lugar junto do pai – *“apesar de eu não ser filho... sou, continuo a ser filho dele mas já não sou filho filho... a minha mãe e o meu pai separaram-se então eu não sou aquele filho mais legítimo porque vai à base dos filhos que o meu pai tem com a outra mulher”*. Seguem-se alguns trechos da narrativa de Júnior onde o grupo denotou o surgimento desta temática:

*“(...) sinto-me um pouco à parte, porque os meus irmão têm assim roupa de marca e eu tenho, tenho roupa de marca mas em menor quantidade mesmo”*

*“é um pouco isso, a distinção que eu sinto... sinto-me à parte, é a ti eu trato assim, tens louvores e a ti trato-te.... vá, tas só lá a manter presença, como se eu fosse mais um número de filhos dele”*

De seguida, devido a um lapso no seu discurso, o grupo questionou a sua necessidade de remodelar a forma como vivia a experiência da relação com o pai após a sua ausência, a sua necessidade de criar um novo afecto na ausência – *“eu também tive essa experiência de*

*ele ir 'pó estrangeiro quando eu era mais novo, também acabei por me afeiçoar a isso sem nenhum problema” – o que remete para a necessidade de mudança de algo perante a partida do pai. Ao referir “ele quando está no estrangeiro é muito raro ele comunicar com... acho que é aquilo do roaming, que acho que é caro, então é sempre aquele contacto curto, falamos quê, 30 segundos/ 40”, o grupo verificou que Júnior estava a referir-se às dificuldades sentidas na relação com o pai, o que veio a ser observado de seguida quando o jovem abordou a questão da falta de sinceridade e a possibilidade do pai poder, ou não, cumprir com a sua função: “por acaso é bastante raro quando ele vem e... deixa sempre uma boa quantia de dinheiro, a mim deixa-me sempre 100 euros, aos outros eu não sei, apesar de ele dizer que ‘tá sem trabalho, apesar de eu saber que ele ‘tá com trabalho”.*

O grupo verificou, ainda, que, para além da temática da procura de um lugar junto do pai, já descrita anteriormente, surge na sua narrativa a questão de não existir um espaço exclusivo que possa ser ocupado por si, ou seja, todos os momentos que tem junto do pai devem ser partilhados – *“quando eu estou na minha mãe, ele procura me ir buscar e rodar comigo por todos os sítios e conhecer família (...) e quando eu vou dormir a casa dele é mais à base ele sai e eu fico com o meu irmão... é praticamente, ele leva-me pra conviver mais com o meu irmão, com ele é pouco porque ele sai (...) A única vez que falamos mais foi, acho que houve algum problema nisto do roaming que fizeram, tipo baixaram mesmo os preços ‘pa fora, então acho que falamos por volta dos 20/30 minutos mas não fui só eu, fui eu, o meu irmão, a minha mãe, também o meu primo, porque nesse dia ele ‘tava comigo”.*

De seguida Júnior abordou a possibilidade da morte do pai e o medo que sente quando se confronta com essa possibilidade – *“como ele está em França, aquilo que nós sabemos que está a acontecer agora em França, o terrorismo, sim ele trabalhou, trabalha num sítio que ficou perto de uma explosão dum ataque terrorista e ele passou lá ao pé mesmo, foi um café ou restaurante, eles houve um atentado rebentaram-se lá, sim ele passou de carro lá mesmo, ele diz que sim assistiu a um arrebentamento de um senhor, ele diz que só ouviu o primeiro arrebentamento e arrancou logo” – algo que o grupo relacionou com a ideia de eminência de poder perder o pouco que ainda lhe resta da relação com o pai. Tal foi, ainda, observado quando Júnior refere que, perante as mentiras do pai, não o pode confrontar dado que isso pode conduzir a uma ruptura da relação: “mas é aquilo de, o medo de enfrentar, é aquela pessoa que não tá muito presente, então é aquela pessoa que nós não sabemos a reação que ela vai poder ter naquele momento em que eu irei lhe dizer, comunicar aquilo que estou a sentir (...) aquilo que eu penso, não ia falar comigo, ia retratar que eu sou um... já um filho*

*que também está lá mesmo muito mais 'pa meter presença e que.... iria-me tratar como nada mais do que uma pessoa normal, como um conhecido”.*

Ao longo da sua narrativa Júnior vai introduzindo as diferentes representações que tem da mãe e do pai, explicitando de que forma, ao contrário do pai, a mãe é uma figura constante e presente, ocupando, portanto, dois lugares – o lugar de mãe e de pai – *“como eu sempre vivi mais com a minha mãe e eu retrato a minha mãe como mãe e pai, como o meu pai nunca foi muito presente, retrato a minha mãe como a minha mãe e o meu pai, sempre foi aquela pessoa presente que sempre esteve comigo, e o meu pai, bom é o meu pai mas.... o meu pai de forma diferente, como eu digo, como é aquela distinção, a minha mãe é a minha mãe e o meu pai, ele é só o meu pai mas ele é um bocado, é uma imagem que está lá e que tenho de praticamente viver com ela, não é uma imagem que está lá e presente, que toda a gente comunica, que convive e fala, é aquela personagem que está lá, como eu disse à bocado, pouco, só 'pa manter a presença”.* Seguindo o seu discurso, o grupo verificou que Júnior vai levantando a questão do tratamento do pai ser distinto na relação consigo e com os seus irmãos, algo que se poderia resolver caso o pai contribuísse de uma forma mais regular e, simultaneamente, vai, também, elaborando a questão do afastamento do pai, sobretudo nas fases mais difíceis, o que nos levou a pensar que, para Júnior, o pai é transitório, não se pode contar, não se pode esperar – *“é que é (mãe) realmente aquela pessoa presente, aquela pessoa que vive mas também aquela pessoa que sofre mais, se eu tiver uma nega ela é que fica triste, não é o meu pai que está lá, se eu se acontecer alguma coisa, eu ficar doente, é ela que fica triste, é ela que paga o hospital não ele, são essas partes que às vezes me tocam a sério, o porquê de mentir, o porquê de, eu vou ser sincero, eu também minto ao não ter a capacidade de ser frontal e de lhe dizer “pá porque é que me mentes, porque é que me enganas, eu sei quanto é que tu recebes”.*

Ao longo da narrativa Júnior vai elaborando a possibilidade de aproximação ao pai, no entanto, essa aproximação acarreta uma série de perdas dolorosas – *“se eu for 'pa França poderei-me habituar e arranjar novos amigos mas há tantos anos que eu estou aqui, sair daqui e ir 'pa outro sitio será um pouco doloroso (...) Então é mais isso que eu fico, se eu for pra lá não vou me sentir bem, vou-me sentir triste, vou-me sentir mal, vou-me sentir com saudades de casa, e também aquilo, se eu for pra lá, não vou ca minha mãe, e é aquilo que vai mais doer mesmo a sério. Não ter a minha mãe ao pé de mim vai ser um pouco, um pouco não, vai ser mesmo doloroso, vai ser forte”* – nomeadamente, o afastamento da mãe. Pela impossibilidade de poder ter o pai e a mãe em simultâneo, o grupo acredita que Júnior já se

projecte num futuro sem pai nem mãe, futuro este que acarreta em si uma traça de transmissão geracional em que, para já, fica porque ainda é pequeno e precisa da mãe mas, mais tarde, segue o caminho do pai em que sai para procurar algo planificando, desta forma, aquela que é a sua história – *“quando temos a mãe, aquela capacidade de comunicar com ela, conversar com ela, acarinhá-la, ser acarinhado, não é a mesma que eu vou acarinhar, que o meu pai irá-me acarinhar (...) Isso só se eu tipo fosse mais velho, tivesse por volta dos 20/30 anos, 20/30 não, 20/20 e tal anos, tivesse aquela capacidade de já sou adulto tenho de criar a minha vida, tenho de procurar o meu sonho, procurar a minha boa forma de viver, e pronto, escolher o meu caminho e seguir sempre em frente, por aqui é que é caminho, sempre em frente. Esquecer as coisas ‘pa trás e caminhar ‘pá frente, procurar uma boa forma de vida, e é isso que eu retrato se eu fosse mais velho até poderia ir ‘pa França”* .

De seguida Júnior explica o que é, no seu entender, o ‘Homem Cabo-verdiano’: *“o meu pai é um típico Cabo-verdiano, é um Cabo-verdiano mesmo original (...) tem muitas mulheres, muitos filhos, é muito tradicional, muito rígido”* e relaciona estas características com a possibilidade eminente de ser excluído desta relação – *“esse momento comigo já presenciei e já assisti, já senti na pele, uma negativa que eu tenha, ele procura, se eu pró ano, pró próximo período quando eu voltar se eu tiver negativa nessa parte, eu e tu vamos conversar bem, é mais essa parte, maléfica dele que eu procuro não desafiar, procuro sim conhecer, se eu fosse ‘pa lá sim procuraria conhecê-lo melhor mas não em base de chegar ao limite, como eu disse, não lhe desafiar, porque se eu lhe desafiar tenho aquele pressentimento de que ele não vai reagir bem e me irá excluir”* – o que levou o grupo a questionar a possibilidade de desafiar ser o mesmo que enfrentar, confrontar, passar os limites ou conhecer, ou seja, qualquer contacto mais próximo levará sempre ao sentimento de exclusão, sendo tudo isto variações do mesmo tema – o afecto do pai por ele.

Mais à frente na sua narrativa, Júnior descreve a sua mãe como uma figura sincera mas, simultaneamente, descontrolada – *“a minha mãe não, a minha mãe é aquela pessoa que como se costuma dizer “cara podre”, ela vai ser sincera, verdadeira contigo e vai-te dizer a verdade na cara! (...) sintas dor ou não sintas ela não quer saber, ela ‘tá-te a dizer a verdade e aguentas não aguentas ela não quer saber”* – relacionando essas características com as dificuldades existentes na relação entre a sua mãe e o seu pai – *“a minha mãe teve uma grande discussão com o meu pai porque a minha mãe foi frontal com ele, verdadeira e disparou-lhe tudo na cara”*. De seguida descreve a forma como a discussão que os pais tiveram teve impacto em si: *“nesse dia eu ia medir a tensão, eu, dentro de mim, como já estou*

*habitado a essa pequenas discussões deles, não me afectou mas eu pensei que não me afectou, por dentro o meu sistema estava completamente maluco, tinha a tensão completamente alta, acho que ‘tava nos mil e qualquer coisa, ‘tava num número alto (...) mexeu comigo mas não mexeu porque eu não senti nenhuma diferença mas o meu corpo demonstrou bem isto é grave, é mau, agora vamos-te demonstrar como tu estás e como isso não te está a tocar mentalmente mas fisicamente está-te a tocar, está-te a modificar”*. Perante este discurso o grupo concluiu que há um reconhecimento de que, perante o confronto entre a mãe e o pai, há uma grande desorganização e que, apesar do esforço efectuado para ser contido e controlado como o pai, o corpo não obedece e descontrola-se como a mãe. Júnior identifica o lado descontrolado à figura materna e o lado controlado à figura paterna, no entanto, apesar da sua procura de identificação ao lado masculino, o próprio corpo não o permite. O grupo acredita que Júnior não possa relacionar-se com o pai mantendo as características da mãe e, simultaneamente, se for ter com o pai mantendo as características que possui aqui, vai perdê-lo, dificultando a relação com o paterno e com o materno. Ao nível das identificações, é necessário que abandone a órbita materna e procure a órbita paterna, o que conduz a que esteja numa confusão pois não pode procurar o paterno sem perder o materno – ainda não desenvolveu o seu próprio caminho para se encontrar com o pai.

Por fim, o grupo denotou, ainda, que o próprio investimento que Júnior faz nas várias relações é totalmente diferente pois, o investimento que faz na relação com a mãe e com a tia são muito superiores ao investimento que faz na relação com o pai o que se tornou notório na descrição que faz das prendas oferecidas a todos eles – *“dia da mãe, ainda me lembro que peguei uma foto da minha mãe (...)desenhei a cara da minha mãe (...)naquele tempo até quase levei um enxerto de porrada, ao pé da minha casa havia um senhor que tinha uma... acho que se diz roseira, e tinha lá uma roseira e ele tinha uma roseira não como nós todos vemos com uma rosa vermelha, uma roseira de 1001 cores, era à volta da casa a subir, então eu entrei, estavam muitas cá pra fora, eu tinha uma tesoura, tirei e cortei (...)a meio, lembro-me que estava a cortar uma rosa branca, ele acho que ‘tava a passar ao pé da casa dele e apanhou-me! (...)acabei por meter as rosas no saco, e o senhor tinha um pau que ‘tava ao lado, ele agarrou no pau, então ele apanhou-me o braço (...)então apanhei o pau e mandei-lhe uma marretada na cabeça... foi isso mas era só aquela raiva, não ‘tas-me a deixar fazer um presenta pá minha mãe!”*; *“é isso é um presente que eu não faria, o presente que eu sempre fiz para o meu pai... o que é que eu faço para o meu pai (faz o gesto na mesa como se fizesse algo sem interesse e como se estivesse a escrever) “feliz dia do pai”... até que, isso*

*começou a ser quando eu já tinha 1º, 4º, 3º ano, que já se fazia aqueles presentes do dia da mãe, foi mais assim e eu não... parei de fazer aqueles presentes bem ilustrados com amor e carinho, todo o carinho e amor que estava ali representado não era igual ao que eu fazia sempre pra minha mãe, não tinha, como se diz, conteúdo, era muito básico, era só pa “olha toma”, e ainda está na minha casa...”; “a minha tia sim, então como eu gostava bastante dela, chamava-se Marta, gostava muito dela, eu procurei emoldurar a foto dela e como eu não sabia que se desse com perfume na foto iria estragar a foto, eu fiquei “wow estraguei isto, meu deus...” meti perfume, procurei limpar mas estraguei aquilo tudo, mas afinal ainda tinha uma cópia, não era uma cópia, era diferente, a outra era mais bonita mas aquela também era bonita, continuava a ser ela! bastava só ser ela e era significativa, então aquilo que eu fiz pra ela até hoje está na casa dela”.*

## **6.2. Análise dos Grandes Temas do Júnior**

### **6.2.1 A Procura de um Lugar – O Processo de Formação de Identidade**

A adolescência é uma fase de grande importância para o processo de formação de identidade (Seligman & Shanok, 1995), sendo que esta se vai construindo no seio das relações que o sujeito vai desenvolvendo no mundo externo, relações estas que serão mediadas pelo seu mundo interno (Hollway, 2010).

Hartmann (1950, cit. in Erikson, 1968) descreve a identidade como a ‘Representação do Eu’ surgindo, esta representação, de um trabalho do ego, em que a acentuação selectiva de identificações significativas e a gradual integração de imagens do eu, nomeadamente do lugar que ocupa e dos papéis que desempenha, irão culminar num sentimento de identidade (Erikson, 1968).

Exposto isto, ao longo da sua narrativa, Júnior vai explicitando de que forma não sente que tenha um lugar definido junto do pai, relacionando esse facto com a relação que o seu pai tem com os seus irmãos e com a sua partida, como se pode observar em alguns dos trechos onde o grupo denotou esta temática na sua narrativa:

*“apesar de eu não ser filho... sou, continuo a ser filho dele mas já não sou filho filho... a minha mãe e o meu pai separaram-se então eu não sou aquele filho mais legitimo porque vai à base dos filhos que o meu pai tem com a outra mulher”*

*“os meus irmãos que são os filhos actuais dele, são aqueles filhos que são com a mesma mulher, que ele está este momento”*

*“sinto-me um pouco à parte, porque os meus irmão têm assim roupa de marca e eu tenho, tenho roupa de marca mas em menor quantidade mesmo”*

*“é um pouco isso, a distinção que eu sinto... sinto-me à parte, é a ti eu trato assim, tens louvores e a ti trato-te.... vá, tas só lá a manter presença, como se eu fosse mais um número de filhos dele”*

Segundo Kernberg e Richards (1988) a observação da forma como os pais se relacionam com os irmãos, assim como a comparação que o sujeito faz entre essa observação e a forma como os mesmos se relacionam consigo, têm impacto ao nível da identidade do sujeito. Assim, é possível denotar que, a comparação que efectua entre a forma como o pai se relaciona com os seus irmãos – os *“filhos actuais”* – e a relação que mantém consigo – *“mais um número”* – mobiliza um desejo de encontrar uma posição – de definir uma identidade na relação – o lugar de ‘filho mais legítimo’, aquele que está ao lado do pai.

A tomada de consciência da diferenciação existente entre si e os seus irmãos parece, também, ser mobilizadora de esforços para compreender o lugar que ocupa na relação e de que forma poderá ocupar uma posição junto do pai - *“tento procurar essa medida e tentar perceber o que é que me diferencia de eles e eu, apesar de eu sempre ser verdadeiro, nunca inventar, tento procuro sempre ser honesto e verdadeiro quando estou com ele”*. No entanto, ao descrever os esforços efectuados, parece relacionar a distinção sentida com uma falha sua (Sharpe & Rosenblatt, 1994), o que remete para um sentimento de insuficiência, constituinte da sua própria identidade.

A ausência da figura paterna, bem como a representação que elabora da mesma, parecem conduzir a uma ideia de eminência de poder perder o pouco que lhe resta e, simultaneamente, a uma necessidade de se ajustar à posição que ocupa, sempre com a consciência de que, no caso de levantar a questão da ausência e da diferenciação, perde o seu lugar.

Quando Júnior refere que *“é aquilo de, o medo de enfrentar, é aquela pessoa que não tá muito presente, então é aquela pessoa que nós não sabemos a reacção que ela vai poder ter naquele momento em que eu irei lhe dizer, comunicar aquilo que estou a sentir (...) é mais essa parte, maléfica dele que eu procuro não desafiar, procuro sim conhecer, se eu fosse ‘pa lá sim procuraria conhecê-lo melhor mas não em base de chegar ao limite, como eu disse, não lhe desafiar, porque se eu lhe desafiar tenho aquele pressentimento de que ele não vai*

*reagir bem e me irá excluir*” permite-nos aceder à sua noção de que desafiar o pai é o mesmo que enfrentá-lo, confrontá-lo, passar os limites ou conhecê-lo, ou seja, qualquer contacto mais próximo levará sempre à sua exclusão, sendo tudo isto variações do mesmo tema – o afecto do pai por ele. Permite-nos, ainda, compreender que Júnior não conhece, realmente, o pai e que, por isso, também ele não se pode dar a conhecer, impossibilitando o desenvolvimento de uma relação onde exista espaço para o desenvolvimento do que Ogden (1994/1999, cit. in Hollway, 2010) apelidou de ‘terceiro’. Por outras palavras, o movimento entre a subjectividade de duas pessoas, o encontro entre duas pessoas, a um nível psíquico, onde ambos se recriam, criando um terceiro espaço – a intersubjectividade – nesta relação dual. No entanto, é através da intersubjectividade inconsciente que a identificação – parte complementar da formação de identidade – se pode construir (Hollway, 2010). Assim, esta dificuldade poderá complicar o seu processo de formação de identidade.

O espaço que Júnior ocupa junto do pai tem, necessariamente de ser partilhado, não existindo, portanto, uma exclusividade – *“ele leva-me pra conviver mais com o meu irmão, com ele é pouco porque ele sai, vem à tarde, pode-nos ir buscar pra sair mas ele vem-nos buscar, como ‘tô lá saímos, voltamos mais cedo e ele volta a sair, ficamos mais praticamente eu e o meu irmão, convivemos mais nós (...) A única vez que falamos mais foi, acho que houve algum problema nisto do roaming que fizeram, tipo baixaram mesmo os preços ‘pa fora, então acho que falamos por volta dos 20/30 minutos mas não fui só eu, fui eu, o meu irmão, a minha mãe, também o meu primo, porque nesse dia ele ‘tava comigo’*. No entanto, perante a sua elaboração da possibilidade de aproximação ao pai, Júnior vai-se confrontando com as perdas dolorosas que essa aproximação acarreta, nomeadamente a necessidade de afastamento da mãe para a possibilidade de aproximação do pai – *“se eu for pra lá (ter com o pai) não vou me sentir bem, vou-me sentir triste, vou-me sentir mal, vou-me sentir com saudades de casa, e também aquilo, se eu for pra lá, não vou ‘ca minha mãe, e é aquilo que vai mais doer mesmo a sério”*.

Segundo Alisson e Sabatelli (1988), no contexto de transição da infância, para a adolescência e para a idade adulta, é requerido um processo no qual a criança desenvolve um sentido de identidade no qual as relações com os pais se vão reconstituindo para um nível mútuo e mais maturo. Tal implica que o processo de individuação seja uma extensão do desenvolvimento da família e requer que a família seja analisada como um determinante significativo para o desenvolvimento do indivíduo. O processo de individuação não diz respeito, unicamente, à separação ou autonomia, mas também à continuidade do indivíduo no

contexto da relação (Karpel, 1976; Youniss, 1983). O desenvolvimento irá implicar uma dinâmica contínua entre a separação e a conexão, no entanto, pelo facto de Júnior ainda se encontrar a passar o processo adolescente, ainda não desenvolveu a capacidade de se autonomizar e, como tal, ainda se apresenta numa dinâmica entre a dependência e a independência (Winnicott, 1958). Este movimento poderá ajudar na compreensão desta dinâmica narrada por Júnior em que, por um lado procura a relação com o pai, no entanto, por outro lado, pelo facto de não poder ter a mãe e o pai em simultâneo, parece ainda não ter conseguido estabelecer o seu próprio caminho para ir de encontro a essa mesma relação, surgindo o afastamento do pai para aproximação da mãe.

### **6.2.2 A Representação do Masculino (Paterno) e do Feminino (Materno)**

Segundo Ramos (2009), na cultura Cabo-verdiana, o lugar de ‘mãe solteira’ foi sendo instaurado sem qualquer sentido discriminatório, o que, em conjunto com a habitual emigração da figura paterna (Dias, 2006), conduziu a uma elevada taxa de lares matrifocais.

Habitualmente, os agregados domésticos das famílias Cabo-verdianas carecem da figura paterna e, mesmo quando esta está presente, o apoio fornecido pela mesma parece limitar-se a questões financeiras, levando a que as mães assumam o papel de chefes de família (Ramos, 2009).

Exposto isto, Júnior descreve a função do pai como a de enviar dinheiro e de promover uma vida melhor ao filho e à sua família – *“eu sempre esperei quando ele fosse para o estrangeiro à base de procurar dinheiro, bom estar e... e... e sempre que vir, quando ele vem, ajudar a família, dar um pouco do que ele ganha”* – no entanto, questiona a possibilidade do pai cumprir essa mesma função – *“por acaso é bastante raro quando ele vem e... deixa sempre uma boa quantia de dinheiro, a mim deixa-me sempre 100 euros, aos outros eu não sei, apesar de ele dizer que que ta sem trabalho, apesar de eu saber que ele tá com trabalho”*.

Relativamente à mãe, Júnior descreve-a como ocupando dois lugares – o lugar de mãe e de pai *“eu retrato a minha mãe como mãe e pai”* – esta é uma figura presente em todas as situações, ao contrário do pai, que descreve como uma *“imagem”*, permitindo denotar a sua ausência, o que se pode observar quando diz *“como eu sempre vivi mais com a minha mãe e eu retrato a minha mãe como mãe e pai, como o meu pai nunca foi muito presente, retrato a minha mãe como a minha mãe é o meu pai, sempre foi aquela pessoa presente que sempre*

*esteve comigo, e o meu pai, bom é o meu pai mas.... o meu pai de forma diferente, como eu digo, como é aquela distinção, a minha mãe é a minha mãe e o meu pai, ele é só o meu pai mas ele é um bocado, é uma imagem que está lá e que tenho de praticamente viver com ela, não é uma imagem que está lá e presente, que toda a gente comunica, que convive e fala, é aquela personagem que está lá, como eu disse à bocado, pouco, só 'pa manter a presença'.*

Esta representação da figura materna/ feminino parece ser consequência da representação que elabora da figura paterna/ masculino, ou seja, a relação com a figura materna vai sendo potenciada e fortalecida pelo próprio afastamento da figura paterna (Dias, 2006).

Ao longo do seu discurso, Júnior vai levantando questões relacionadas com a ausência do pai, principalmente nos momentos mais difíceis. A figura paterna surge, assim, como uma figura transitória, alguém com quem não se pode contar, de quem não se pode esperar, ao contrário da mãe, que está presente em todos os momentos – *“é que é realmente aquela pessoa presente (mãe), aquela pessoa que vive mas também aquela pessoa que sofre mais, se eu tiver uma nega ela é que fica triste, não é o meu pai que está lá, se eu se acontecer alguma coisa, eu ficar doente, é ela que fica triste, é ela que paga o hospital não ele, são essas partes que às vezes me tocam a sério”*. A mãe surge, então, com uma participação activa na sua vida, em todos os momentos, ao contrário do pai que não tem qualquer envolvimento na vida de Júnior existindo, não só, uma ausência física mas, também, uma ausência psicológica (Dias, 2006).

Na narrativa de Júnior, o pai surge descrito como o lado controlado mas, simultaneamente, perigoso devido à possibilidade eminente de ruptura da relação – *“o medo de enfrentar, é aquela pessoa que não tá muito presente, então é aquela pessoa que nós não sabemos a reação que ela vai poder ter naquele momento em que eu irei lhe dizer, comunicar aquilo que estou a sentir (...) aquilo que eu penso, não ia falar comigo, ia retratar que eu sou um... já um filho que também está lá mesmo muito mais 'pa meter presença e que.... iria-me tratar como nada mais do que uma pessoa normal, como um conhecido”*, o que remete para uma representação do paterno como desconhecido, ausente (Dias, 2006). Por outro lado, a mãe é descrita como o lado descontrolado mas sincero, potenciador da relação – *“a minha mãe é aquela pessoa que como se costuma dizer “cara podre”, ela vai ser sincera, verdadeira contigo e vai-te dizer a verdade na cara, sintas dor ou não sintas ela não quer saber, ela ‘tá-te a dizer a verdade e aguentas não aguentas ela não quer saber, vais levar com ela na cara e espero que percebas com ela!”*.

Exposto isto, é possível compreender que, ao contrário do que antes era observado, em que existia uma ideologia patriarcal que tinha a sua génese na autoridade do homem em relação à mulher (Dias, 2006), Júnior descreve a mãe como sendo, ela própria, a autoridade, o que poderá estar relacionado com o que foi observado por Massart (2013) pois, segundo o autor, as relações de género foram-se alterando ao longo dos 20 anos em que realizou o seu estudo. O autor refere que as mulheres começaram a ser mais duras na relação com os homens, começaram a assumir a sua individualidade, deixaram de se sentir compelidas a submeter-se às regras do homem e começaram a gerir-se bem economicamente. Simultaneamente, as mulheres começam, também, a ganhar um maior poder em relação ao homem (Dias, 2006).

Por fim, Júnior realiza, ainda, uma breve descrição da sua representação do homem Cabo-verdiano, no entanto, não são pontuadas quaisquer qualidades - “*o meu pai é um típico Cabo-verdiano, é um Cabo-verdiano mesmo original (...) tem muitas mulheres, muitos filhos (...)é muito tradicional, muito rígido*”. Esta descrição realizada por Júnior pode revelar a diferenciação sentida entre si e o seu pai pois, tal como defendem Bouche, Skandrani e Moro (2007), o adolescente filho de pai migrantes procura encontrar o seu próprio lugar e, para tal, por vezes, pode questionar a cultura dos pais e os códigos e valores transmitidos pela mesma, dado que a cultura em que se encontra inserido, por vezes não se rege pelos mesmos valores. Assim, esta percepção do distanciamento entre aquilo que lhe é transmitido pela sua família e os valores do país que habita, pode levar a que a transmissão dos valores seja conflictual.

Nesta descrição, e tendo em conta o que temos vindo a compreender, podemos observar, também, que o facto do pai ter “*muitas mulheres*” e “*muitos filhos*” poderá surgir como causa para o seu distanciamento em relação a Júnior, o que é descrito na bibliografia (Dias, 2006) como uma das causas para o afastamento paterno e para o reforço da autoridade doméstica materna.

### **6.2.3 A Procura de Identificações**

Segundo Freud (1921: 105, cit. in Hollway, 2010), “*a identificação é conhecida, pela psicanálise, como a primeira expressão de uma ligação emocional com outra pessoa*”. Hollway (2010), defende que a identificação é central para o processo de formação de identidade pois, a identidade irá resultar de um esforço de organização das identificações –

nomeadamente com o masculino e com o feminino – como forma de alcançar um sentimento de unidade (Perelberg, 1999).

Exposto isto, ao longo da sua narrativa, Júnior vai procurando elaborar a possibilidade de aproximação à figura paterna, no entanto, pelas características da mesma, já anteriormente descritas, essa aproximação vê-se dificultada e, simultaneamente, acarreta diversas perdas dolorosas, nomeadamente, o afastamento da mãe, o que nos leva a pensar que perante a possibilidade de identificação à figura paterna surja a possibilidade de perda da figura materna – *“se eu for pra lá, não vou ‘ca minha mãe, e é aquilo que vai mais doer mesmo a sério”* . Desta forma, o jovem procura a identificação com a figura materna – *“porque a minha mãe é como eu, é frontal, mas só que eu sou frontal pra outras ocasiões e pra outras pessoas”* – no entanto, se adoptar o lado honesto e sincero da mãe, surge o risco de perder o pouco que lhe resta da relação com a figura paterna, bem como com os familiares da parte do pai – *“é assim que eu penso, se eu lhe for frontal, ele vai-me tratar mal e vai fazer com que outras pessoas me tratem de uma forma diferente. Então é mais à base disso que eu procuro não ser frontal, porque eu tenho medo de lhe enfrentar e as coisas correrem mal”*.

É, assim, possível compreender que, uma vez que Júnior se encontra a passar o processo adolescente, ainda não é capaz de aceder à possibilidade de unir e integrar as características que relaciona com a representação do feminino e do masculino, como forma de constituir a sua própria identidade. Desta forma, Júnior não pode adoptar uma identificação à representação do feminino pois, isso implica uma perda do paterno, no entanto, também não pode adoptar uma identificação à representação do masculino pois, isso implica uma perda do materno.

Mais adiante, quando Júnior aborda uma discussão que presenciou entre os pais, torna-se claro que há um reconhecimento de que quando a mãe e o pai se confrontam – provavelmente dentro de si – há uma desorganização e, se por um lado procura ser contido e controlado como o pai, por outro lado o corpo não lhe obedece e descontrola-se como a sua mãe – *“eu, dentro de mim, como já estou habituado a essas pequenas discussões deles, não me afectou mas eu pensei que não me afectou, por dentro o meu sistema estava completamente maluco, tinha a tensão completamente alta, acho que ‘tava nos mil e qualquer coisa, ‘tava num número alto”*. Há, portanto, uma procura de identificação ao lado masculino, no entanto, é o próprio corpo que não o permite – *“mexeu comigo mas não mexeu porque eu não senti nenhuma diferença mas o meu corpo demonstrou bem isto é grave, é mau, agora vamos-te*

*demonstrar como tu estás e como isso não te está a tocar mentalmente mas fisicamente está-te a tocar, está-te a modificar”.*

No entanto, perante a impossibilidade de ter o pai e a mãe em simultâneo, Júnior projecta-se no futuro sem nenhum dos dois – *“Isso só se eu tipo fosse mais velho, tivesse por volta dos 20/30 anos, 20/30 não, 20/20 e tal anos, tivesse aquela capacidade de já sou adulto tenho de criar a minha vida, tenho de procurar o meu sonho, procurar a minha boa forma de viver, e pronto, escolher o meu caminho e seguir sempre em frente, por aqui é que é caminho, - sempre em frente. Esquecer as coisas ‘pa trás e caminhar ‘pa frente, procurar uma boa forma de vida”.*

Esta busca de traçar o seu próprio caminho, parece remeter para um futuro de identificação ao universo paterno do precário, incerto e desconhecido, em que deixa tudo para trás na busca de fixar um lugar no mundo, sendo esse lugar a sua partida. Kaes (2001, cit. in Salvatore & Marques, 2015), considera a identificação como o principal mecanismo envolvido no processo de transmissão psíquica entre gerações e defende que, neste processo, é transmitido aquilo que sustenta a continuidade narcísica, a manutenção dos laços intersubjectivos, a conservação da complexidade da vida: ideias, mecanismos de defesa, identificações, certezas e dúvidas. Este tipo de transmissão é chamado de transmissão psíquica intergeracional e assume as conexões e transformações entre gerações (Granjon, 2000, cit. in Salvatore & Marques, 2015). Exposto isto, esta *partida* remete-nos para uma traça de transmissão psíquica em que o lugar do homem é sair existindo, portanto, uma planificação que vai de encontro àquela que é a sua história – o pai fica enquanto necessita de estar, depois parte e deixa as mulheres e filhos para trás – ou seja, há uma projecção num futuro de identificação ao paterno e de construção de uma identidade masculina.

Por fim, apesar das dificuldades apresentadas por Júnior ao nível do desenvolvimento de identificações com o lado masculino e feminino, não anula a possibilidade de ter ambos os lados representados o que conduz a que, pelo facto do pai não ser verdadeiro e honesto, tenha o tio como seu aliado que lhe conta a verdade que o pai lhe procura omitir – *“se ele recebe 1000 do fundo provavelmente não recebe 1000 do trabalho, recebe muito mais, eu sei que ele recebe porque o meu tio veio já há una 7 meses, foi para ficar, que ele recebe, porque eles trabalham juntos, recebe 7500”.* Simultaneamente, pelo facto da mãe representar o descontrolo e a rigidez, tem a tia como representante de uma figura feminina carinhosa – *“ela (tia) disse “olha sabes o que é que eu agora bati e deixei cair?” e eu vejo aquilo, “aquela moldura que fizeste pra mim” e eu fiquei “wow ela ainda tem aquilo!”, pensei que ela tinha*

*deitado aquilo 'pro lixo, aquilo tocou-me! Senti que ela gostou daquilo, que foi importante! É algo que fez com que, bom, ela importa-se! Ligou aquilo que eu lhe fiz".*

### **6.3. Adanna**

Adanna dá início à sua narrativa ao dizer que a ausência da figura paterna já se tornou habitual para si, enquadrando-a numa época da sua vida: *"eu acho que eu já estou tão habituada a não viver com o meu pai, em diversas coisas, o meu pai viveu comigo até aos 6 anos, até eu entrar para a escola primária"*.

De seguida a participante refere *"depois comecei a ver violências dentro de casa"*. Ao introduzir a violência como algo que surge após a saída do pai, e não anteriormente à mesma, o grupo questionou a possibilidade do pai surgir com uma função reguladora, algo que poderá ser analisado no seguimento da narrativa. Adanna volta a introduzir o pai, desta vez realizando uma associação entre o pai e o mal que surge à mãe – *"o meu pai às vezes surtava-se, seria capaz de tentar fazer coisas prontas, a minha mãe até já foi parar ao Júlio de Matos por causa de disso, a minha mãe apanhou um AVC, depois a minha mãe veio descobrir que tinha um maligno na mama direita há 4 anos, recuperou-se, tratou-se, depois após desses 4 anos, a entrada em 2016 há uns meses atrás descobriu que tinha outro maligno na outra mama esquerda"*, no entanto, este 'mal' surge após a saída do pai.

Ao introduzir a mãe na sua narrativa, Adanna refere: *"a minha mãe já é uma senhora inválida, posso dizer, a minha mãe é inválida mas em termos de andar, sair, passear, ir sozinha para o hospital, que às vezes nós não temos muita condições, ou não conseguimos muito 'pa ir lá ter ou ir ter também temos as nossas coisas a fazer, ela consegue!"*. O facto de parecer surgir uma atrapalhação ao nomear as doenças da mãe, condensando a sua ida ao Júlio de Matos, o AVC e os cancros, juntamente com as dificuldades que apresenta na elaboração da representação da mesma, evocando-a numa dinâmica inválida vs. capaz, levou o grupo a pensar que possa existir um desconhecido sobre esta mãe.

No seguimento da sua narrativa, Adanna diz *"o meu pai também fez muitas coisas que não devia 'né? Eu também fui traumat... apanhei um trauma na escola, batia, não me concentrava, tinha muitas dificuldades... ah... qualquer coisa respondia mal à professora... e isso mexia muito comigo"*. O pai da participante saiu de casa quando esta entrou na escola, assim, o grupo questiona-se se terá sido esta saída a causadora dos problemas que vai

narrando e não a sua presença. Na continuação deste relato, a participante fala sobre uma doença que a irmã teve e a falta de participação do pai nessa situação – “*O meu pai também não, não, não se empenhou muito, não ligou muito a essa questão, à parte da minha irmã estar doente*” – o que conduziu o grupo a pensar que Adanna mantém uma expectativa que não formula sobre este pai, ou seja, ele não está presente mas ela continua a convocá-lo por ele não fazer determinadas coisas que ela acredita que ele deveria fazer.

De seguida, a participante relata uma situação que ocorreu quando começou a namorar: “*comecei a namorar com os 18, ele não achou muita piada por um dia eu dormir fora, por eu não ter dito que (...) por eu dormi fora, dormi fora de casa, eu não dormi fora, foi o ano passado era verão, foi num verão, eu só quis foi curtir a vida, só quis ‘tar ao pé do meu namorado, pá, seja o que Deus quiser, ‘tavamos em casa e prontos, arrumei as minhas coisas e fui-me embora e ele inventou pá minha mãe que eu deixei o recado a dizer que eu ia dormir na casa da minha irmã, mas era mentira porque eu não deixei nenhum recado*”. O pai surge, aqui, como uma figura reguladora da sexualidade da filha, sendo ele que dá conta da saída da filha para ir dormir com o namorado e agindo perante isso. Mais adiante, Adanna introduz uma situação semelhante que ocorreu com a sua irmã (que não é filha deste pai) – “*o meu pai já teve uma altura que meteu a minha irmã na rua (...) o meu pai não gostava porque a minha irmã saía, ia para as discotecas*” – o que conduziu à compreensão de que o pai não vem regular apenas a sexualidade da sua filha, mas também das suas irmãs.

Ao voltar a abordar a temática da sua relação com a figura materna volta a sugerir ao grupo a ambivalência da relação pois, por um lado Adanna evoca uma relação onde não existe espaço para a partilha – “*eu sou uma daquelas que sou muito fechada pá minha mãe, não consigo lhe contar nada, o que se passa, o que não se passa*” – de seguida representa a possibilidade de desenvolvimento dessa mesma relação – “*depois dos 18/ 17, comecei a desenvolver, comecei a ter aquela química com a minha mãe, aquela relação entre mãe e filha*” – no entanto, volta a desconstruir essa possibilidade – “*mas eu posso dizer que nunca tive aquela grande, forte amizade com a minha mãe*”.

Adanna refere que a mãe tem nove filhos, todos eles de pais diferentes, representando todos estes pais como semelhantes: “*ela sofreu muito nas mãos dos pais das minhas irmãs, maltrataram muito, que depois, comigo faz nove irmãos (...) todos da minha mãe, mas nenhum é, os pais são todos diferentes, porque a minha mãe só quis, prontos ter o espaço dela, tentar ser feliz, mas afinal afinal a minha mãe tinha um dedo, tem um dedo podre para escolher maridos!*”. No seguimento da sua narrativa, a participante refere-se ao seu pai como

devendo ter uma função paterna com todos estes filhos: *“sabe o que é que é ter nove filhos e o pai não ajuda? Só pensa em beber no café, chegar dentro de casa e fazer confusão e não saber chegar ao final do mês e dizer “olha tens que encher a arca e o frigorífico para as tuas filhas comerem, que é pra elas, não é pra mim?”*.

Volta, mais uma vez, a surgir uma ambivalência na representação da figura materna: *“porque a minha mãe foi mesmo uma guerreira, foi foi... apesar de todo o sofrimento, porque também quando ela era mais nova, ela veio pa Cabo-Verde ah, já foi o quê? 50 e tal anos ou 40 e tal anos que ela já não vai ‘pa Cabo-Verde, e a minha irmã mesmo diz ‘olha tu tens que ir ‘pa Cabo-Verde, tens que ir lá ver a tua família e não sei quê’ mas sabe? Eu digo, à minha mãe ‘pa nunca ir ‘pa Cabo-Verde, porque se eu sei que ela foi ‘pa Cabo-Verde ela já não volta (emociona-se), não volta em termos de não voltar, ela já não sobrevive, fica lá, morre lá”*. Por um lado, a mãe é descrita como uma guerreira, no entanto o grupo começa a questionar a possibilidade de Adanna observar a mãe como uma inválida, como alguém que na ausência das filhas morre, surgindo a questão de talvez existir um desejo que este pai venha organizar esta mãe e esta família pois, quando refere o AVC da mãe, a participante parece condensar os acontecimentos, Adanna refere-se a esse acontecimento como relacionado com a presença do pai, no entanto, talvez tenha sido devido à ausência do mesmo que o AVC foi despoletado, sugerindo que é na ausência da figura paterna que a mãe fica doente.

No seguimento da narrativa, Adanna fala sobre uma irmã que tem mas com a qual não cresceu pelo facto do pai não ter permitido que a sua mãe a levasse consigo – *“o pai da minha irmã lhe tirou da minha mãe e a minha mãe diz que ficou à procura, à procura, que depois o pai da minha irmã disse que ia-lhe matar”*. Na continuação deste relato, a participante volta a evocar os pais das suas irmãs e o seu próprio pai – *“os meus pais das minhas irmãs, tanto como eu falo dos pais das minhas irmãs, tanto que eu falo do meu, ‘pá não são flores que se cheirem, são uns ‘pá, mas eu também não sei o que é que a minha mãe viu neles, ‘pá a gente que não da para... ‘pá o meu pai não é flor que se cheire mas das coisas que a minha mãe conta da vida que passou e não sei quê, das pancadas que apanhou”*. De seguida, ao apontar para uma marca que tem na sua testa, conta: *“tá a ver, tenho um sinal aqui, ‘né? um sinal, por exemplo, foi um dia que eu ‘tava sentada, ‘tava a comer, não sei se ele ‘tava bêbedo, nessa altura ‘tava frio, de repente deu-me um pontapé, bem... a minha mãe começou a gritar ‘tu já mataste a miúda’, ah, você ‘tá a ver quando ‘tá tudo em paz e sossego e de repente tem que entrar sempre uma pessoa ‘pa destabilizar”*. Através destes relatos o grupo depreende que há

uma associação do masculino a uma força tremenda, destrutiva, maléfica. Parece existir uma representação do masculino como podendo ter um papel agregador e regulador, no entanto, na ausência de tomarem esse papel, tanto o pai dela com os pais das suas irmãs apresentam-se com uma representação muito negativa. Ao referir “*teve uns dias que ele (pai) foi lá a casa mas... ‘pá entrares em casa bêbedo, a minha mãe diz ‘eu deixo-te entrar mas se vieres em paz e em sossego, entras e fazes confusão vais-te embora!’ hoje a minha mãe vê, não ‘tamos, já não somos crianças, somos todas adultas, temos força ‘pa correr com ele’*”, Adanna mobiliza uma ideia de que, a partir da coesão destas mulheres, há uma força que é gerada, ou seja, há uma representação do feminino em que este tem de se tornar coeso como forma de protecção contra o poder destrutivo do masculino.

Na continuação da narrativa, Adanna refere: “*às vezes eu digo ‘se ele ‘tá nessa situação é ‘pa ele aprender’, ‘pa saber dar mais valor às filhas e à mulher que tinha’*”. Perante esta afirmação, e na continuação do que tem vindo a ser analisado, o grupo coloca a possibilidade de que o plano inicial, formulado pela participante, é que o seu pai pudesse ser o pai de todas elas desenvolvendo, assim, uma solução extremada de ter um homem que as assumia a todas e que, com isso, as unia a todas. Há uma representação do masculino como agressor e, simultaneamente, como unificador e regulador, na sua presença elas não precisam de se proteger. Adanna vem, então, apresentando o masculino sobre dois eixos: por um lado, os homens são agressores e, como tal, as mulheres têm que se unificar como forma de se protegerem contra eles; num outro eixo, os homens podem ser reguladores das mulheres desde que tomem o papel de pai, sendo este papel o de regulador da sexualidade das filhas o que, no fundo, representa uma regulação da relação delas com os homens.

Ao descrever a forma como trata o pai, Adanna diz que o chama pelo nome – “*Eu não chamo de pai porque uma vez ele também me tinha dito ‘não me chames de pai que eu também nunca chamei o meu pai de pai’ porque se não ele se sentia velho, sentia-se velho, o meu pai acha-se que é novo*”. Esta afirmação levou o grupo a compreender que parece existir uma negação, por parte do pai, da diferença de gerações e que, perante a negação de uma ligação familiar, poderá incorrer-se no risco do incesto.

No seguimento da narrativa, a participante evoca uma situação que o grupo observou como algo comum na cultura Cabo-verdiana – a saída da mãe do país de origem como forma de procurar melhores condições de vida, deixando os filhos em Cabo-Verde com pessoas da sua confiança – “*a minha mãe não pôde trazê-lo porque a minha mãe também não tinha condições para o trazer, a minha mãe deixou-o com pessoas que confiava para tomar conta*

*dele, 'pa vir fazer vida aqui em Portugal'*. No seguimento deste relato, Adanna refere “*até chegou ao meu pai que nós fomos o ultimo, as ultimas! Eu e a minha irmã Isa.. e desde ai nunca mais juntou-se a mais ninguém*”. Perante esta afirmação, o grupo coloca a possibilidade do pai não surgir apenas como um regulador da sexualidade das filhas, mas também da mulher, o que volta a ser reafirmado quando a participante descreve “*o meu pai é muito ciumento com a minha mãe, a minha mãe não pode 'tar na rua a falar com uma pessoa que o meu pai chega dentro de casa e "ai não sei que ficas ai a falar com não sei que e com as tuas colegas e não sei quê", pá eu acho que o meu pai tem uma picardia porque a minha mãe é aquela gente que se dá com todos, dá-se com todos, sorri 'pa todo o mundo e não sei quê*”.

O grupo volta a reafirmar a observação de uma representação do feminino como incapaz quando sozinho e, conseqüentemente, com a necessidade de se unificar como forma de garantir a sua protecção, quando Adanna descreve “*quanto tínhamos crianças não podíamos fazer nada, a minha mãe tinha de ficar dentro de casa com ele a saturar, a saturar, a saturar, a saturar, a mesma coisa, toda a hora a mesma coisa, porque éramos pequenas, agora não podemos fazer, agora ele não pode dizer nada porque agora nós sabemos o que é que é GNR, o que é que, temos o número dos bombeiros, agora temos mais responsabilidade e já sabemos o que é que é a vida*”.

Quando questionada relativamente à sua relação com outros familiares, Adanna responde: “*'tá a ver aquelas famílias que você diz "tão desaparecida, nunca mais vieste a minha casa?" "pá, não vou a tua casa porque não tenho tempo, 'tou a trabalhar, tenho também as minhas coisas 'pra fazer... tu também não vais lá visitar olha, ficamos assim as duas, quando houver um dia em que tu pensas em mim, eu penso em ti, e vamos ver onde é que nos encontramos..." 'né? Tem famílias assim, pelo menos a minha família é assim*”. Esta resposta conduz o grupo a concluir que, para a participante, a família – excluindo a sua mãe, o seu pai e as suas irmãs – não é um assunto.

No decorrer da sua narrativa, a participante aborda uma altura da sua vida em que foi viver para França com a mãe e com a irmã para acompanhar a sua irmã mais velha quando esta se mudou para lá, relatando esta fase da sua vida como uma “*experiência horrível*”. Nesta descrição, Adanna fala sobre o marido da sua irmã e descreve-o como um homem agressivo – “*chegou a agredir a minha irmã dentro de casa*” – e sobre a sua sobrinha, descrevendo-a como uma pessoa de difícil relação – “*eu não me dou bem com a minha sobrinha (...) a minha sobrinha não me ajudava... não me ajudava, não era capaz de mexer uma palha, só queria*

*sentar e ver televisão, pá... “não coiso, não fui eu, a minha mãe não me mandou ‘pra fazer isto, não me mandou ‘pra fazer aquilo, não me mandou pra fazer aquilo” (...) a minha mãe também não curte, gosta da minha sobrinha, não gosta! Porque a minha mãe também sofreu muito na mão dela, que ela é uma miúda que quando vem faz de vitima, olha ‘pra minha irmã e faz de vitima” – e como a causadora da sua vinda para Portugal – “a minha irmã disse “olha pra não fazer mais estragos do que já ‘tão, Tina e Soraia não se tão a dar, Tina desculpa lá, eu não posso mandar a minha filha embora, quem vai ter que sair és tu” ”.*

Depois desta descrição, Adanna acrescenta *“eu a partir de porta pra fora pensei: nunca mais eu vou optar por alguma coisa que a família me disser! “olha não queres vir viver aqui, vir viver ali? Não não, não não, prefiro estar no meu sitio” ”*, o que levou o grupo a questionar a possibilidade do facto da sobrinha ter um pai, quando elas não têm, seja o elemento desregulador da relação e, simultaneamente, que a saída de uma irmã para se juntar a um outro homem conduza a uma desorganização de uma dinâmica que já estaria definida. Tal pode ser observado quando a participante diz *“eu praticamente criei a filha dela, levei à escola, dava banho, jantar, preparar o lanche, ajudar a estudar, ajudar a fazer isto, a fazer aquilo, que até um dia decidiram ir todos pra França viver! É uma coisa que não dá...”*.

Quando Adanna refere que a irmã voltou a juntar-se ao pai da sua sobrinha conta: *“vi que ela tinha voltado para o mesmo meu cunhado que lhe fazia sofrer, pá a mim caiu-me a ficha toda e eu disse-lhe “olha, eu respeito, queres voltar pra ele voltas pá mas eu acho que a mim ninguém me faz mais de otária, porque tu mandaste-nos ir pra França, prontos pra ir-te ajudar a com as tuas filhas e tirar aquele monstro de sete cabeças de dentro da tua casa” ”* explicitando, desta forma, o motivo que as levou a deslocarem-se para França com a irmã: iam, mais uma vez, unificadas no movimento de expulsar o homem. O grupo observou, aqui, um sentimento de revolta perante o retorno deste homem à vida da irmã e, simultaneamente, perante a saída da irmã deste grupo unificado composto pela mãe e pelas filhas – *“quer dizer, agora nós voltamos de França e descobrimos que tu já meteste ele dentro da tua nova casa!” não tem condições... há coisas que não... (...) pá, pelo amor de Deus, a mim me queres fazer de quê? De otária? Discutimos forte e feio, pá eu espero que ela não venha passar férias porque eu não pretendo lhe ver tão cedo”* – o que levou o grupo a questionar a possibilidade de só poder existir um homem: o pai.

Adanna termina a sua narrativa falando dos esforços que tem vindo a efectuar para manter o seu actual trabalho e explicitando que *“um ano de trabalho seria uma boa ajuda lá em casa”*, simultaneamente introduz a sua relação com o namorado e com a vontade, que este

apresenta, de irem viver juntos - *“eu também não estou preparada pra viver já com o meu namorado, como ele quer né?”* – demonstrando uma dificuldade sentida em gerir as relações familiares com a relação com o namorado – *“eu tenho de pensar numa forma para interagir esta situação... tá muito complicado”* – o que o grupo relacionou com a necessidade de manter a unidade e coesão do grupo feminino, composto pela mãe e pelas filhas.

## **6.4. Análise dos Grandes Temas da Adanna**

### **6.4.1 Representação do Masculino**

Adanna confere ao masculino uma representação que pode desenvolver-se em dois eixos: por um lado, surge com uma força tremenda e destrutiva, uma representação extremamente agressiva e negativa; por outro lado, surge com uma função reguladora, unificadora e protectora. No entanto, apesar da sua diferenciação, ambas as representações assentam numa dinâmica em que o masculino potencia a unificação do feminino.

O masculino surge descrito, por Adanna, como extremamente agressivo e com uma capacidade destrutiva, o que pode ser observado na descrição que faz da relação dos homens com a sua mãe – *“o pai da minha irmã lhe tirou da minha mãe e a minha mãe diz que ficou à procura, à procura, que depois o pai da minha irmã disse que ia-lhe matar”*, *“os meus pais das minhas irmãs, tanto como eu falo dos pais das minhas irmãs, tanto que eu falo do meu, ‘pá não são flores que se cheirem, são uns ‘pá, mas eu também não sei o que é que a minha mãe viu neles, ‘pá a gente que não da para... ‘pá o meu pai não é flor que se cheire mas das coisas que a minha mãe conta da vida que passou e não sei quê, das pancadas que apanhou”* – e da própria relação que o seu pai tem consigo – *“tá a ver, tenho um sinal aqui, ‘né? um sinal, por exemplo, foi um dia que eu ‘tava sentada, ‘tava a comer, não sei se ele ‘tava bêbedo, nessa altura ‘tava frio, de repente deu-me um pontapé, bem... a minha mãe começou a gritar ‘tu já mataste a miúda’, ah, você ‘tá a ver quando ‘tá tudo em paz e sossego e de repente tem que entrar sempre uma pessoa ‘pa destabilizar”*.

Esta representação do masculino vai de encontro à descrição do homem Cabo-verdiano como agressivo e potenciador da violência de género encontrada na literatura (Martins & Fontes, 2011).

Seguindo a narrativa de Adanna, apesar do masculino surgir, por vezes, representado como agressivo e destrutivo, a sua ausência parece surgir com consequências extremamente negativas pois, será após a separação dos pais e a, conseqüente, ausência da figura paterna que a mãe começa a ter problemas de saúde – *“a minha mãe até já foi parar ao Júlio de Matos por causa de disso, a minha mãe apanhou um AVC, depois a minha mãe veio descobrir que tinha um maligno na mama direita há 4 anos, recuperou-se, tratou-se, depois após desses 4 anos, a entrada em 2016 há uns meses atrás descobriu que tinha outro maligno na outra mama esquerda”* – e, simultaneamente, será nessa mesma altura que a participante refere os seus problemas a nível escolar – *“o meu pai também fez muitas coisas que não devia né? Eu também fui traumat... apanhei um trauma na escola, batia, não me concentrava, tinha muitas dificuldades... ah... qualquer coisa respondia mal à professora... e isso mexia muito comigo”* – o que remete para a possibilidade da ausência do masculino ter um efeito desregulador e traumatizante. É também, nesta altura que Adanna refere ter começado *“a ver violências dentro de casa”*, como se a saída do pai comportasse em si esta violência.

A participante representa, ainda, o masculino como um regulador da sexualidade da mulher, pois será o pai que, mesmo à distância, vem regular, ou tentar fazer com que a mãe regule, a sexualidade da filha, o que pode ser observado quando Adanna refere: *“comecei a namorar com os 18, ele não achou muita piada por um dia eu dormir fora, por eu não ter dito que (...) por eu dormi fora, dormi fora de casa, eu não dormi fora, foi o ano passado era verão, foi num verão, eu só quis foi curtir a vida, só quis ‘tar ao pé do meu namorado, pá, seja o que Deus quiser, ‘távamos em casa e prontos, arrumei as minhas coisas e fui-me embora e ele inventou pá minha mãe que eu deixei o recado a dizer que eu ia dormir na casa da minha irmã, mas era mentira porque eu não deixei nenhum recado”*. No entanto, o pai não regula apenas a sexualidade da filha, mas também das irmãs da filha e da sua mãe pois, relativamente à sua irmã (que não é filha do seu pai), refere que *“o meu pai já teve uma altura que meteu a minha irmã na rua (...) o meu pai não gostava porque a minha irmã saía, ia para as discotecas”* e, relativamente à sua mãe, após enunciar os vários filhos que a mãe teve com homens diferentes, descreve: *“até chegou ao meu pai que nós fomos o ultimo, as ultimas! Eu e a minha irmã Isa.. e desde aí nunca mais juntou-se a mais ninguém”*.

Segundo Martins e Fontes (2011), será devido à ‘destruturação’ das famílias Cabo-verdianas – consequência da diminuição da presença do homem e da estruturação de uma família com base ideológica patriarcal (Filho, 1996, cit. in Dias, 2006) – que se denota um aumento da toxicod dependência, alcoolismo, vandalismo, prostituição, doenças sexualmente

transmissíveis e gravidez precoce. Assim, é possível observar que, na literatura antropológica, a figura masculina apresenta uma grande influência ao nível da regulação da família.

Exposto isto, a ambivalência apresentada por Adanna ao nível da representação do masculino foi observada pelo grupo de análise como tendo a sua base na posição que o seu pai escolher ocupar, ou seja, se por um lado o pai aceitasse ser pai de todas elas, então haveria a possibilidade de existir uma figura masculina que ao assumi-las a todas, as unificasse, as regulasse e as protegesse. Por outro lado, ao negar esta posição, então esta figura tornar-se-ia ausente e, como tal desreguladora e, simultaneamente agressiva, levando à necessidade de mobilização do feminino como uma estrutura unificada e que, através dessa unificação, se pudesse defender contra a destrutividade dos homens.

#### **6.4.2 Representação do Feminino**

O feminino é representado por Adanna numa ambivalência entre forte e fraco. Para que o feminino possa adquirir força deve-se unificar como forma de se proteger de uma força externa que é destrutiva – o masculino. Na coesão e unificação, o feminino ganha poder e força, no entanto, individualmente, torna-se fraco.

Adanna refere-se à mãe como “*uma senhora inválida*”, o que remete para a sua incapacidade na sua individualidade. Quando aborda a possibilidade da mãe voltar Cabo-Verde, a participante emociona-se, referindo: *Eu digo, à minha mãe ‘pa nunca ir ‘pa Cabo-Verde, porque se eu sei que ela foi ‘pa Cabo-Verde ela já não volta, não volta em termos de não voltar, ela já não sobrevive, fica lá, morre lá’*. Esta descrição de uma mãe inválida, que ao partir sem as filhas morre, confere ao feminino uma representação frágil na sua unidade, necessitando de uma unificação ao grupo para que possa ganhar força.

Ao longo do seu discurso, há a mobilização de uma ideia de que, a partir da coesão e unificação das mulheres, há uma força que é gerada, ou seja, há uma representação do feminino em que este tem de se tornar unido e coeso para que se possa proteger – “*teve uns dias que ele (pai) foi lá a casa mas... ‘pá entrares em casa bêbedo, a minha mãe diz ‘eu deixo-te entrar mas se vieres em paz e em sossego, entras e fazes confusão vais-te embora!’ hoje a minha mãe vê, não ‘tamos, já não somos crianças, somos todas adultas, temos força ‘pa correr com ele’*”.

Na cultura Cabo-verdiana a mãe assume um papel central na família, tanto a nível estrutural como cultural e afectivo, no entanto, há uma ideia de que as mulheres se devem

apoiar para garantir a estabilidade da família (Dias, 2006). Ao referir-se à vida das mulheres Cabo-verdianas que habitam em Cabo-verde, Dias (2006) refere-se às tias e avós como elementos centrais na formação e desenvolvimento dos jovens, surgindo assim, como um apoio à mãe, o que se impõe devido à saída do pai, no entanto, uma vez que a mãe de Adanna emigrou, deixando a sua família em Cabo-verde, podemos observar que são, então, as suas filhas que surgem como essa fonte de apoio, o que nos permite compreender que, apesar da sua mãe ter emigrado, há uma perpetuação de uma traça cultural em que as mulheres se devem unificar, na ausência do homem, como forma de regulação e de desenvolvimento familiar.

Mais uma vez, quando Adanna refere *“ela sofreu muito nas mãos dos pais das minhas irmãs, maltrataram muito”* e *“quanto tínhamos crianças não podíamos fazer nada, a minha mãe tinha de ficar dentro de casa com ele a saturar, a saturar, a saturar, a saturar, a mesma coisa, toda a hora a mesma coisa, porque éramos pequenas, agora não podemos fazer, agora ele não pode dizer nada porque agora nós sabemos o que é que é GNR, o que é que, temos o número dos bombeiros, agora temos mais responsabilidade e já sabemos o que é que é a vida”*, remete para uma ideia de que a mulher, sozinha, está condenada a sofrer, sem nada poder fazer quanto a isso, no entanto, ao unir-se num grupo, o feminino ganha uma força tremenda, podendo impor-se e proteger-se da violência exercida pelos homens.

O facto do homem Cabo-verdiano surgir como agressivo e potenciador da violência de género (Martins & Fontes, 2011), juntamente com o facto de, na cultura Cabo-verdiana, as mulheres se deverem apoiar como forma de garantir a sua estabilidade (Dias, 2006) conduz a que seja através da unificação do feminino que o mesmo se possa proteger do masculino.

Exposto isto, o feminino deverá então juntar-se num movimento de expulsar o homem e de se proteger dele, o que pode ser observado no discurso de Adanna quando esta explicita o motivo pelo qual ela, a mãe e a irmã foram viver para França, com a irmã mais velha, quando esta se mudou, durante um ano – *“olha, eu respeito, queres voltar pra ele voltas pá mas eu acho que a mim ninguém me faz mais de otária, porque tu mandaste-nos ir pra França, prontos pra ir-te ajudar a com as tuas filhas e tirar aquele monstro de sete cabeças de dentro da tua casa”*.

Por outro lado, surge também a ideia de que a ausência da figura masculina possa ser desreguladora, pois é na ausência do pai que surgem as doenças da mãe – *“a minha mãe até já foi parar ao Júlio de Matos por causa de disso, a minha mãe apanhou um AVC, depois a minha mãe veio descobrir que tinha um maligno na mama direita há 4 anos, recuperou-se,*

*tratou-se, depois após desses 4 anos, a entrada em 2016 há uns meses atrás descobriu que tinha outro maligno na outra mama esquerda*". Simultaneamente, ao referir-se aos vários homens com quem a sua mãe manteve relações, Adanna refere *"porque a minha mãe só quis, prontos ter o espaço dela, tentar ser feliz"*, como se a presença de uma figura masculina lhe pudesse providenciar esse espaço e felicidade.

Exposto isto, o grupo de análise questiona-se se, por um lado o feminino se deve unificar como forma de se proteger do masculino, por outro lado, a presença de uma figura masculina poderá regular e unificar o feminino, protegendo-o e, conseqüentemente, este não terá de se mobilizar como forma de garantir a sua protecção e regulação.

### **6.4.3 O Processo de Formação de Identidade**

A representação inconsciente da figura paterna e materna serão a base de identificação (Marques, 1996) e, conseqüentemente, será a organização dessas identificações que permitirá ao sujeito constituir a sua própria identidade (Perlberg, 1999).

Uma vez que a identidade do sujeito é construída na relação com o outro (Hollway, 2010), a relação entre irmãos também tem impacto ao nível da formação da identidade (Kernberg & Richards, 1988).

Exposto isto, podemos compreender que é através da identificação às irmãs que Adanna pode desenvolver uma relação madura com elas, aceitando que o amor do pai deve ser compartilhado e desenvolvendo uma boa relação com todas elas (Sharpe & Rosenbatt) – *é o que eu digo, se eu fosse rica, realizava sonho delas (irmãs) todas que eu sei o sonho delas todas*"; *"olhe somos, somos umas irmãs, mas a minha fam, a minha irmã, as minhas irmãs são espectaculares, quanto 'tamos todas juntas é só rir e contar histórias"* – no entanto, é também na identificação às mesmas que desenvolve um sentimento de pertença ao grupo feminino e que, simultaneamente, se une a esse mesmo grupo como forma de se proteger contra um rival comum, o pai – *"Hoje em dia não vai, não é como ele (pai) quer, hoje é como nós queremos porque já não somos crianças, quanto tínhamos crianças não podíamos fazer nada, a minha mãe tinha de ficar dentro de casa com ele a saturar, a saturar, a saturar, a saturar, a mesma coisa, toda a hora a mesma coisa, porque éramos pequenas, agora não podemos fazer, agora ele não pode dizer nada porque agora nós sabemos o que é que é GNR, o que é que, temos o número dos bombeiros, agora temos mais responsabilidade e já sabemos o que é que é a vida"*.

Assim, esta relação é parte fundamental do seu processo de formação de identidade, permitindo-lhe desenvolver uma identificação ao grupo feminino e, conseqüentemente, desenvolver uma identidade com base nessa mesma identificação.

Exposto isto, Adanna apresenta uma identidade constituída na identificação à representação que elabora do feminino. No entanto, ao representar o feminino numa ambivalência entre forte e fraco, Adanna representa-se a si mesma nesta ambivalência, ou seja, será na sua singularidade que a sua fragilidade se manifestará e, como tal, é necessário que se una ao grupo feminino para que se possa regular e manter a sua protecção, o que conduz a que apresente uma dificuldade ao nível da integração e gestão das relações com a família e com o namorado, pois ir viver com o namorado representará cortar com esta unidade e coesão do grupo feminino em que se encontra inserida, composto pela mãe e pelas irmãs e, simultaneamente, implicará colocar-se numa posição de fragilidade – *“um ano de trabalho seria uma boa ajuda lá em casa (...) eu também não estou preparada pra viver já com o meu namorado, como ele quer né? (...) eu tenho de pensar numa forma para interagir esta situação... tá muito complicado”* – o que comporta um padrão de interdependência geracional e uma, conseqüente, dificuldade ao nível da sua autonomização a nível familiar (Martins & Fontes, 2011).

## 7. DISCUSSÃO

*“Minha dor é perceber  
Que apesar de termos feito tudo o que fizemos  
Ainda somos os mesmos e vivemos  
Ainda somos os mesmos e vivemos  
Como os nossos pais”*

**Elis Regina**

Na sequência do material obtido, através da análise das entrevistas, que teve por base uma análise interpretativa dos conteúdos elaborados pelos participantes (Hollway & Jefferson, 2000), destacaram-se diversos elementos das narrativas dos sujeitos que serão, agora, discutidos à luz de uma perspectiva compreensiva, inscrita num quadro teórico psicanalítico, permitindo-nos, assim, compreender o impacto da ausência da figura paterna ao nível dos processos identitários de jovens inseridos numa cultura Cabo-verdiana.

Nesta discussão pretende-se relacionar os conteúdos das análises entre si, destacando os elementos comuns e distintivos, bem como a sua relação com a fase do desenvolvimento em que os participantes se encontram e com o seu género procurando, desta forma, aceder aos processos identitários implicados na relação com uma figura paterna ausente, nomeadamente ao nível das representações do masculino e do feminino e da forma como constroem a sua identidade através destas representações.

O conceito de *imago* diz respeito a uma representação inconsciente que o sujeito tem de uma pessoa, construída com base na relação desenvolvida com o seu meio social e familiar (Laplanche & Pontalis, 1967). Assim, as *imagos* paterna e materna serão a base da identificação e, simultaneamente, as fundadoras da singularidade e individualidade do sujeito (Marques, 1996). A relação com o outro, como um objecto de identificação, torna-se possível aquando da aquisição de um Eu suficientemente constituído e será através desta relação que o sujeito se vai construindo (Cunha & Marques, 2009).

Segundo Perelberg (1999), a identificação pressupõe uma fluidez entre diferentes posições e ideias, nomeadamente entre o masculino e o feminino. Por outro lado, a identidade corresponde a um esforço, elaborado pelo sujeito, de organizar estas identificações de forma a

alcançar uma unidade. Será através deste sentimento de unidade que o sujeito poderá afirmar que é algo, em detrimento de ser uma outra coisa. Assim, durante a adolescência, a identidade sexual – feminina e masculina – vai-se construindo (Marques, 1996), sendo a identificação um elemento central para este processo de formação de identidade (Hollway, 2010) e, no final deste período, deverá encontrar-se estável a aquisição de uma identidade sexual definitiva (Cunha & Marques, 2009).

Exposto isto, podemos compreender que as representações inconscientes do materno/feminino e do paterno/masculino, elaboradas pelos sujeitos, serão a base da identificação e, conseqüentemente, da sua formação de identidade. Assim, através das narrativas dos participantes, podemos observar que tanto Adanna como Júnior apresentam uma dualidade ao nível das representações do masculino e do feminino.

Através da análise da narrativa de Adanna foi possível observar que o feminino surge descrito numa ambivalência entre forte e fraco. Se por um lado a mulher, na sua singularidade, se apresenta como fraca, incapaz e condenada a sofrer – *“ela (mãe) sofreu muito nas mãos dos pais das minhas irmãs, maltrataram muito (...) quanto tínhamos crianças não podíamos fazer nada, a minha mãe tinha de ficar dentro de casa com ele a saturar, a saturar, a saturar, a saturar, a mesma coisa, toda a hora a mesma coisa, porque éramos pequenas”* – ou até mesmo morrer – *“Eu digo, à minha mãe ‘pa nunca ir ‘pa Cabo-Verde, porque se eu sei que ela foi ‘pa Cabo-Verde ela já não volta, não volta em termos de não voltar, ela já não sobrevive, fica lá, morre lá”*. Por outro lado, é na unificação das mulheres e na sua coesão que o feminino ganha força, o que lhe permite proteger-se do masculino – *“hoje a minha mãe vê, não ‘tamos, já não somos crianças, somos todas adultas, temos força ‘pa correr com ele (pai)”* – o que, simultaneamente, remete para uma representação do feminino que é elaborada a partir da representação do masculino.

A representação que Adanna elabora do masculino surge, também, sobre dois eixos. Se por um lado o masculino é descrito como extremamente agressivo e como portador de uma força destrutiva – *“o pai da minha irmã lhe tirou da minha mãe e a minha mãe diz que ficou à procura, à procura, que depois o pai da minha irmã disse que ia-lhe matar”*; *“os meus pais das minhas irmãs, tanto como eu falo dos pais das minhas irmãs, tanto que eu falo do meu, ‘pá não são flores que se cheirem, são uns ‘pá, mas eu também não sei o que é que a minha mãe viu neles, ‘pá a gente que não da para... ‘pá o meu pai não é flor que se cheire mas das coisas que a minha mãe conta da vida que passou e não sei quê, das pancadas que apanhou”* – por outro lado, é a partir do momento da sua partida que surge uma desregulação na família

– “a minha mãe até já foi parar ao Júlio de Matos por causa de disso, a minha mãe apanhou um AVC, depois a minha mãe veio descobrir que tinha um maligno na mama direita há 4 anos, recuperou-se, tratou-se, depois após desses 4 anos, a entrada em 2016 há uns meses atrás descobriu que tinha outro maligno na outra mama esquerda”; “o meu pai também fez muitas coisas que não devia ‘né? Eu também fui traumat... apanhei um trauma na escola, batia, não me concentrava, tinha muitas dificuldades... ah... qualquer coisa respondia mal à professora... e isso mexia muito comigo” – o que remete para a ideia do masculino surgir como um regulador e protector do feminino.

Simultaneamente, Adanna apresenta, ainda, uma representação do masculino como regulador da sexualidade do feminino – “comecei a namorar com os 18, ele não achou muita piada por um dia eu dormir fora”; “o meu pai já teve uma altura que meteu a minha irmã na rua (...) o meu pai não gostava porque a minha irmã saía, ia para as discotecas”; “até chegou ao meu pai que nós fomos o ultimo, as ultimas! Eu e a minha irmã Isa.. e desde aí nunca mais juntou-se (mãe) a mais ninguém”.

À semelhança do que foi anteriormente observado, também Júnior apresenta uma dualidade ao nível das representações que elabora do masculino e do feminino. Se, por um lado, Júnior representa o feminino de uma forma que vai de encontro àquela que é observada na literatura referente à cultura Cabo-verdiana, na qual o feminino é descrito como o presente, o constante, o potenciador da relação (Dias, 2006) – “como eu sempre vivi mais com a minha mãe e eu retrato a minha mãe como mãe e pai”; “é que é realmente aquela pessoa presente (mãe), aquela pessoa que vive mas também aquela pessoa que sofre mais, se eu tiver uma nega ela é que fica triste” – por outro lado, representa, ainda, o feminino como o descontrolo e a rigidez, a honestidade que se impõe acima das suas próprias consequências e que pode ser destrutiva – “a minha mãe é aquela pessoa que como se costuma dizer “cara padre”, ela vai ser sincera, verdadeira contigo e vai-te dizer a verdade na cara, sintas dor ou não sintas ela não quer saber, ela ‘tá-te a dizer a verdade e aguentas não aguentas ela não quer saber, vais levar com ela na cara e espero que percebas com ela!”. Simultaneamente, Júnior também é capaz de conceber o feminino como figura carinhosa e contentora – “ela (tia) disse “olha sabes o que é que eu agora bati e deixei cair?” e eu vejo aquilo, “aquela moldura que fizeste pra mim” e eu fiquei “wow ela ainda tem aquilo!”, pensei que ela tinha deitado aquilo ‘pro lixo, aquilo tocou-me! Senti que ela gostou daquilo, que foi importante! É algo que fez com que, bom, ela importa-se! Ligou aquilo que eu lhe fiz”.

Relativamente à representação que elabora do masculino, Júnior descreve-o com uma função de providenciar o sustento mas, simultaneamente como uma figura ausente (Dias, 2006) – “*eu sempre esperei quando ele fosse para o estrangeiro à base de procurar dinheiro, bom estar e e e sempre que vir, quando ele vem, ajudar a família, dar um pouco do que ele ganha*”; “*ele é só o meu pai mas ele é um bocado, é uma imagem que está lá e que tenho de praticamente viver com ela, não é uma imagem que está lá e presente, que toda a gente comunica, que convive e fala, é aquela personagem que está lá, como eu disse à bocado, pouco, só pa manter a presença*”.

Na análise da narrativa de Júnior podemos compreender a polaridade de representações que elabora do masculino pois se por um lado, pode surgir como o controlo e a desonestidade, que facilmente pode quebrar os laços que sustentam a relação – “*o medo de enfrentar, é aquela pessoa que não tá muito presente, então é aquela pessoa que nós não sabemos a reação que ela vai poder ter naquele momento em que eu irei lhe dizer, comunicar aquilo que estou a sentir (...) aquilo que eu penso, não ia falar comigo, ia retratar que eu sou um... já um filho que também está lá mesmo muito mais ‘pa meter presença e que..... iria-me tratar como nada mais do que uma pessoa normal, como um conhecido*” – por outro lado, Júnior também consegue representar o masculino como honesto e verdadeiro – “*se ele (pai) recebe 1000 do fundo provavelmente não recebe 1000 do trabalho, recebe muito mais, eu sei que ele recebe porque o meu tio veio já há una 7 meses, foi para ficar, que ele recebe, porque eles trabalham juntos, recebe 7500*”.

Segundo Holmes (2009), a *imago* de um pai pode ser alterada através da introjecção da *imago* do outro, isto é, apesar da introjecção do pai tornar completa a triangulação edipiana, essa introjecção vai alterar a representação inconsciente que o sujeito tem da mãe. Exposto isto, através desta análise é possível compreender que a relação com a figura materna vai sendo fortalecida pela sua proximidade ao filho e, simultaneamente, pelo afastamento do pai (Dias, 2006), o que permite entender que, à semelhança do que foi observado na narrativa de Adanna, também na narrativa de Júnior é possível denotar que a representação do feminino surge elaborada a partir da representação do masculino.

É com base nestas representações que Adanna e Júnior se vão construindo e definindo, ou seja, é na identificação a estas representações que os jovens vão formando a sua identidade.

Assim, através da narrativa de Júnior, podemos observar que, se por um lado observa o feminino como o descontrolo mas, simultaneamente, o sincero, por outro lado, representa o

masculino como o controlo mas desonesto e será nessa dualidade que o participante procura uma identificação à *imago* materna e à paterna, no entanto, essa identificação parece ser dificultada.

Júnior procura uma identificação à representação feminina da honestidade e frontalidade, no entanto essas características comportam a perda da figura paterna – “*é assim que eu penso, se eu lhe for frontal, ele vai-me tratar mal e vai fazer com que outras pessoas me tratem de uma forma diferente. Então é mais à base disso que eu procuro não ser frontal, porque eu tenho medo de lhe enfrentar e as coisas correrem mal*”. No entanto, quando procura uma identificação à representação do masculino como figura de controlo, é o próprio corpo que lhe nega essa identificação, descontrolando-se – característica que associa à representação do feminino – o que pode ser notado quando, ao descrever uma situação em que foi confrontado com a discussão dos pais, refere “*mexeu comigo mas não mexeu porque eu não senti nenhuma diferença mas o meu corpo demonstrou bem isto é grave, é mau, agora vamos-te demonstrar como tu estás e como isso não te está a tocar mentalmente mas fisicamente está-te a tocar, está-te a modificar*” ou, ainda, quando refere as dificuldades que sente em manter o controlo: “*não sei explicar isso porque... é uma coisa estranha que eu não sei explicar, não consigo... aquilo é algo que sai por sair, com vontade própria, não é aquela vontade que eu controlo, é algo que tá dentro de mim e eu não.... às vezes pifo!*”.

Segundo Afonso (2007), numa perspectiva clássica do desenvolvimento, o masculino e o feminino são representados, respectivamente, como o activo e o passivo, sendo estas posições a base da construção da identidade sexual e conceptualmente opostas. No entanto, Marques (1996) propõe um olhar sobre o masculino e o feminino, não como opostos, mas antes como contedores de semelhanças e diferenças entre si, como posições que se complementam pela oscilação de características que comportam. Tal pode ser observado quando recorre à mitologia para reafirmar esta polaridade – Se, por um lado, Hércules representa a força e a virilidade, por outro lado, chora como uma mulher e está ao serviço de Hera, o que poderá representar a sua fragilidade; simultaneamente, também Atena representa a sabedoria e a protecção e, ao mesmo tempo, comporta uma força destrutiva, capaz de cegar aquele que vê o seu corpo nu (Marques, 1996).

Na adolescência há um conflito entre a reactivação de processos primitivos e as aquisições mais maduras da organização egóica, assim, as falhas que possam existir ao nível da estruturação da personalidade, do sentimento de *ser*, bem como da integridade e da coesão do *self* emergem nesta fase (Levisky, 1998). Assim, através da narrativa de Júnior, podemos

compreender que a sua dificuldade ao nível da gestão das identificações com o feminino e com o masculino se prende com o facto de ainda não ter compreendido que pode unir e integrar características de ambas as representações de forma a poder desenvolver e formar uma identidade integrada (Hollway, 2010).

Simultaneamente, apesar de Júnior ainda não ter acedido a esta integração, projecta-se num futuro de identificação ao paterno e de construção de uma identidade masculina – *“Isso só se eu tipo fosse mais velho, tivesse por volta dos 20/30 anos, 20/30 não, 20/20 e tal anos, tivesse aquela capacidade de já sou adulto tenho de criar a minha vida, tenho de procurar o meu sonho, procurar a minha boa forma de viver, e pronto, escolher o meu caminho e seguir sempre em frente, por aqui é que é caminho, - sempre em frente. Esquecer as coisas ‘pa trás e caminhar ‘pa frente, procurar uma boa forma de vida”*.

Quando Júnior aborda a possibilidade da sua emigração introduz a construção da sua própria identidade com base na identificação à identidade Cabo-verdiana – uma identidade assente na partida (Dias, 2006) – e a um dos traços identitários do homem Cabo-verdiano que é a continuação em movimento, não ficar parado (Massart, 2013). Esta projecção no futuro acarreta, também, uma traça de transmissão psíquica por parte da figura paterna. A herança psíquica transmitida entre gerações tem o nome de transmissão psíquica geracional e diz respeito a um material psíquico, inconsciente, que atravessa diversas gerações sem que possa ter sido transformado e simbolizado, o que impede uma integração psíquica (Silva, 2003). Kaes (2001, cit. in Gomes & Zanetti, 2009) defende que a identificação é o principal mecanismo que opera na transmissão psíquica geracional e que, neste processo, não só se transmite o negativo, mas também é transmitido o que sustenta *“as continuidades narcísicas, a manutenção dos vínculos intersubjectivos, a conservação e complexidade das formas e da vida: ideais, mecanismos de defesa, identificações, certezas e dúvidas”* (Kaes, 2001: 9, cit in Gomes & Zanetti, 2009). Assim, através da aceitação do material que lhe é transmitido, Júnior pode desenvolver um sentimento de pertença a um grupo, o que irá permitir a construção da sua própria subjectividade (Gomes & Zanetti, 2009), nomeadamente o sentimento de pertença a uma representação do homem Cabo-verdiano, como constituinte da sua própria identidade.

Por outro lado, Adanna, já tendo passado o processo adolescente, apresenta uma identidade definida ao nível da identificação com a representação do feminino, o que comporta em si um sentimento de pertença ao grupo familiar constituído por mulheres – composto por si, pela sua mãe e pelas suas irmãs – o que estará directamente relacionado, não

só com a representação que tem do feminino, mas também com a representação que elabora do masculino.

Será esta representação do feminino e do masculino que leva a que Adanna apresente dificuldades ao nível da gestão das suas relações com o grupo feminino, que constitui a sua família, e com o seu namorado – *“um ano de trabalho seria uma boa ajuda lá em casa (...) eu também não estou preparada pra viver já com o meu namorado, como ele quer né? (...) eu tenho de pensar numa forma para interagir esta situação... tá muito complicado”*. Os padrões relacionais e afectivos são transmitidos entre gerações através de fantasias relacionadas com a natureza das relações e de projecções baseadas nessas mesmas fantasias, o que pode conduzir à formação de resistências à mudança (Slade & Cohen, 1996, cit. in Charles, Frank, Jacobson & Grossman, 2001). Assim, se Adanna representa o feminino como dependente e incapaz na sua unidade, necessitando de se agregar num grupo feminino para que a sua capacidade de se proteger do masculino esteja sustentada, estará justificada a sua dificuldade em separar-se desse mesmo grupo pois, tal separação implicaria pôr em causa, não só a protecção da sua mãe, mas também a sua.

Segundo Blos (1987), a figura paterna irá representar um apoio indispensável, na infância, para que a tarefa de resistir a uma regressão a uma dependência materna seja ultrapassada. O autor (1967) defende, ainda, a existência de uma segunda fase de individuação na adolescência, na qual o adolescente deverá reunir as condições necessárias para conseguir alcançar uma independência familiar. Exposto isto, e tendo em conta que as representações internas dos objectos orientam a formação de identidade do sujeito (Seligman & Shanok, 1995), podemos pensar que a ausência da figura paterna e a, conseqüente, representação que Adanna elabora do masculino e do feminino, surja como um dificultador da sua capacidade de se individualizar e de alcançar uma independência familiar, conduzindo à sua incapacidade de iniciar a sua vida afastada do grupo familiar constituído por mulheres.

Simultaneamente, estas representações conduzem, ainda, a que a saída de qualquer uma das mulheres que compõem este grupo, para iniciarem uma vida com um homem, gere em si um sentimento de revolta dado que essa partida implica a capacidade do grupo feminino de se manter unido e protegido, bem como a capacidade dessa mulher de assegurar a sua própria protecção - *“vi que ela (irmã) tinha voltado para o mesmo meu cunhado que lhe fazia sofrer, pá a mim caiu-me a ficha toda e eu disse-lhe “olha, eu respeito, queres voltar pra ele voltas pá mas eu acho que a mim ninguém me faz mais de otária, porque tu mandaste-nos ir*

*pra França, prontos pra ir-te ajudar a com as tuas filhas e tirar aquele monstro de sete cabeças de dentro da tua casa”.*

Stoller (1985, cit. in Meissner, 2005) desenvolveu o conceito de ‘identidade de género nuclear’, descrevendo-o como a convicção de ser rapaz ou rapariga, resultante de uma base biológica, de atribuição do sexo à nascença, e que já estaria solidificada no final do segundo ano de vida. Por outro lado, Pearson e Ovesey (1983, cit. in Meissner, 2005), acrescentaram o termo de ‘identidade de papel de género’, descrevendo-o como um sentido interno de pertença a um género masculino ou feminino e que será determinado por componentes biológicas, sociológicas e psicológicas. Este seria um conceito mais complexo, reflector de componentes internalizadas respeitantes ao significado de masculino e feminino e que teriam a sua base nas identificações e outras influências mediadas pela família, pela sociedade e pela cultura (Meissner, 2005).

Exposto isto, é possível denotar que o género dos participantes modela as representações que elaboram, tanto do masculino, como do feminino. No entanto, em ambos os casos é possível compreender que essas representações têm um impacto directo na forma como constroem a sua identidade – se, por um lado, Júnior se procura identificar à representação que elabora do masculino e, como tal, se projecta num futuro de partida, por outro lado, Adanna constrói uma identidade na identificação ao feminino, procurando manter-se unificada no grupo de mulheres como forma de se proteger e de ganhar força.

Uma temática que, também, foi abordada por ambos os participantes nas suas narrativas foi a relação com os seus irmãos. Segundo Kernberg e Richards (1988), a relação construída entre os irmãos tem impacto ao nível da formação da identidade, tendo um efeito directo no desenvolvimento da personalidade.

A forma como os irmãos se relacionam está directamente associada à relação que mantêm com os pais (Dunn, 1985, cit. in Júnior, 1999), assim, uma clara expressão de favoritismo por parte dos pais em relação a um dos irmãos, pode causar tensões e hostilidades entre os mesmos (Kris & Ritvo, cit. in Júnior, 1999). Simultaneamente, a identidade do sujeito é construída, em parte, ao observar a forma como os pais se relacionam com os irmãos, comparando essa relação com a forma como os pais se relacionam consigo próprio (Kernberg & Richards, 1988).

Sharpe & Rosenbatt (1944) introduzem o conceito de ‘Triangulação Edipiana Fraternal’. Segundo os autores, à semelhança do que ocorre no Complexo de Édipo, também na relação entre os irmãos ocorre algo semelhante, isto é, os irmãos rivalizam entre si pelo

amor exclusivo de um dos pais ou de um outro irmão, o que os leva a fantasiar sobre a possibilidade de ‘destronarem’ o irmão rival e ocuparem o seu lugar. A resolução deste Triângulo Edipiano Fraternal só seria possível quando a criança fosse capaz de aceitar a realidade de não poder ser objecto de amor exclusivo, acabando por se identificar com o rival, no entanto, a intensidade desta rivalidade torna-se mais profunda e, conseqüentemente, mais dificilmente resolvível quando o pai pelo qual se procura competir demonstra uma clara preferência sobre o irmão rival.

Exposto isto, na narrativa de Júnior é possível observar que a partida do pai e a posterior construção de uma nova família veio remodelar a forma como se identifica a si mesmo, bem como a forma como se identifica na relação com o pai – *“apesar de eu não ser filho... sou, continuo a ser filho dele mas já não sou filho filho... a minha mãe e o meu pai separaram-se então eu não sou aquele filho mais legítimo porque vai à base dos filhos que o meu pai tem com a outra mulher”*. É, também, através da distinção sentida entre a relação que o pai mantém com os outros filhos e na relação que mantém consigo que Júnior se vai construindo – *“sinto-me um pouco à parte, porque os meus irmãos têm assim roupa de marca e eu tenho, tenho roupa de marca mas em menor quantidade mesmo”*; *“é um pouco isso, a distinção que eu sinto... sinto-me à parte, é a ti eu trato assim, tens louvores e a ti trato-te... vá, tas só lá a manter presença, como se eu fosse mais um número de filhos dele”*.

Esta diferenciação pode levar a um sentimento de desvalorização e à realização de esforços para compensar as falhas que acredita serem a causa da distinção sentida (Sharpe & Rosenblatt, 1994), o que pode ser observado quando, ao abordar a distinção sentida entre si e os seus irmãos refere *“bom tento procurar essa medida e tentar perceber o que é que me diferencia de eles e eu, apesar de eu sempre ser verdadeiro, nunca inventar, tento procuro sempre ser honesto e verdadeiro quando estou com ele”*. Estes esforços remetem para um sentimento de insuficiência, constituinte da sua própria identidade. Simultaneamente, pode ocorrer um desinvestimento no objecto sentido como rejeitante (Sharpe & Rosenblatt, 1994), o que também é passível de ser observado quando Júnior refere o empenho que coloca na realização dos presentes para os vários familiares pois, se por um lado diz que *“alguma prenda insignificante para nós nunca é insignificante”*, por outro lado também demonstra que o investimento que coloca nos presentes para o pai é claramente inferior ao investimento colocado nos presentes para a mãe e para a tia, o que será concordante com a distinção existente entre o próprio investimento que o pai, a mãe e a tia fazem no presente que lhes foi oferecido – *“não foi valorizado, foi... é como, dão-te uma pedra, metes lá em casa e não vais*

*ligar, como se ela não estivesse lá, é como se fosse só uma coisa, só mais ‘pa encher a casa só pa emoldurar, eu queria que aquilo fosse emoldurado, cuidado, e acarinhado’.*

Assim, é possível compreender que, para além do que foi discutido anteriormente, é também nesta comparação que faz entre si e os seus irmãos que a sua identidade se vai construindo (Kernberg & Richards, 1988), pois será na relação com uma figura paterna ausente e nos sentimentos de desvalorização, consequentes de um sentimento de diferenciação entre si e os seus irmãos, que Júnior se revela como insuficiente e se procura construir e definir nessa mesma relação.

Adanna, por outro lado, refere a relação com as irmãs de uma forma distinta da que foi observada na narrativa de Júnior. Se, por um lado, procura diferenciar-se das irmãs referenciando-se como *“uma das únicas filhas que ele (pai) mais gosta”*, por outro lado manifesta o desejo de que o seu pai seja pai de todas as suas irmãs – *“sabe o que é que é ter nove filhos e o pai não ajuda?”*.

O facto de todas as suas irmãs serem mulheres pode ser uma das causas para que mantenham uma relação mais amigável (Dunn & Kenrick, 1982; Sticker et. Al, 1989, cit. in Júnior, 1999). Simultaneamente, o facto de, ao contrário do que acontece com Júnior, no caso da Adanna e das suas irmãs, o pai manter uma relação ausente com todas elas, poderá ser um dos factores que leva a que mantenham uma boa relação e a que sejam tão unidas (Dunn, 1985, cit. in Júnior, 1999) – *“é o que eu digo, se eu fosse rica, realizava sonho delas (irmãs) todas que eu sei o sonho delas todas”*; *“olhe somos, somos umas irmãs, mas a minha fam, a minha irmã, as minhas irmãs são espectaculares, quanto ‘tamos todas juntas é só rir e contar histórias”*.

Recorrendo ao conceito de ‘Triângulo Edipiano Fraternal’ (Sharpe & Rosenbatt, 1944) é possível compreender que Adanna não observa as irmãs como rivais, mas antes que se identifica a elas, desenvolvendo um sentimento de pertença ao grupo feminino que vem garantir a sua protecção contra um rival comum: o pai – *“Hoje em dia não vai, não é como ele quer, hoje é como nós queremos porque já não somos crianças, quanto tínhamos crianças não podíamos fazer nada, a minha mãe tinha de ficar dentro de casa com ele a saturar, a saturar, a saturar, a saturar, a mesma coisa, toda a hora a mesma coisa, porque éramos pequenas, agora não podemos fazer, agora ele não pode dizer nada porque agora nós sabemos o que é que é GNR, o que é que, temos o número dos bombeiros, agora temos mais responsabilidade e já sabemos o que é que é a vida”*. Simultaneamente, esta identificação parece comportar consigo uma dificuldade em separar-se das irmãs, o que pode ser observado

quando refere “*eu também não estou preparada pra viver já com o meu namorado, como ele quer ‘né? (...) eu também tenho que ver a minha vida porque se eu vejo só o teu lado e não vejo do lado da minha família...*”.

Exposto isto, é possível compreender que a relação que Adanna mantém com as irmãs – em parte consequente da relação que mantém com o pai e com a sua ausência – bem como a representação que tem do masculino e do feminino e da forma como se integra neste grupo, têm um impacto directo ao nível da construção da sua identidade, identificando-se com a representação que elabora de um feminino fraco na sua individualidade e, consequentemente, será na ausência da figura paterna que surge a necessidade de se unir ao grupo feminino como forma de garantir a sua protecção.

Em suma, podemos observar que a cultura, bem como a ausência da figura paterna, têm um papel fundamental na representação que estes jovens elaboram do materno e do paterno e, consequentemente, do feminino e do masculino. A identidade é construída na relação com o outro e nas dinâmicas intersubjectivas que derivam e operam nessa mesma relação (Hollway, 2010), no entanto, ao estarem inseridos numa cultura na qual a figura paterna é, essencialmente, uma figura ausente (Dias, 2006), Júnior e Adanna constroem-se e definem-se, em parte, na relação com uma figura paterna ausente e na representação que elaboram dessa mesma figura.

A ausência da figura paterna, assim como a relação diferenciada que o pai de Júnior mantém consigo e com os seus irmãos (Sharpe & Rosenblatt, 1994), parece conduzir a um sentimento de desvalorização e insuficiência, constituintes da sua própria identidade. Simultaneamente, inserido numa cultura na qual o papel do homem será o de partir (Dias, 2006), Júnior projecta-se num futuro de identificação à representação que elabora do paterno e de construção de uma identidade masculina, no qual, também ele, deverá partir, o que é revelador de uma traça de transmissão psíquica geracional.

A intersubjectividade origina-se na família e diz respeito ao lugar que o sujeito ocupa nas suas relações imaginárias, simbólicas e reais. Assim, a transmissão intersubjectiva tem o seu início na família, sendo estimulada, sobretudo, através das identificações, e tem como objectivos a manutenção dos vínculos, dos investimentos narcísicos e a promoção da separação e da individuação promovendo, assim, a vinculação e a desvinculação (Magalhães & Féres-Carneiro, 2004). Exposto isto, por um lado, a projecção de Júnior num futuro de partida pode ser observada como uma procura de individuação e de independência,

característica da fase de adolescência (Winnicott, 1958) e, por outro lado, como uma forma de manutenção dos vínculos que sustentam a relação com a figura paterna.

A herança geracional que é transmitida nas interações subjectivas que ocorrem no seio familiar irá impactar no processo de subjectivação do sujeito (Magalhães & Féres-Carneiro, 2004). Correa (2003) defende que, desde o nascimento da criança, esta é compelida a assegurar a continuidade geracional e a identidade familiar, assim, podemos compreender que a transmissão psíquica geracional que é narrada por Júnior não assegura, apenas, a identidade familiar, mas também, a identidade cultural, pois a emigração surge, na cultura Cabo-verdiana, como um traço identitário (Dias, 2006).

Por outro lado, no caso de Adanna, a ausência da figura paterna e a, conseqüente, representação que elabora do masculino e do feminino, parecem conduzir a uma dificuldade ao nível do processo de individuação (Blos, 1967), encontrando-se dificultada a sua capacidade de se tornar independente do grupo feminino familiar no qual está integrada. Através da narrativa de Adanna é possível compreender que, também ela, ao construir a sua identidade com base na identificação à representação do feminino, incorre numa traça de transmissão geracional na qual as mulheres se devem apoiar e manter-se unidas como forma de garantir a sua estabilidade (Dias, 2006), o que remete para uma traça cultural que deve permanecer. Será esta transmissão psíquica geracional que permitirá a Adanna manter os vínculos que sustentam a relação com o grupo familiar feminino do qual é parte integrante e, simultaneamente, de garantir a sua protecção e continuidade.

Em ambos os casos, é possível denotar que, apesar de haver uma descrição da figura paterna com características negativas e reprovadas por ambos os participantes, por outro lado, o pai surge como um regulador e uma figura de extrema importância para ambos. Por um lado, para Júnior o pai surge como uma figura de identificação através da qual poderá construir-se a si mesmo, constituindo a sua identidade com base na representação que elabora do masculino. Por outro lado, para Adanna, o pai surge como a figura que poderá protegê-la e regulá-la, sendo, apenas, na sua presença que ela se poderá individualizar pois já não estará dependente da sua união ao grupo feminino. Simultaneamente, é possível de compreender que, em ambos os casos, a figura paterna parece surgir como modeladora, não só, da representação que elaboram do masculino mas, também, da representação que elaboram do feminino e, conseqüentemente, como a figura que lhes permite a manutenção dos vínculos com a sua cultura de origem – a cultura Cabo-verdiana.

Concluindo, podemos compreender que nestas narrativas surgem duas questões que se destacam. Por um lado, por ainda se encontrar a passar o processo adolescente, Júnior ainda não compreendeu que pode integrar e unificar as características da representação que elabora, tanto do masculino, como do feminino, como forma de se construir e de formar a sua própria identidade na relação com essas identificações, o que conduz a que ainda se encontre numa dinâmica em que, por um lado quer procurar o pai, no entanto essa partida implica a perda da mãe e, simultaneamente procura identificar-se com a mãe, no entanto não pode procurar o pai com essas características pois tal levaria à sua expulsão. Por outro lado, na narrativa de Adanna podemos observar que, por um lado tem de se unir à mãe e às irmãs como forma de garantir a sua protecção face ao masculino, no entanto, se o pai fosse uma figura presente, esta poderia tornar-se independente do grupo feminino, dado que a figura paterna iria assegurar a sua protecção, regulação e unificação.

Exposto isto, podemos compreender que aqui se destacam duas questões distintas reveladoras da diferenciação de género e da fase de desenvolvimento em que os participantes do presente estudo se encontram, no entanto, podemos, também, compreender que a figura paterna, tal como foi anteriormente descrito, parece ter uma grande relevância para os mesmos, independentemente do género ou da fase de desenvolvimento. Esta figura parece impactar ao nível das relações desenvolvidas entre irmãos, bem como ao nível representação que elaboram, tanto do masculino, como do feminino, destacando-se as ultimas como expressão de identificação e, conseqüentemente, como estruturante identitário.

## 8. CONCLUSÃO

*“O modo através do qual organizamos as nossas famílias demonstra, na prática, como é a nossa cultura, assim como o retrato de um rosto é um reflexo do indivíduo”*

**Winnicott**

Numa análise final deste estudo, é possível concluir que o resultado final se demonstra enriquecedor tendo em conta o objectivo inicial que foi proposto para a sua realização – compreender o impacto da ausência da figura paterna ao nível dos processos identitários em dois jovens Cabo-verdianos.

Partindo de uma reflexão sobre o papel da figura paterna, bem como sobre o impacto da sua ausência, foi possível denotar que os estudos psicanalíticos existentes que focam esta temática têm por base uma observação que deriva da prática clínica e que, simultaneamente, a literatura psicanalítica referente à representação da figura paterna na cultura Cabo-verdiana é escassa. Assim, e tendo em conta que em grande parte dos agregados familiares que compõem as famílias Cabo-verdianas, impera uma realidade na qual a ausência da figura paterna é comum (Ramos, 2009), surgindo o interesse em compreender qual a representação que os jovens Cabo-verdianos, que crescem com uma figura paterna ausente, têm dessa mesma figura e de que forma essa mesma representação tem impacto ao nível dos processos identitários, tornou-se importante recorrer à literatura antropológica de forma a melhor compreender e analisar as narrativas, observando-as à luz do contexto em que os participantes compreendem o seu mundo.

O objectivo deste estudo foi sendo ‘construído’ à medida que o próprio foi avançando pois, através das narrativas dos participantes, recolhidas por meio do método da Entrevista Narrativa em Associação Livre, foi possível aceder à experiência, real e subjectiva, do que seria *viver sem o pai*, possibilitando-se, desta forma, abrir portas a uma compreensão do que esta experiência comporta.

Através do material recolhido, resultante do encontro intersubjectivo entre entrevistador e entrevistado, e recorrendo a um modelo interpretativo desse mesmo material, possibilitou-se uma compreensão de que a identidade se vai construindo, não só na relação com o outro, mas também na relação com um outro ausente, na representação que vai sendo

elaborada desse outro e no impacto que essa representação vai ter ao nível dos processos identitários.

Assim, os resultados recolhidos permitem-nos denotar que, nos jovens participantes deste estudo, a ausência da figura paterna tem impacto ao nível dos processos identitários, essencialmente, por duas vias – por um lado, o facto do pai não estar presente modela a representação que elaboram, tanto do masculino como do feminino e, conseqüentemente, da forma como se constroem na identificação com essas mesmas representações; por outro lado, esta ausência revela-se, ainda, influente ao nível das relações entre irmãos, dos mecanismos de identificação e diferenciação que operam nessas relações e que, conseqüentemente, conduzem a uma construção do papel e do lugar que ocupam.

Os resultados revelam, ainda, que a figura paterna parece ser de uma enorme relevância para estes jovens pois, se por um lado, surge como uma figura de identificação através da qual se torna possível a construção e formação de identidade, por outro lado, surge como uma figura protectora e reguladora. A figura paterna surge, ainda, como uma figura que permite a manutenção dos vínculos com a cultura Cabo-verdiana.

O facto do presente estudo ter por base a análise de narrativas de dois jovens de géneros diferentes demonstrou-se bastante positivo na medida em que tornou possível compreender de que forma, dependendo do género dos participantes, as representações do masculino e do feminino podem ser diferenciadas sem, no entanto, a figura paterna deixar de tomar uma importante significância para cada um deles.

Ao compreender o impacto da representação da figura materna e paterna e, conseqüentemente, do feminino e do masculino, ao nível da construção da identidade, nomeadamente ao nível dos processos identificatórios, torna-se possível compreender o impacto da cultura – e dessa mesma representação a um nível cultural – na construção da identidade do sujeito. A cultura Cabo-verdiana assenta numa identidade migratória, na qual o papel do pai será o de sair em busca de melhores condições de vida para a sua família (Ramos, 2009; Dias, 2006), assim, ao contrário do que é observável na nossa cultura – em que o pai, habitualmente, é uma figura presente – nesta cultura, o paterno reconhece-se pela sua ausência e distanciamento, desta forma, procurou-se uma integração e uma leitura das narrativas à luz da realidade dos participantes, nomeadamente daquela que é a sua inscrição cultural e da forma como procuram estabelecer o seu lugar numa identificação a dinâmicas que não podem ser desconectadas da sua experiência enquanto ser psicossocial que se constrói e modifica na relação e vivência que o circunda.

O método utilizado revelou-se extremamente vantajoso para aquele que seria o objectivo final deste trabalho. O convite “*gostava que me falasses sobre a experiência do teu pai não viver contigo*” reporta o sujeito a uma vivência que é sua, à sua história, ao lugar que ocupa na relação e à forma como se constrói nessa relação permitindo, como tal, aceder àquela que é a sua experiência individual e subjectiva. Pelo facto de existir apenas uma pergunta inicial e de todas as perguntas realizadas, no decorrer da entrevista, serem de resposta aberta, é o sujeito quem detém o controlo da informação que é produzida e, simultaneamente, todos os temas abordados estão em aberto, podendo ser alterados dependendo da experiência do mesmo. Ao ser solicitada uma expressão livre, sem qualquer restrição, é dada ao participante a possibilidade de contar a sua história, o que permitirá o acesso a um caminho traçado por motivações emocionais, assentes em dinâmicas inconscientes que serão reveladoras daquele que é o verdadeiro significado, atribuído pelo sujeito, da sua experiência de se construir numa relação com uma figura paterna ausente.

Assim, o objectivo final deste estudo não será o de inferir generalizações universais, mas será antes o de dar a conhecer a experiência subjectiva destes sujeitos e, através da mesma, podermos pensar sobre os processos que estão subjacentes à construção identitária destes jovens, compreendendo o impacto real que a ausência da figura paterna provoca ao nível desses mesmos processos.

Concluindo, acredito que este estudo tenha sido enriquecedor para a Psicologia Clínica em três aspectos diferentes mas complementares: em primeiro lugar, possibilita a compreensão do impacto da ausência da figura paterna ao nível da expressão dos processos identitários de sujeitos que não são pacientes em análise, o que se traduz numa maior diversidade ao nível da investigação teórica, inserida num quadro psicanalítico, até hoje desenvolvida; em segundo lugar, introduz no campo teórico psicanalítico a possibilidade de pensar sobre a representação da figura paterna na cultura Cabo-verdiana; e, em terceiro lugar, explicita a utilidade do método da Entrevista Narrativa em Associação Livre para os estudos no campo teórico da psicanálise pois, só oferecendo ao entrevistado a possibilidade de se expressar livremente, é que será possível ao investigador aceder ao significado real da experiência subjectiva do sujeito, o que oferece uma maior riqueza aos estudos realizados na área da Psicologia Clínica.

Por fim, da realização deste estudo surgiram-me diversas possibilidades de estudos vindouros acerca deste tema, utilizando o mesmo método e com uma população Cabo-verdiana: uma vez que, nas narrativas dos participantes, foram abordadas as relações com os

irmãos, acredito que pudessem surgir conteúdos ricos da aplicação do mesmo método em fratrias, questionando, individualmente, cada um dos membros da mesma sobre a experiência de não viverem com o pai – acredito, também, que este estudo pudesse ser útil ao nível da compreensão da representação do masculino elaborada por cada um deles; penso, também, que seria interessante utilizar o mesmo método com jovens em diferentes fases do processo adolescente, de forma a compreender o impacto da ausência da figura paterna ao nível do processo de formação de identidade em fases distintas desse mesmo processo; finalmente, julgo interessante a utilização do mesmo método na análise de entrevistas entre diversas gerações de mulheres (por exemplo, avó, mãe e filha) que tenham crescido com um pai ausente, pois acredito que surgissem conteúdos ricos, nomeadamente ao nível da representação do masculino e do feminino e da forma como mulheres se constroem na relação com a identificação a essas mesmas representações.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abelin, E. (1975). Some Further Observations and Comments on the Earliest Role of the Father. *International Journal of Psycho-Analysis* , 56, 293-303.
- Afonso, J. (2007). Maculino e feminino: Alguns aspectos da perspectiva psicanalítica. *Análise Psicológica* , 3 (XXV), 331-342.
- Alisson, M. & Sabatelli, R. (1988). Differentiation and Individuation as Mediators of Identity and Intimacy in Adolescence. *Journal of Adolescent Research* , 3, 1-16.
- Benjamin, J. (1986). The alienation of desire: Woman's masochism and ideal love. In: *Woman and Psychoanalysis* (113-138), Ed. J. Alpert. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- Benjamin, J. (1988). *The Bonds of Love*. New York: Pantheon.
- Benjamin, J. (1991). Father and daughter: Identification with difference - a contribution to gender heterodoxy. *Psychoanalytic Dialogues*, 1, 277-299
- Benjamin, J. (1995). Sameness and difference: Toward an “overinclusive” model of gender development. *Psychoanalytic Inquiry*, 15, 125-142.
- Blos, P. (1967). The Second Individuation Process of Adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 22, 162-187.
- Blos, P. (1987). Freud and the Father Complex. *Psychoanalytic Study of the Child*, 42, 425-442.
- Bouche, L.; Skandrani, S. & Moro, M. (2007). La construction identitaire chez l'adolescent de parents migrants. Analyse croisée du processus identitaire. *Santé mentale au Québec*, 32(1), 213-227.
- Charles, M.; Frank, S.; Jacobson, S. & Grossman, G. (2001). Repetition of the Remembered Past: Patterns of Separation-Individuation in Two Generations of Mothers and Daughters. *Psychoanalytic Psychology* , 18 (4), 705-729.
- Correa, O. (2003). Transmissão Psíquica Entre as Gerações. *Psicologia USP*, 14 (3), 35-45.
- Cunha, I. & Marques, M. E. (2009). A construção do Eu adolescente na relação com o(s) Outro(s): O igual, o diferente e o complementar através do Rorschach. *Análise Psicológica* , 3 (XXVII), 247-257.

- Devereux, G. (1951). Psychoanalysis and Antropology (Review of: Géza Róheim, Ph. D. New York: International Universities Press, 1950, 496 pp.). *Psychoanalytic Quarterly*, 20, 453-458.
- Devereux, G. (1953). Cultural Factors in Psychoanalytic Therapy. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 1, 629-656.
- Di Salvatore, P. & Marques, M. E. (2015). Transgenerationality and feminine – Dreams on the ethnopsychanalytic clinic. *International Journal Couple and Family Psychoanalysis*, 14, 1-17.
- Dias, J. (2006). Projectos Migratórios e Relações Familiares em Cabo-Verde. *REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, XIV, 23-54
- Erikson, E. (1968). *Youth, Identity and Crisis*. New York: W.W. Norton Company.
- Freeman, T. (2008). Psychoanalytic concepts of fatherhood: Patriarcal paradoxes and the presence of an absent authority. *Studies in Gender and Sexuality*, 9(2), 113-140.
- Freud, S. (1913). Totem e Tabu. Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 11-191). Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Gomes, I. & Zanetti, S. (2009, Janeiro/Março). Transmissão psíquica transgeracional e construção de subjectividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular. *Psicol. USP*, 20(1).
- Gonzales-Rey, F. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios*. São Paulo: Thompson.
- Herzog, J. M. (2004). Father Hunger and Narcissistic Deformation. *Psychoanalytic Quarterly*, 73(4), 893-915.
- Hollway, W. (2010). Relationality: The Intersubjective Foundations of Identity. In M. a. Wetherell, *Sage Handbook of Identities* (216-232). London: Sage.
- Hollway, W. & Jefferson, T. (2000). *Doing Qualitative Research Differently: Free Association, Narrative and the Interview Method*. London: Sage Publications.
- Holmes, L. (2009). Masculine and feminine: differentiation and integration. *Modern Psychoanalysis*, 34 (2), 1-15.
- Jacobson, E. (1964). *The Self and The Object World*. Michigan: International Universities Press.
- Jones, K. (2007). Assessing the Impact of Father-Absence from a Psychoanalytic Perspective. *Psychoanalytic Social Work*, 14(1), 43-58.

- Juignet, P. (2012). La fonction paternelle. Le rôle du père dans la structuration psychique. In: *PSY Magazine*. Acedido em 10 de Setembro de 2016 em <https://psychisme.org/WordPress3/la-fonction-paternelle/>
- Júnior, K. (1999). The relationship between siblings and their mother in early childhood. *Psychoanalytic Social Work*, 6 (1), 49-68.
- Karpel, M. (1976). Individuation: From fusion to dialogue. *Family Process*, 15, 65-82.
- Kernberg, P. F. & Richard, A. K. (1988). Siblings of preadolescents: Their role in development. *Psychoanalytic Inquiry*, 8 (1), 51-65.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. (1967). *Vocabulário de Psicanálise* (6.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Moraes Editores.
- Levisky, D. (1998). *Adolescência pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Macedo, M. (2008, Maio/Agosto). Mulheres Chefes de Família e a Perspectiva de Gênero: trajetória de um tema e a crítica sobre a feminização da pobreza. *Caderno CRH*, 21, 389-404.
- Magalhães, A. & Féres-Carneiro, T. (2004). Transmissão psíquico-geracional na contemporaneidade. *Psicologia em Revista*, 10 (16), 243-255.
- Mahler, M.; Pine, F. & Bergman, A. (1975). *The Psychological Birth of the Human Infant Symbiosis and Individuation: Symbiosis and Individuation*. New York: Basic Books.
- Marques, M. E. (1996). Feminino, fecundo e finito: Expressões nos Rorschach de adolescentes. *Análise Psicológica*, 1(XIV), 45-52.
- Martins, F. & Fortes, C. (2011, Março, 5). Para além da crise: Jovens, mulheres e relações familiares em Cabo Verde. *(con)textos. Revista d'Antropologia I Investigació Social*, 5, 13- 29.
- Massart, G. (2002). *Communication et postmodernité: Approche ethnographique de la pragmatique des identités en Afrique Lusophone (Iles du Cap-Vert et Mozambique)*. Dissertação de Doutoramento, Ecole Normale Supérieure Lettres et Sciences Humaines, Lyon.
- Massart, G. (2013). The aspirations and constraints of masculinity in the family trajectories of Cape Verdean men from Praia (1989-2009). *Etnográfica*, 17(2), 293-316.
- Meissner, W. (2005). Gender Identity and the Self: I. Gender Formation in General and in Masculinity. *Psychoanalytic Review*, 92(1), 1-27.

- Nakasu, M. (Janeiro/ Junho de 2005). O parricídio em Totem e Tabu: uma análise acerca da gênese do conceito de pulsão de morte. *Revista de Filosofia* , 17, 137-146.
- Paduart, P. (2008). De Freud à Devereux. Naissance de l'Ethnopsychanalyse. *Revue Belge de Psychanalyse* , 52, 83-101.
- Perlberg, R. (1999). The interplay between identification and identity in the analysis of a violent young mal: issues of technique. *Internation Journal of Psychoanalysis*, 80, 31-46.
- Ramos, A. (2009). *Conflitos de Identidades em Cabo Verde: Análises dos casos de Santiago e São Vicente*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto (Mestrado em Estudos Africanos), Porto.
- Róheim, G. (1940). Freud and Cultural Anthropology. *Psychoanalytic Quarterly* , 9, 246.
- Seligman, S. & Shanok, R. (1995). Subjectivity, Complexity and the Social Worlds: Erikson's Identity Concept and Contemporary Relational Theories. *Psychoanalytic Dialogues* , 5 (4), 537-566.
- Sharpe, S. A. & Rosenblatt, A. D. (1994). Oedipal sibling triangles. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 42, 491-523.
- Silva, M. (2003). *A Herança Psíquica na Clínica Psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Winnicott, D. W. (1958). Formulación teórica del campo de la psiquiatria infantil. In *Donald Winnicott: Obras Completas*. Acedido em 03 Agosto de 2016 em <http://www.psicoanalisis.org/winnicott/formula.htm>
- Winnicott, D. W. (1960a). La adolescência. In *Donald Winnicott: Obras Completas*. Acedido em 03 de Agosto de 2016 em <http://www.psicoanalisis.org/winnicott/ladolcia.htm>
- Winnicott, D. W. (1960b). La familia y la madurez emocional. In *Donald Winnicott: Obras Completas*. Acedido em 03 de Agosto de 2016 em <http://www.psicoanalisis.org/winnicott/lafamaem.htm>
- Winnicott, D. W. (1968). Inmadurez adolescente. In *Donald Winnicott: Obras Completas*. Acedido em 03 de Agosto de 2016 em <http://www.psicoanalisis.org/winnicott/inmadu.htm>
- Yin, R. (2001). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Youniss, J. (1983). Social construction of adolescence by adolescents and parents. In H. Grotevant & C. Cooper (Eds.), *Adolescent development in the family: No. 22, New directions in child development*. San Francisco: Jossey-Bass.

## 10. ANEXOS

## **ANEXO A – FORMULÁRIO DO CONSENTIMENTO INFORMADO**



**ISPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

### **CONSENTIMENTO INFORMADO**

A presente investigação será realizada no âmbito da Tese de Mestrado em Psicologia Clínica, sendo o investigador responsável: Andreia Filipa Oliveira Ferreira, aluno do 5º ano, do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica do ISPA - Instituto Universitário, sob orientação da Professora Doutora Maria Emília Marques. Esta investigação tem como objetivo aceder à forma como a ausência da figura paterna é vivenciada pelo jovem. A recolha dos dados é feita através de uma entrevista de associação livre. Esta investigação não envolve qualquer tipo de risco físico ou psicológico e os seus resultados são de grande valor para a compreensão deste mesmo tema. A investigação é confidencial, onde se salvaguarda qualquer elemento que identifique os participantes, sendo que as únicas pessoas que terão acesso às gravações serão o investigador e orientadora. A participação neste estudo é voluntária sem que existam qualquer tipo de consequências caso não queira participar nele ou caso queira desistir em qualquer momento do processo de investigação. Será permitido expor todas as questões que surgirem acerca desta investigação e serão esclarecidas todas as dúvidas de como se procederá o estudo. A participação nesta investigação não tem qualquer tipo de recompensa monetária. Após a leitura deste consentimento e de estar esclarecido em relação a todos os pontos, aceito participar neste estudo.

**Nome:** ... ..

**Assinatura:**... .. **Data:** .....  
/..... /.....

## ANEXO B- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO JÚNIOR

- Portanto Júnior, gostava que me falasses sobre a experiência do teu pai não viver contigo
- Sobre esta experiência... há pessoas que para eles é bom, para outras é mau... para mim..... eu acho que, é normal e eu acho que a objectividade de um pai ir ‘pa fora é à base do dinheiro
- Hum
- De procurar um ambiente melhor pá família, apesar de eu não ser filho... sou, continuo a ser filho dele mas já não sou filho filho... a minha mãe e o meu pai separaram-se então eu não sou aquele filho mais legitimo porque vai à base dos filhos que o meu pai tem com a outra mulher
- Hum hum
- Mas acho que pra nós todos continua a ser igual... o pai estar fora nunca é fácil porque, eu também habituei-me porque ele foi já quando eu era um pouco mais novo
- Hum hum
- E.... então.... então à base essa parte nunca também, nunca é fácil ter o pai fora pela parte de.... do carinho, de estar ao pé dele
- Hum
- São sempre coisas diferentes
- Hum hum
- Então.... é algo que não vou dizer muito sofredor mas..... normal.... algo como, eu também tive essa experiencia de ele ir ‘po estrangeiro quando eu era mais novo, também acabei por me afeiçoar a isso sem nenhum problema
- Hum
- Os meus irmãos mais velhos não sei, não sei explicar o que é que eles sentiram
- Sim sim
- Mas eu sempre esperei quando ele fosse para o estrangeiro à base de procurar dinheiro, bom estar e e e sempre que vir, quando ele vem, ajudar a família, dar um pouco do que ele ganha
- Sim
- E, são coisas a ver com isso e, como é que eu hei de dizer, ele quando está no estrangeiro é muito raro ele comunicar com... acho que é aquilo do roaming
- Sim
- Que acho que é caro, então é sempre aquele contacto curto, falamos quê, 30 segundos 40
- Hum

- O mais pequeno possível ‘pa não pagar uma tarifa alta, então... é como eu disse, é um pouco difícil mas acabamos por nos habituar

- *Hum*

- E sempre com aquela esperança, quando ele voltar vou ter dinheiro, roupa nova, sapato novo, coisas assim e..... como é que eu hei de dizer, é procurar sempre aquele bem estar

- *Hum*

- Com... com... por acaso é bastante raro quando ele vem e... deixa sempre uma boa quantia de dinheiro, a mim deixa-me sempre 100 euros, aos outros eu não sei, apesar de ele dizer que que ta sem trabalho, apesar de eu saber que ele tá com trabalho, mesmo que ele não esteja a trabalhar aquilo que ele ganha é, como é que é, não sei dizer o nome... é, em França quando não se está a trabalhar....

- *Ganha um subsídio?*

- É um subsídio de qualquer coisa, já não me lembro do nome

- *Sim*

- Que é um subsídio de 1000 euros que ficas a receber mensalmente, então ele pode, ele recebe aquilo mas diz sempre que não está a trabalhar, não tem dinheiro..... aquela coisa de, nunca temos aquela coragem de enfrentar! Quando é a mãe que está próxima temos uma maior capacidade de lhe dizer “olha mãe gostaria que me desses aí 100 euros, 200”, quando é um pai ou uma mãe que esta fora é sempre mais difícil, não falamos da mesma forma que falamos com com o pai, ou com a mãe que está cá ao pé de nós

- *Sim*

- E eu vivi mais como é que eu hei de dizer... com os pais separados porque era raro o meu pai me vir buscar porque era sempre aquela coisa de, quando o meu pai vem-me buscar tem que, ele quer sempre que eu vá dormir na casa dele e a minha mãe não, não gosta muito que eu vá dormir na casa dele

- *Hum hum.... e tu gostas de ir dormir a casa dele?*

- É bom porque eu convivo com o meu irmão que é praticamente meu colega

- *Ok*

- E eu tenho o meu irmão mais velho, ele não é meu colega, é meu irmão mais velho, tenho que tratar ele de uma forma diferente, mais respeitosa, e não como eu trato o meu irmão mais novo, somos mais brincalhões, divertimo-nos mais um com o outro, dá ‘pa brincarmos um com o outro... com o meu irmão mais velho não dá, uma pessoa, um homem de 23 anos ‘tar a

brincar... “oh queres ir jogar playstation?” não tem lá muita a haver porque como ele também é mais velho... ele também não vai ficar cá muito tempo, acho que ele também vai pá tropa

- *Ok*

- ‘Pa mim, não vou dizer que vai ser difícil, é fácil, com o meu irmão longe será mais divertido, vou ter o quarto só ‘pa mim, poderei dormir até tarde sem me chatear porque quando ele ia trabalhar irritava-me sempre “ah desliga a luz” e “dorme”, não tinha lá muita piada, quando não se tá com sono, sem vontade de dormir...

- *Mas este é o irmão que vive contigo e com a tua mãe, o irmão mais novo é o que tá com o pai*

- Não só o meu irmão, o meu irmão e a minha irmã mais nova que é a mais nova de nós todos

- *Sim... e quando vais dormir a casa do teu pai, falaste-me do teu irmão mas quando vais dormir a casa do teu pai passas mais tempo com o teu pai, ou acabas por não passar tanto tempo com ele?*

- Acabo mais por não passar tempo com ele porque quando eu estou na minha mãe, ele procura me ir buscar e rodar comigo por todos os sítios e conhecer família

- *Hum*

- E manter com ele e quando eu vou dormir a casa dele é mais à base ele sai e eu fico com o meu irmão... é praticamente, ele leva-me pra conviver mais com o meu irmão, com ele é pouco porque ele sai, vem à tarde, pode-nos ir buscar pra sair

- *Hum hum*

- Mas ele vem-nos buscar, como ‘tou lá saímos, voltamos mais cedo e ele volta a sair

- *Ok*

- Ficamos mais praticamente eu e o meu irmão, convivemos mais nós

- *Então quando ele te vai buscar e não dormes lá acabas por conviver mais com ele do que quando dormes lá*

- Quando eu estou em casa convivo mais com a minha, com ele, do que quando eu estou mais perto dele que o objectivo é mais perto mais tempo fica, mas é ao contrário. E é assim... eu estava à espera que me fizesses algumas perguntas como da outra vez

- *Tu estavas-me a dizer à bocadinha que às vezes falam ao telefone mas acabam por falar muito pouco, como é que sentes isso?*

- Tento aproveitar

- *Hum*

- Falar, conversar um pouco... um pouco, um pouco mesmo! A única vez que falamos mais foi, acho que houve algum problema nisto do roaming que fizeram, tipo baixaram mesmo os preços ‘pa fora, então acho que falamos por volta dos 20/30 minutos mas não fui só eu, fui eu, o meu irmão, a minha mãe, também o meu primo, porque nesse dia ele ‘tava comigo

- *Hum hum*

- É mais assim mas... actualmente falamos muito pouco mesmo, muito pouco... ainda há pouco tempo falei com ele mas uma conversa tipo “então pai, tudo fixe? Tudo a correr bem por aí? Ya, e aí? Ya, vou só em agosto, ah então tudo bem, ah então txau passa-me ao teu irmão que é ‘pa conversar com ele rápido que é ‘pa desligar”

- *Hum*

- É assim uma conversa, como é que eu hei de dizer, com bastante limitada

- *Hum hum*

- Falamos, conversa, falamos mesmo um bocadinho, nada de mais..

- *Hum, e como é que sentes isso?*

- ..... Sinto-me normal, por acaso não fico muito desconfortado... mas acaba por ser às vezes “fogo queria falar mais com ele mas não dá...” apesar de às vezes ser irritante porque ele ahhhh chega até a, aquilo que eu ‘tava a dizer, trabalhar e eu sou uma pessoa que não gosto que tu me prometas e que mintas sabendo que não tens, que não vais ter a capacidade, ou coragem de dizer ou fazer

- *Hum*

- Então eu prefiro que sejas logo directo, eu sou uma pessoa directa, sou logo directo. Aquilo que vamos falar é aquilo que vamos falar, eu vou-te dizer isso agora e nada mais

- *Hum*

- Então acaba por ele não ser verdadeiro ao dizer ah, se eu lhe perguntar ah então, como é que tá ai o trabalho? Ele tá mais ou menos, tá mau

- *Sim*

- E acabo por saber que está bom. Então fico um pouco desconfortante, saber que.....

- *Sentes que não está a ser sincero contigo*

- Sincero, verdadeiro

- *Hum*

- Então acaba por ser um pouco difícil essa parte, a parte de ele não ser, de não ter a coragem de dizer “ah, olha não...”, se fosse verdade “olha o trabalho ta a correr bem, já não te vou mandar só 100 euros, mando-te por volta dos 300/400/500 euros” porque eu sei que ele tem,

se ele recebe 1000 do fundo provavelmente não recebe 1000 do trabalho, recebe muito mais, eu sei que ele recebe porque o meu tio veio já há uns 7 meses, foi para ficar, que ele recebe, porque eles trabalham juntos, recebe 7500

- *Sabes que ele recebe bem*

- Sei que ele recebe bem, não é o mesmo que a minha mãe recebe, 400, que é o ordenado mínimo que é 445 ou 455 euros, que não é nada

- *Sim*

- Comparado com os 7500 euros que ele recebe. Não tem mesmo nada, é que não sou só eu a ser enganado, sou eu, a minha mãe, os meus irmãos... os meus irmãos, por acaso os meus irmãos que são os filhos actuais dele, são aqueles filhos que são com a mesma mulher, que ele está neste momento, acabo por pensar porque teve uma situação que me tocou bastante que foi quando eu fui lá dormir, fui lá passar não a véspera mas o dia da véspera de natal passei lá um pouco até à tarde e eu vi a árvore de natal deles completamente impregnada de presentes, enquanto nem um era para mim, pensei “ah devem-me dar uma prenda” e no final nada... nem uma que estava lá, mais pequena ou insignificante, alguma prenda insignificante para nós nunca é insignificante, é algo “bom deram-me uma prenda”, ficamos mais ou menos contentes

- *Sentes que a pessoa se lembrou de ti*

- Que se lembrou! Neste caso fiquei “não se lembro de mim...”, e aquilo da promessa, ele prometeu “ah depois eu mando-te 500 euros”, foi logo aquilo que ele disse 500 euros, bom se isso for verdade bom, é um sonho, mas nem mandou, ficou 8 ou 9 meses sem mandar dinheiro, quando veio veio, ele acha que sair e empurrar-me é uma prenda, não é uma prenda nem pra mim nem pra ninguém

- *Hum*

- Uma prenda é algo satisfatório, não é a comida que vai-me deixar feliz, deixa feliz a toda a gente mas aquele termo uma prenda, algo bom!

- *Uma lembrança*

- Uma lembrança, algo que sempre que eu a vestir ou tocar, ou usar, lembrar-me! Mas..... mesmo nada...

- *Mas parece que sentes uma diferença entre ti e estes filhos que tu dizes que são os filhos actuais... Os filhos que ele tem com esta mulher com quem mantém uma relação*

- Sim, sinto-me um pouco à parte, porque os meus irmãos têm assim roupa de marca e eu tenho, tenho roupa de marca mas em menor quantidade mesmo.. tenho sim bons sapatos, tenho por volta dos 2/3 sapatos, calças tenho 3 que uso porque as outras já são antigas

- *Hum hum*

- Fatos de treinos também tenho pouco, tenho pouca roupa, apesar de ter muita mas muita antiga, já não utilizável, então só posso usar aquilo que posso usar, não vou usar coisas que não posso usar

- *Sim*

- Porque me ficam apertadas ou faço o mínimo movimento e rasgam, ou são muito largas, bom tento procurar essa medida e tentar perceber o que é que me diferencia de eles e eu, apesar de eu sempre ser verdadeiro, nunca inventar, tento procuro sempre ser honesto e verdadeiro quando estou com ele apesar de ele não ser honesto e verdadeiro quando está comigo

- *Hum*

- É um pouco isso, a distinção que eu sinto... sinto-me à parte, é a ti eu trato assim, tens louvores e a ti trato-te.... vá, tas sol a a manter presença, como se eu fosse mais um número de filhos dele... não, cada filho tem de ser bem tratado... um pai que diz que sustenta a família tem que sustentar a família! Não um pai que diz que sustenta a família e não sustenta nada....

- *Hum*

- É isso.....

- *E estes outros filhos dele são filhos que vivem com ele ou vivem cá?*

- Vivem cá com a mãe e o meu pai vem e dorme lá quando vem de férias

- *E o teu pai vem cá muitas vezes?*

- De férias, por acaso estas férias não vem mas ele diz que vem na páscoa, nas férias de verão

- *Hum*

- Também uma coisa que eu agora 'tava-me a escapar, uma coisa que é difícil de ter o pai, um familiar, pai é pai, por mais erros que ele cometa é pai, ele está, como ele está em França, aquilo que nós sabemos que está a acontecer agora em França, o terrorismo, sim ele trabalhou, trabalha num sitio que ficou perto de uma explosão dum ataque terrorista e ele passou lá ao pé mesmo, foi um café ou restaurante, eles houve um atentado rebentaram-se lá, sim ele passou de carro lá mesmo, ele diz que sim assistiu a um arrebetamento de um senhor, ele diz que só ouviu o primeiro arrebetamento e arrancou logo

- *Sim*

- Ah então, aquele medo, como eu disse, é um pai, pai é pai, é difícil perder um pai, mas como eu sempre vivi mais com a minha mãe e eu retrato a minha mãe como mãe e pai, como o meu pai nunca foi muito presente, retrato a minha mãe como a minha mãe é o meu pai, sempre foi

aquela pessoa presente que sempre esteve comigo, e o meu pai, bom é o meu pai mas... o meu pai de forma diferente, como eu digo, como é aquela distinção, a minha mãe é a minha mãe e o meu pai, ele é só o meu pai mas ele é um bocado, é uma imagem que está lá e que tenho de praticamente viver com ela, não é uma imagem que está lá e presente, que toda a gente comunica, que convive e fala, é aquela personagem que está lá, como eu disse à bocado, pouco, só ‘pa manter a presença.... é um pouco assim

- *Sentes que a tua mãe...*

- É que é realmente aquela pessoa presente, aquela pessoa que vive mas também aquela pessoa que sofre mais

- *Hum*

- Se eu tiver uma nega ela é que fica triste, não é o meu pai que está lá, se eu se acontecer alguma coisa, eu ficar doente, é ela que fica triste, é ela que paga o hospital

- *Hum*

- Não ele, são essas partes que às vezes me tocam a sério

- *Hum*

- O porquê de mentir, o porquê de, eu vou ser sincero, eu também minto ao não ter a capacidade de ser frontal e de lhe dizer “pá porque é que me mentes, porque é que me enganas, eu sei quanto é que tu recebes”

- *Sim*

- Mas é aquilo de, o medo de enfrentar, é aquela pessoa que não tá muito presente, então é aquela pessoa que nós não sabemos a reação que ela vai poder ter naquele momento em que eu irei lhe dizer, comunicar aquilo que estou a sentir

- *Hum hum... e qual é que achas que podia ser a reacção dele se lhe comunicasses isso?*

- Aquilo que eu penso, não ia falar comigo, ia retratar que eu sou um... já um filho que também está lá mesmo muito mais ‘pa meter presença e que..... iria-me tratar como nada mais do que uma pessoa normal, como um conhecido

- *Hum*

- É assim que eu penso que irá me tratar

- *Achas que se o enfrentares que ele pode também começar a tratar-te de uma forma diferente*

- Sim, diferente, não me tratar como trata... é que se eu for frontal com ele, eu acho que nunca poderei tipo de volta ir manter aquela conexão com o meu irmão ou com a minha irmã, porque fica sempre muito diferente eu ir à casa dele com ele, vão-me retratar como uma pessoa “bom este é filho do meu marido vou-lhe tratar bem, vou tratar ele de uma forma boa”

não uma forma “bom, é o quê? O que é que queres comer? É pão com manteiga, toma”. Não “toma aqui um arroz”, uma coisa assim... é assim que eu penso, se eu lhe for frontal, ele vai-me tratar mal e vai fazer com que outras pessoas me tratem de uma forma diferente. Então é mais à base disso que eu procuro não ser frontal, porque eu tenho medo de lhe enfrentar e as coisas correrem mal

- *Hum*

- É só mesmo isso, nada mais.... porque, também já pensei se eu lhe disser ele vai ficar “bom tens razão, vou-te começar a tratar bem, tenho de abrir os olhos”

- *Hum hum*

- Não eu não penso, já pensei assim mas foi muito pouco tempo... e é mais assim que eu tento.... retratar bem aquilo com que eu consigo conviver

- *Hum hum*

- Com o meu pai longe... eee a distinção que eu tenho entre ele... acho que é um pouco isso.. ser um dos excluídos e ser sempre tratado de uma forma diferente, e nunca ser ele ter aquela capacidade de comunicar a verdade

- *Hum*

- “Ah recebo bem, lá em França estou a trabalhar bem, as condições de vida estão a melhorar, estão boas, e bom estou a gostar de estar aqui e talvez um dia”, ele já disse que um dia, ele queria-me levar ‘pa França e ‘pa que eu estudasse lá

- *Hum*

- E eu sempre lhe disse: se eu for ‘pa França poderei-me habituar e arranjar novos amigos mas há tantos anos que eu estou aqui, sair daqui e ir ‘pa outro sitio será um pouco doloroso porque a amizade que tens com uma pessoa, quando é uma amizade forte, é algo que nos faz por vezes sofrer porque às vezes pensamos nah agora vou ‘pa França, ou vou pá Holanda, ou vou ‘pa Inglaterra, ou Irlanda, vou lá, vou chegar, vou numa escola e vou arranjar amigos, é que as coisas nunca são bem assim, nunca são dessa forma porque nós não sabemos o que está lá

- *Sim*

- Estamos cá, temos amigos cá, e pensamos que a forma como nos tratam aqui vai ser igual, o tempo que nos demorámos a conhecer uma pessoa cá vai ser o tempo que vamos demorar a conhecer uma pessoa lá. Quando demoramos a conhecer uma pessoa, conhecer os defeitos, conhecer pormenor a pormenor é sempre diferente e mais difícil. Então é mais isso que eu fico, se eu for pra lá não vou me sentir bem, vou-me sentir triste, vou-me sentir mal, vou-me sentir com saudades de casa, e também aquilo, se eu for pra lá, não vou ca minha mãe, e é

aquilo que vai mais doer mesmo a sério. Não ter a minha mãe ao pé de mim vai ser um pouco, um pouco não, vai ser mesmo doloroso, vai ser forte.

- *Hum hum*

- Quando temos a mãe, aquela capacidade de comunicar com ela, conversar com ela, acarinhá-la, ser acarinhado, não é a mesma que eu vou acarinhar, que o meu pai irá-me acarinhar, porque se eu estiver com o meu pai, também será, vai ser uma vida totalmente diferente, vai ser, vou ter uma capacidade também uma parte como a mãe é sempre protectora, o meu pai vai ser menos protector e vai ter mais confiança, mas é aquela confiança depois de eu me adaptar, tipo depois de 1 2 anos, então vai ser mais isso, e também aquilo que eu ‘tava a dizer, vai ser muito difícil largar amigos, mãe, irmão de cá ‘pa ir ‘pa lá viver. Isso só se eu tipo fosse mais velho, tivesse por volta dos 20/30 anos, 20/30 não, 20/20 e tal anos, tivesse aquela capacidade de já sou adulto tenho de criar a minha vida, tenho de procurar o meu sonho, procurar a minha boa forma de viver, e pronto, escolher o meu caminho e seguir sempre em frente, por aqui é que é caminho, sempre em frente, Esquecer as coisas ‘pa trás e caminhar ‘pá frente, procurar uma boa forma de vida, e é isso que eu retrato se eu fosse mais velho até poderia ir ‘pa França estudar mas largar tudo ‘pa ir ‘pa um sitio que não sei que me estará à espera, não sei, é praticamente como eu digo que a minha stora diz que o caminho que nós temos à espera é um caminho igual ao que os portugueses fizeram, na época dos descobrimentos, eles sempre pensaram que o mundo era plano e que metade, e que bocados da parte do mundo iam dar ao poço sem fundo, que era aquilo chamado o poço sem fundo, que íamos cair num universo mau, monstros, coisas estranhas, então é aquela base do.....

- *Do desconhecido*

- Do desconhecido, o que é que eu irei lá fazer? E o que é lá me estará destinado? Esperado? O que é me irá acontecer? E é mais isso que eu tenho medo, ir pra lá e não aguentar com o sofrimento e tipo ser, sentir-me fraco e querer voltar, é mais isso porque eu sou uma pessoa que gosto de batalhar pelo que eu quero, mas quando eu sei que não vou ter a capacidade de aguentar essa batalha, às vezes procuro me manter nesta guerra, nesta batalha e esquecer a guerra, manter-me nesta batalha e conseguir vencer esta batalha e ficar nesta batalha, não procurar entrar noutras guerras, então é mais isso, procuro ficar aqui, constituir um pouco mais a minha infância porque estou na base ainda da infância, melhorar a minha vida aqui e depois sim procurar um futuro melhor, é mais isso, e procurar, sim porque nos todos sabemos, acho que tu também um dia não vais aguentar estar aqui em Portugal, e procurar sim um sitio, outros sítios, outras condições de vida melhores, então é mais isso que eu tento procurar e não

me afastar da zona onde eu quero estar e com quem quero conviver e com quem quero viver e ter uma boa relação, amigável ou amorosa, e é mais isso.....

- *À bocadinho quando estavas a falar de quando mudas de sitio, as novas amizades, o conhecer alguém, conhecer os seus defeitos, isto também é um bocadinho como o teu pai não é? Tu se fosses para lá viver não são só as amizades mas também o teu pai, conhecê-lo melhor*

- Sim e saber os defeitos dele, descobrir melhor o que é, quem é o como é o meu pai, seria mais assim... e também porque o que seria porque o meu pai é um típico cabo-verdiano, é um cabo-verdiano mesmo original

- *E o que é que isso quer dizer?*

- É, vou começar mesmo pelo inicio, tem muitas mulheres, muitos filhos

- *Hum hum*

- É muito tradicional, muito rígido

- *Hum hum*

- Em certas coisas, se eu por acaso com ele, porque eu, esse momento comigo já presenciei e já assisti, já senti na pele, uma negativa que eu tenha, ele procura, se eu pró ano, pró próximo período quando eu voltar se eu tiver negativa nessa parte, eu e tu vamos conversar bem, é mais essa parte, maléfica dele que eu procuro não desafiar, procuro sim conhecer, se eu fosse 'pa lá sim procuraria conhecê-lo melhor mas não em base de chegar ao limite, como eu disse, não lhe desafiar, porque se eu lhe desafiar tenho aquele pressentimento de que ele não vai reagir bem e me irá excluir

- *Pois como dizias no caso de o confrontares com isto do trabalho por exemplo*

- Confrontar-lhe com as mentiras, porque seria, seria pra já doloroso pra mim, saber que o meu pai não me trata mais como um filho, trata-me como um conhecido qualquer, ia ser doloroso pra qualquer pessoa, mesmo que o pai não... há pessoas sim que não ligam, eu tenho um caso de um amigo meu, que o pai dele é um completo, um complexo lunático, psicopata. O pai dele procura matar a mãe do meu amigo há mais de 3/ 4 , 3 não, desde 90, 2004/2007 que procura, porque separaram-se e ele procura sempre encontrar aquela hipótese e o momento certo de a tsss (faz gesto de cortar a garganta), é, eu acho que, a base da vida dele e da minha é parecida, aquele sofrimento, pai, traição, mentiras, é base praticamente igual, mas nessa parte o pai dele... é pior porque o meu pai não procura matar a minha mãe. Não sei... não sei, eles têm lá os problemas deles, quando eles discutem eu não procuro interferir, ainda há pouco tempo fui ao hospital, o meu pai e a minha mãe discutiram pelo telemóvel, porque a

minha mãe é como eu, é frontal, mas só que eu sou frontal pra outras ocasiões e pra outras pessoas

- *Sim*

- Com ele é aquela forma que eu ‘tava a dizer, entrar sempre, procurar sempre dar a volta e procurar buracos novos, não ser aquele rato que vai sempre em frente e se encontra ali o queijo vai por ali e cabeça erguida vou sempre em frente, não! Procuo ter aqui, tocar aqui, buscar palpites e descobrir

- *Hum hum*

- A minha mãe não, a minha mãe é aquela pessoa que como se costuma dizer “cara podre”, ela vai ser sincera, verdadeira contigo e vai-te dizer a verdade na cara!

- *E ela fez isso com o teu pai?*

- Sim, sintas dor ou não sintas ela não quer saber, ela ‘tá-te a dizer a verdade e aguentas não aguentas ela não quer saber, vais levar com ela na cara e espero que percebas com ela! é mais isso que ela quis fazer. Mas o meu pai não é uma pessoa lá muito, o meu pai sempre me mentiu na parte de quem é que traiu quem

- *Hum*

- E eu sempre lhes disse – eu não quero saber quem traiu quem ou quem deixou de trair ou quem vai trair ou quem traiu ou quem vai trair, não quero saber! Só sei que tu és meu pai, e tu és minha mãe e também és meu pai – eu disse-lhe uma vez que a minha mãe era minha mãe e meu pai e ele ficou chateado, eu disse-lhe pai pode ficar chateado mas ela sempre presenciou a minha vida, ela é que esteve cá sempre, o pai nunca esteve presente na minha vida por isso o pai não tem, acho que o pai não tem questão de reclamar! Ele disse “ah ta ta”, eu sei que ele não gostou mas nessa parte eu fui directo. Ela é minha mãe, meu pai e não há nada que o pai possa fazer para mudar isso

- *Portanto quando foi para defenderes a tua mãe e defenderes aquilo que a tua mãe representa para ti não tiveste problemas em enfrenta-lo*

- Não tive problemas nenhuns! Mas agora em termos de me excluir da família já acho que é uma coisa um pouco mais à parte, mãe é sempre aquela coisa que ele mal toque, mínima ofensa pra uma mãe, eu acho que é aquela dor e raiva que explode e depois olha, acaba sempre naquelas maluqueiras, alguém agredido ou... aquele sistema nervoso, é sempre essa a base.

- *E com o teu pai, não sentes isso?*

- Não, também não gosto que ofendam o meu pai mas a dor que eu sinto e a raiva que eu sinto com a minha mãe e quando dizem ao meu pai não é igual, nem perto! É como se fosse metade da perninha do A para chegar ao z, é mesmo nem perto! A minha mãe é como um número ilimitado sempre! Aquela raiva que vai ficar pra sempre e nunca vai modificar, nunca vai sair. Mesmo que eu e a minha mãe algum dia – deus me livre que aconteça – tenhamos algum problema, discutirmos e ficarmos chateados um com o outro bastante tempo, não vai mudar! Sempre aquela coisa, é mãe é mãe, não muda. E é mais isso que eu acho.

- *E há bocado ias-me contar uma história em que me ias dizer que foste para ao hospital e a tua mãe teve uma grande discussão ao telefone com o teu pai*

- Ah a minha mãe teve uma grande discussão com o meu pai porque a minha mãe foi frontal com ele, verdadeira e disparou-lhe tudo na cara

- *Hum hum*

- E ele não reagiu bem com isso e procurou me intrujar, enganar-me e dizer-me que por ele não estar com a minha mãe, por hoje eu não ter boas condições de vida é culpa dela, quem traiu foi ela, eu sempre disse pai essa história de quem traiu ou quem não traiu não quero saber, fiquem vocês com essa história porque eu não tenho nada a ver com isso... e a minha mãe disparou-lhe tudo aquilo na cara, ele ficou assim sem reação, chateou-se, começou a gritar, começaram a discutir, berros! E nesse dia eu ia medir a tensão

- *Sim*

- Eu, dentro de mim, como já estou habituado a essa pequenas discussões deles, não me afectou mas eu pensei que não me afectou, por dentro o meu sistema estava completamente maluco, tinha a tensão completamente alta, acho que ‘tava nos mil e qualquer coisa, ‘tava num número alto, eu vi lá um 1045 uma coisa assim, e disseram “olha tens a tensão alta e não sei quê”, tens que tomar cuidado e eu “wow não sabia disso”, depois ficaram a perguntar se eu tenho sistema nervoso e eu disse que tinha quando era miúdo mas agora sei controlar e não sinto diferença mas...

- *Achas que aquela discussão mexeu muito contigo?*

- Mexeu comigo mas não mexeu porque eu não senti nenhuma diferença mas o meu corpo demonstrou bem isto é grave, é mau, agora vamos-te demonstrar como tu estás e como isso não te está a tocar mentalmente mas fisicamente está-te a tocar, está-te a modificar. Então é à base disso, também nesse dia tive psicóloga no hospital, ‘tava-me a explicar o porquê que eu não me consigo alimentar bem, o porquê que eu não consigo viver bem, porquê que eu não consigo estudar bem, porquê que eu não consigo viver bem! Eu expliquei, não sei explicar

isso porque... é uma coisa estranha que eu não sei explicar, não consigo... aquilo é algo que sai por sair, com vontade própria, não é aquela vontade que eu controlo

- *Hum*

- É algo que tá dentro de mim e eu não..... às vezes pifo! Não sei o motivo, o porquê, procuro sempre não falar nas aulas mas algo faz com que eu fale, e na minha cabeça nem estou lá pra pensar “não para!”, é algo que descontrola e eu não controlo! Um sistema que pensa sozinho, um computador praticamente... bom vou meter tecla “x” e vais fazer “x” quer queiras ou não, é algo que eu não consigo controlar e praticamente isso... é uma dor não ter o pai ao pé mas também não é uma dor grande e também nem chega muito a ser grande porque aquela parte de ter a mãe como eu digo que é minha mãe e meu pai, tantos presentes que eu fiz quando ‘tava na primaria... é infantário praticamente

- *Sim*

- Dia do pai, dia da mãe, ainda me lembro que peguei uma foto da minha mãe, ainda era novo não sabia desenhar muito bem como sei desenhar hoje, desenhei a cara da minha mãe, praticamente como era antigamente uma bola, um olhito, uma boca, um nariz, e meti, naquele tempo até quase levei um enxerto de porrada!

- *Hum*

- Ao pé da minha casa havia um senhor que tinha uma... acho que se diz roseira, e tinha lá uma roseira e ele tinha uma roseira não como nós todos vemos com uma rosa vermelha, uma roseira de 1001 cores, era à volta da casa a subir, então eu entrei, estavam muitas cá pra fora, eu tinha uma tesoura, tirei e cortei, assim pela raiz e fui tirando os picos e fui metendo num saquinho e outras na mão e fui para casa, a meio, lembro-me que estava a cortar uma rosa branca, ele acho que ‘tava a passar ao pé da casa dele e apanhou-me!

- *Hum*

- Na mãe... “o que é que ‘tás a fazer aqui e não sei quê” tentou-me levar ‘pa dentro de casa ‘pa me bater, eu não era lá muito fácil de bater, porque era um rapaz grande, ele agarrou-me e acho que foi fazer queixa à policia, foram no bairro à procura de um rapaz grande, alto, eu também como disse tinha o sistema nervoso um pouco alto, e acabei por meter as rosas no saco, e o senhor tinha um pau que ‘tava ao lado, ele agarrou no pau, então ele apanhou-me o braço

- *Hum*

- Eu naquele tempo já praticava uma arte marcial chamada *Jiu Jitsu*, havia um truque que é ele agarrou-me aqui, eu metia a mãe assim e fazia força e saía o meu braço, então apanhei o

pau e mandei-lhe uma marretada na cabeça... foi isso mas era só aquela raiva, não ‘tas-me a deixar fazer um presenta pá minha mãe! Aquela coisa, dei-lhe! Mas acho que não sangrou, acho que ficou zonzo, ficou lá caído então apanhei e fui-me embora, acho que ele disse, acho que ele provavelmente já me devia ter visto a ir para o meu bairro então ele foi lá no bairro à minha procura...

- *Hum*

- E eu acho que ele foi tão banana, levou aquela marretada e saiu-lhe a minha imagem da cabeça porque eu passei mesmo à frente dele, fui deitar o lixo, procurei tapar a cara pra ele não me ver mas por ai... contei isso à minha mãe nesse dia, ela chorou de rir, mas mesmo lágrimas mesmo a rir, “fizeste isso tudo por mim?” (ri-se). Fiquei irritado, “então ‘tás-te a rir, o senhor ainda me podia ter dado uma porrada e ‘tás a rir?”, “Não é porque eu estou contente porque fizeste isso” lá fiquei....

- *Hum*

- É isso é um presente que eu não faria, o presente que eu sempre fiz para o meu pai... o que é que eu faço para o meu pai (faz o gesto na mesa como se fizesse algo sem interesse e como se estivesse a escrever) “feliz dia do pai”... até que, isso começou a ser quando eu já tinha 1º, 4º, 3º ano, que já se fazia aqueles presentes do dia da mãe, foi mais assim e eu não... parei de fazer aqueles presentes bem ilustrados com amor e carinho, todo o carinho e amor que estava ali representado não era igual ao que eu fazia sempre pra minha mãe, não tinha, como se diz, conteúdo, era muito básico, era só ‘pa “olha toma”, e ainda está na minha casa... procuro sempre lhe dar... e dei-lhe um presente e acho que aquilo, acho que já foi pró lixo, eu a ultima vez que vi aquele presente foi há 5/ 6 anos, estava assim cheio da pó, caído no chão, era um presente que eu fiz, um boneco com rolo de papel higiénico, fiz um boneco abri, como o meu pai é cheinho, fiz, abri dois rolos e juntei, fiz uma bola, tapei, fiz pernas, fiz tudo, e eu senti, no dia em que eu vi aquilo, bom, fiz-te isto pra nada...

- *Sentes que não foi valorizado*

- Não foi valorizado, foi... é como, dão-te uma pedra, metes lá em casa e não vais ligar, como se ela não estivesse lá, é como se fosse só uma coisa, só mais ‘pa encher a casa só ‘pa emoldurar, eu queria que aquilo fosse emoldurado, cuidado, e acarinhado, foi o que eu fiz a uma foto da minha... não sei dizer, namorada do meu tio, é a minha cunhada ou

- *A tua tia*

- A minha tia sim, então como eu gostava bastante dela, chamava-se Marta, gostava muito dela, eu procurei emoldurar a foto dela e como eu não sabia que se desse com perfume na foto

iria estragar a foto, eu fiquei “wow estraguei isto, meu deus...” meti perfume, procurei limpar mas estraguei aquilo tudo, mas afinal ainda tinha uma cópia, não era uma cópia, era diferente, a outra era mais bonita mas aquela também era bonita, continuava a ser ela! bastava só ser ela e era significativa, então aquilo que eu fiz pra ela até hoje está na casa dela

- *Hum*

- E ela tem aquele trabalho, ela está em Cuba, tipo eu falei com ela no móvel da minha mãe pelo Skype, e ela disse “olha sabes o que é que eu agora bati e deixei cair?” e eu vejo aquilo, “aquela moldura que fizeste pra mim” e eu fiquei “wow ela ainda tem aquilo!”, pensei que ela tinha deitado aquilo pro lixo, aquilo tocou-me! Senti que ela gostou daquilo, que foi importante! É algo que fez com que, bom, ela importa-se! Ligou aquilo que eu lhe fiz, eu fiquei tipo...

- *Hum hum*

- Com o meu pai não foi igual, não teve aquele batimento, aquele amor, que eu fiz pelo trabalho dela e o trabalho dele, foram os dois com o mesmo amor e o mesmo carinho, só que o carinho que o presente devia ter recebido num e noutro não tinha nada de igual. Foi sempre isso... eu considero que o meu pai é o meu pai, tenho de lidar e viver com ele, não digo se, fosse pra não ter ele eu não estaria aqui, não estaria aqui a falar contigo, não estaria a dizer isto

- *Hum hum*

- Talvez nem existisse, ou poderia existir mas não assim como sou, diferente, e acredito que é... ele é o meu progenitor, ele não me criou mas sim fez-me, é como uma fábrica de papel, fazes papel papel, não ficas com o papel, o papel vai pra outra pessoa, não sabes o que é que vai acontecer com o papel, está lá, olha, fica com isso! É basicamente isso, mas depois fica com isso mas é aquele empresta lá, só por um pouco, sinto-me tipo uma folha, um lápis, é dado mas sempre pedido emprestado por um pouco, mas é sempre aquele tratado mas não é aquele tratado verdadeiro, é sempre a falsidade e mentira que só me faz sentir mais raiva dele mas também não me faz sentir raiva dele

- *Hum*

- Porque eu fico bom este homem é como se não quisesse saber de mim pra nada, só me engana, me entruja e me engana, então bom não vou-lhe tratar de forma igual porque as pessoas iam dizer que não sou um bom filho, porque praticamente os africanos são assim, um filho que trata mal um pai é mal educado, ninguém respeita, ninguém liga pra ele...

- *Hum hum*

- É mais assim, é aquilo que eu ‘tava a dizer do meu pai ser um cabo-verdiano tradicional é que ele exigente, não é compreensivo, não entende quando tu és uma criança, tas a comer papa e deixar cair a taça, não é compreensivo

- *Hum*

- Apesar de isso tudo ser diferente comigo mas não ser igual com o que ele tem com a minha irmã... é diferente, ele diz que eu nunca dei-lhe razão pra ele me bater mas nunca te dei razão pra tu me bateres mas tu deste-me bastante razão pra eu te bater mas nunca seria capaz de bater no meu pai e nem teria essa capacidade porque se eu tentasse bater no meu pai levava logo uma que nem dava conta onde é que a mão dele ‘tava...

- *Hum*

- E é mais assim que eu tento viver com o meu pai no estrangeiro, sofrimento, raiva, ira, felicidade, carinho, tudo muito misturado numa bolinha bem pequena e procurar viver com essa bolinha pequena e conviver com essa pessoa, com esse bocadinho de vitalidade e o que seja que esteja ali, conviver com essa pessoa. Trato-lhe como pai mas é algo bastante difícil porque uma pessoa que não nos liga é algo que dói, quando nós não nos sentimos valorizados, é algo, fogo ‘tou aqui ‘pa nada, ‘tou aqui mesmo ‘pa nada, não sirvo, ‘pa nada, é mesmo uma foto que tá lá guardada a apanhar pó, é algo excluído, não interessado, tipo aquelas roupas na loja que as pessoas olham e “olha aquilo é bonito podia comprar” ninguém compra mas ta lá, quem quer compra, quem não gosta, é assim...

- *Júnior, muito obrigada mais uma vez*

## ANEXO C- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA ADANNA

- Então Adanna, gostava que me falasses sobre a experiência do teu pai não viver contigo

- Ahh... não viver com o meu pai... eu acho que eu já estou tão habituada a não viver com o meu pai, em diversas coisas, o meu pai viveu comigo até aos 6 anos, até eu entrar para a escola primária

- Hum

- Depois comecei a ver violências dentro de casa

- Hum hum

- Com a minha mãe e com o meu pai... ah... os vizinhos é que me levavam para a escola

- Hum hum

- Ahhh e mais... às vezes tinha os meus primos do bairro, tinha de ir lá a casa porque o meu pai às vezes surtava-se, seria capaz de tentar fazer coisas prontas, a minha mãe até já foi parar ao Julio de Matos por causa de disso, a minha mãe apanhou um AVC, depois a minha mãe veio descobrir que tinha um maligno na mama direita há 4 anos, recuperou-se, tratou-se, depois após desses 4 anos, a entrada em 2016 há uns meses atrás descobriu que tinha outro maligno na outra mama esquerda

- Hum

- E... prontas... lá não teve que tirar os seios mas sim teve que ser tirado e fazer quimioterapia

- Hum hum

- E ainda continua a fazer.....

- Então tu não vives com o teu pai desde os 6 anos...

- Sim, eu viver com ele não vivo, agora mesmo que eu posso dizer que eu não vejo o meu pai, pá porque aquela coisa de voltares 'pa casa da minha mãe e voltares a repetir a mesma cena e ou querias tentar e não percebeste que a minha mãe já é uma senhora inválida, posso dizer, a minha mãe é inválida mas em termos de andar, sair, passear, ir sozinha para o hospital, que às vezes nós não temos muita condições, ou não conseguimos muito 'pa ir lá ter ou ir ter também temos as nossas coisas a fazer, ela consegue! Ir e vir.

- Hum

- Mas.. eu hoje posso dizer, há muito tempo que eu não vejo o meu pai, até quando lá em casa falam do meu pai eu até fico admirada

- Hum hum

- O meu pai também fez muitas coisas que não devia 'né? Eu também fui traumat.. apanhei um trauma na escola, batia, não me concentrava, tinha muitas dificuldades... ah.... qualquer coisa respondia mal à professora... e isso mexia muito comigo e eu tinha sempre uma psicóloga na escola 'pa ir percebendo o que é que eu tinha, o que é que eu não tinha, o que é que se passava, o que é que não se passava... que a minha irmã apanhou também, chegou a apanhar uma 'terbaculose', ficou internada, eu acho que foi 9 meses internada..... e eu também apanhei um bocadinho, tinha um bocadinho de raspa, e a minha irmã no pulmão que é aquela base de dividirmos o quarto

- *Pois*

- E depois 'tamos juntas... a minha mãe também sofreu um bocado com isso 'né? O meu pai também não, não, não se empenhou muito, não ligou muito a essa questão, à parte da minha irmã estar doente

- *Hum hum*

- Mas apesar de tudo, eu.... sinto aquela coisa pelo meu pai, não vou dizer que o meu pai é um bicho de 7 cabeças que também eu sei que ele tem um lado bom

- *Hum*

- Eu consigo ver, ele é um pai muito sorridente, ele gosta de rir, brincar, apesar de tudo mas tem coisas nele que às vezes.... quando, foi quando, a primeira vez que eu também comecei a namorar

- *Hum hum*

- Eu namorei com os 18, comecei a namorar com os 18, ele não achou muita piada por um dia eu dormir fora, por eu não ter dito que... eu fui uma miúda muito... que eu desiludi muito, porque ele disse que eu sou uma das únicas filhas que ele mais gosta mas fui uma das filhas que também mais desiludi... ele mentiu também, eu acho que não foi só da minha parte 'né?

- *Hum*

- Por eu dormi fora, dormi fora de casa, eu não dormi fora, foi o ano passado era verão, foi num verão, eu só quis foi curtir a vida, só quis 'tar ao pé do meu namorado, pá, seja o que Deus quiser, 'tavamos em casa e prontos, arrumei as minhas coisas e fui-me embora e ele inventou pá minha mãe que eu deixei o recado a dizer que eu ia dormir na casa da minha irmã, mas era mentira porque eu não deixei nenhum recado, porque eu nunca tive aquele contacto com a minha mãe ou sequer com o meu pai de falar sobre as minhas relações, falar daquilo que pensou ou falar... desabafar! Eu nunca fui, eu sempre fui à parte, a minha mãe diz

mesmo assim “a Adanna sempre foi daquelas que nunca me contou nada, quando eu dou por mim ela já fez”

- *Hum*

- Nunca fui de, prontos, de ser aberta... eu gostava, muito! Mas eu não sou... as minhas irmãs são mas eu sou uma daquelas que sou muito fechada pá minha mãe, não consigo lhe contar nada, o que se passa, o que não se passa, depois quando a minha mãe, prontos, se chateia comigo por alguma coisa, por algo pequeno que eu faça, decide pôr-me na cara “olha tu fizeste isto, tu fizeste aquilo, fizeste aqueloutro”, que eu não sou aberta, ou, eu posso dizer ahhh que depois dos 18/ 17, comecei a desenvolver, comecei a ter aquela química com a minha mãe, aquela relação entre mãe e filha, mas eu posso dizer que nunca tive aquela grande, forte amizade com a minha mãe e com o meu pai, apesar de eu gostar muito deles mas nunca....

- *Hum*

- Eu sempre soube separar, meter o meu pai de um lado, meter a minha mãe do outro, mas era brigas a torto e a direito... a minha irmã morava na minha casa, o meu pai ficava cansado porque a minha irmã ia ‘pra lá, e chegou, o meu pai já teve uma altura que meteu a minha irmã na rua

- *Essa irmã de que tu falas é filha do teu pai também?*

- Não, a minha mãe dizer sempre “a minha porta, quanto as minhas filhas saem, quanto as minhas filhas entram, a porta é sempre aberta quando elas saem e quando elas entram, a porta da minha casa, seja pequenina ou seja grande, é sempre aberta ‘pra elas”

- *Hum*

- Mas prontos, o meu pai não gostava porque a minha irmã saía, ia para as discotecas, ah... posso dizer que a minha irmã ia para as discotecas, mas a minha irmã trabalhava, tinha uma responsabilidade, ajudava lá em casa, tinha uma filha, pá, ele não achava muita graça e uma vez, tipo, não sei, apanhou uma letra da minha irmã e diz vai ter que sair de casa, que até a minha irmã decidiu arranjar a casa dela no próprio sitio onde moramos ‘né? Depois até que eu também cheguei a conviver muito ‘ca minha irmã, vivi praticamente com a minha irmã

- *Hum hum*

- Depois as coisas também não resultaram bem, fui sempre uma miúda a viajar, a viajar para um lado e para o outro, se não der certo vou ‘pa outro (ri-se). Cheguei a viver ‘ca minha irmã, também vivi um ano e tal com ela numa casa porque a minha irmã também foi naquelas

épocas que separou-se, que queria ter o espaço dela, o canto dela, queria sair de ao pé da minha mãe e prontos, lá alugou uma casinha, e a filha dela andava no primeiro ano

- *Hum*

- Soraia, não foi muito mas foi bom, foi mau, ela também foi uma grande ajuda para a minha mãe que, quando a minha mãe apanhou o AVC, ficamos todos de rastos, eu não estava à espera.....

- *Quando a tua mãe teve o AVC tu tinhas que idade?*

- Eu acho que eu tinha uns 6/7 anos

- *Então foi mais ou menos na altura em que o teu pai saiu de casa?*

- Sim... o meu pai nunca foi de conviver connosco. Eu ainda digo à minha mãe às vezes “eu acho que tu ainda sentes algo pelo meu pai” “naaa, não sinto nada pelo teu pai, o teu pai já era”, apesar de que eu acho que a minha mãe é uma mulher muito lutadora porque ela sofreu muito nas mãos dos pais das minhas irmãs, maltrataram muito, que depois, comigo faz nove irmãos

- *Todos da tua mãe?*

- Todos da minha mãe, mas nenhum é, os pais são todos diferentes, porque a minha mãe só quis, prontos ter o espaço dela, tentar ser feliz, mas afinal afinal a minha mãe tinha um dedo, tem um dedo podre para escolher maridos! Quando estamos todas juntas: “sinceramente tu tens um dedo podre! Pá ‘pa escolheres”, a minha mãe diz “pá já estão aqui, o que é que eu posso fazer?”, a minha mãe também teve muitas dificuldades ‘pa nos criar

- *Hum hum*

- Sabe o que é que é ter nove filhos e o pai não ajuda? Só pensa em beber no café, chegar dentro de casa e fazer confusão e não saber chegar ao final do mês e dizer “olha tens que encher a arca e o frigorífico para as tuas filhas comerem, que é pra elas, não é pra mim”? pá, muito difícil... mas eu tenho que, nós eu acho que, olhando ‘pa trás e olhando agora, a minha mãe fica mais aliviada agora

- *Hum*

- Que vê que já ‘tamos todas adultas, outras com os seus 35, outras com os seus 28, outros com os seus 23, outros com os seus 22, 20 anos e outras com os 18, que é a minha irmã mais nova ‘né? A minha mãe vê um grande alívio porque “agora não sou eu que vou ajuda-las, agora sim é elas que vão-me ajudar a mim”

- *Hum hum*

- Fazemos um esforço ‘pa ajudar ela também, apesar de às vezes o dinheiro é pouco, não estica, mas agente sabe... não digo que às vezes também tem aquela conflito, epá hoje não vou dar, não consigo dar! Mas... eu se fosse, posso dizer, se eu fosse rica, eu não metia a minha mãe num lar porque a minha mãe também nunca queria ir para um lar, mas sim, ia dar uma vida estável pá minha mãe, ia dar tudo o que ela merece

- *Hum*

- Porque a minha mãe foi mesmo uma guerreira, foi foi... apesar de todo o sofrimento, porque também quando ela era mais nova, ela veio ‘pa Cabo-Verde ah, já foi o quê? 50 e tal anos ou 40 e tal anos que ela já não vai ‘pa Cabo-Verde

- *Hum*

- E a minha irmã mesmo diz ‘olha tu tens que ir ‘pa Cabo-Verde, tens que ir lá ver a tua família e não sei quê’ mas sabe? Eu digo, à minha mãe ‘pa nunca ir ‘pa Cabo-Verde, porque se eu sei que ela foi ‘pa Cabo-Verde ela já não volta (emociona-se)

- *Hum*

- Não volta em termos de não voltar, ela já não sobrevive, fica lá, morre lá

- *Achas?*

- Acho porque pá, é aquela coisa, as pessoas, a minha mãe veio, conviveu muito em Portugal e nunca mais foi, nunca mais, porque a minha mãe já ‘tá à 40 e tal e não tem documento, ela ainda ‘tá à espera, pagou advogada, advogada tramou-lhe, tramou-lhe, ficou só com o dinheiro, ela ainda ‘tava à espera que advogada lhe tratasse dos papéis ‘pa ela ter o cartão de cidadão mas a minha mãe ainda não tem cartão de cidadão, eu disse ‘como pode ser possível? Uma pessoa como tu que já trabalha há anos, agora é reformada e ainda não tem a sua própria, o seu próprio cartão de cidadão...’, é o sonho que a minha mãe mais quer, mas eu sei que um dia ela vai conseguir ter o cartão de cidadão dela.... é um bocadinho complicado porque tem coisas que ela pode resolver mas com aquele cartão de residência não lhe dá....

- *É um bocadinho mais difícil*

- É um bocadinho mais difícil... e depois se fosse com o cartão de cidadão ‘pá... o sonho dela também é de por exemplo, colocar ah, tirar todos os dentes e colocar novos dentes

- *Hum*

- Ela também pede sempre isso ‘olha vamos juntar dinheiro e eu vou meter os meus dentes, eu gostava de ter um novo sorriso’, a minha mãe gosta muito de rir mas às vezes ela não ri porque não gosta muito de....

- *De mostrar os dentes*

- De mostrar os dentes... ela diz que o dente dela caiu, ou a maioria, porque foi tendo os filhos, cabelo foi partindo, aquela coisa 'tá a ver?' de tradição, diz que parte muito o cabelo, os dentes caem.....

- *Com 9 filhas foi muito...*

- (Ri-se) Muito trabalho, olhe somos, somos umas irmãs, mas a minha fam, a minha irmã, as minhas irmãs são espectaculares, quanto 'tamos todas juntas é só rir e contar histórias de, do antepassado

- *Hum*

- Ainda ontem a minha mãe 'tava a contar quando perdeu a minha irmã mais velha, sim porque o pai, o outro pai dele, o outro pai dela prontos, ela perdeu, a minha mãe disse que lhe perdeu, que lhe tirou quando ele era pequenina, a minha irmã mais velha, o pai dela lhe tirou, tinha o quê? Por volta de um aninho...

- *Hum*

- O pai da minha irmã lhe tirou da minha mãe e a minha mãe diz que ficou à procura, à procura, que depois o pai da minha irmã disse que ia-lhe matar, que ia, e depois a minha irmã é aquela coisa, a minha irmã não nasceu connosco e depois cresceu com outros parentes e se achas que ela às vezes é muito fina, muito...

- *Hum*

- Porque, depois eu disse à minha mãe 'olha, se ele tivesse crescido connosco, no mesmo sítio, ela seria igual a nós, ela cresceu com outras pessoas...', 'pá as vezes eu acho que a minha irmã tem esse trauma, dizer que a minha mãe lhe abandonou mas é mentira, foi outra mãe que disse, a outra senhora que criou a minha irmã que disse que a minha mãe lhe abandonou mas é mentira, a minha mãe nunca, nunca abandonou, nunca seria, na cabeça dela, nunca seria capaz de abandonar os filhos

- *Hum*

- Ela disse 'foi o teu pai que me tirou ah, tirou-te a ti de mim, não podia fazer nada' porque a minha mãe cada vez que tentava 'pa ir lá buscar a miúda o pai da minha irmã diz 'vou-te matar', tinha coisas 'pa agredir com ela, vou-te não sei quê e prontos e o tempo foi passando e a minha mãe simplesmente não foi tocando mais no assunto, depois daí que vieram uns atrás dos outros, a minha mãe foi-nos tendo

- *Hum*

- Eu também, mas ela... ela ia, ela ia lá, ela ia a minha casa, depois dela crescer, prontos eu 'tava pequenininha mas eu via ela mais velha do que eu, e eu não sabia que ela era minha

irmã, não, não sabia... pensava que era uma amiga da minha irmã, apesar de ter aquela coisa, cada vez que via ela 'Maria!' e corria 'pó pai, 'pró pé dela, cada vez 'Maria!' e corríamos e dávamos um abraço nela, 'pá mas aquela, aquela coisa, os meus pais das minhas irmãs, tanto como eu falo dos pais das minhas irmãs, tanto que eu falo do meu, 'pá não são flores que se cheirem, são uns 'pá, mas eu também não sei o que é que a minha mãe viu neles, 'pá a gente que não da para... 'pá o meu pai não é flor que se cheire mas das coisas que a minha mãe conta da vida que passou e não sei quê, das pancadas que apanhou, de... de mandar com os pais das minhas irmãs chegou-lhe a meter na rua, que ela perdeu uma casa em Via Longa porque senão a estas horas ela tinha, estava a viver lá em Via Longa 'pá..... eu disse-lhe 'se tu tivesses a viver em Via Longa, a estas horas nós não estávamos cá', pois... continuasse eu não 'tava cá..... mas a minha mãe sofreu muito mas... 'pá.....

- *E tu à bocado estavas-me a dizer que já não vês o teu pai há muito tempo, onde é que ele mora?*

- Ah, pelo que eu sei ele mora na G..., pelo que eu sei ele mora na G... mas eu não... 'pá não tenho contacto... teve uns dias que ele foi lá a casa mas... 'pá entras em casa bêbedo, a minha mãe diz 'eu deixo-te entrar mas se vieres em paz e em sossego, entras e fazes confusão vais-te embora!' hoje a minha mãe vê, não 'tamos, já não somos crianças

- *Hum*

- Somos todas adultas, temos força 'pa correr com ele

- *Hum*

- 'Tá a ver, tenho um sinal aqui, 'né?

- *Sim*

- Um sinal, por exemplo, foi um dia que eu 'tava sentada, 'tava a comer, não sei se ele 'tava bêbedo, nessa altura 'tava frio, de repente deu-me um pontapé, bem... a minha mãe começou a gritar 'tu já mataste a miúda', ah, você 'tá a ver quando 'tá tudo em paz e sossego e de repente tem que entrar sempre uma pessoa 'pa destabilizar

- *Hum*

- 'Pá, ele dava cabo do meu juízo, a minha irmã dizia-lhe umas boas e uma poucas, 'pá mas eu sinto pena do meu pai, mas ele... será possível onde é que ele vai ele não sabe-se comportar? Que tem de ser tudo à maneira dele...

- *Sentes pena?*

- Sinto pena e às vezes não sinto, às vezes eu digo 'se ele 'tá nessa situação é 'pa ele aprender', 'pa saber dar mais valor às filhas e à mulher que tinha

- *Hum*

- 'Pá ele acha que ele sabe... eu também não lhe chamo de pai

- *Não?*

- Não, nunca chamei-o de pai, as minhas irmãs, cresci no meio das minhas irmãs e só ouvia eles a chamar 'Lucio, Lucio, Lucio, Lucio, Lucio' teve uma vez que me fizeram uma pergunta: 'porque é que chamas o teu pai de Lucio?' e eu... pergunta, uma boa pergunta! Eu não chamo de pai porque uma vez ele também me tinha dito 'não me chames de pai que eu também nunca chamei o meu pai de pai' porque se não ele se sentia velho, sentia-se velho, o meu pai acha-se que é novo, é todo 'pra *frentex* mas eu acho que agora que já entrei na casa dos vinte ele tem que ver que já é um homem.....

- *Que já não é tão novo*

- Já não é tão novo! Porque dizem assim 'olha Adanna cada vez que entra nessa idade olha, a tua idade vai cada vez mais aumentando!', 'tá a ver? O meu pai é assim... sinto pena mas não posso fazer mais do que isso, ele 'ta a viver aquilo que ele plantou, 'tá a colher aquilo que ele plantou

- *Hum*

- Foi essa a vida que ele quis olhe... não posso fazer nada...

- *E tu tens irmãos da parte do pai ou é só da parte da mãe?*

- Ai graças a Deus olha menos um trabalho! 'pá, há muitos irmãos porque tenho outros irmãos que não se dão com os irmãos e dizem olha, eu tenho uma irmã que é só do lado da minha mãe e do meu pai, a minha mãe tem outra filha que é só de um pai e da minha mãe, depois a minha mãe tem mais ahh 3 filhos que é do lado de um pai e da minha mãe e depois tem mais uma que é do lado de um pai e de uma mãe, depois tem mais outro que está em Cabo-Verde que eu nem conheço

- *Hum*

- E depois tinha uma que ela também conta uma história dessa que se chamava Rute só que morreu através, com soluços, tinha um aninho e ela não aguentou, morreu... a minha mãe ainda explica-me que se lembra da Rute, que era uma menina muito branquinha, com um cabelo assim, com o cabelo assim, as minhas irm..., os meus irmãos quando estamos juntos também dizem que se lembram dele, dela a mim até me faz, faz-me arrepio, pá vocês lembram-se de uma pessoa pequenina que já morreu (ri-se)... a minha mãe tinha uma filha que morreu... também tenho outro que 'tá em cabo-verde só que o outro, eu não conheço, e a minha mãe a estas horas não deve reconhecer também, eu acho que normalmente se esse filho

ver a minha mãe hoje vai rejeitar ela, vai rejeitar a minha mãe, mas também não vai poder ser porque nós ahn pá a minha mãe já tem uma certa idade, a minha mãe tem o quê? 58 anos... pá a minha mãe não pôde traze-lo porque a minha mãe também não tinha condições para o trazer, a minha mãe deixou-o com pessoas que confiava para tomar conta dele, ‘pa vir fazer vida aqui em Portugal para ir buscar, para ele viver connosco mas ai já era muito tarde porque as coisas foram acontecendo, a minha mãe não conseguia, sofrimento dos pais, dos pais, dos pais... que até chegou ao meu pai que nós fomos o ultimo

- Então foram as ultimas...

- As últimas! Eu e a minha irmã Isa.. e desde ai nunca mais juntou-se a mais ninguém. Também nos não queremos, ‘pa pra que? Pra ver a minha mãe a sofrer? Não vale a pena... mais vale cada um seguir o seu caminho, a minha mãe já sofreu muito, pá é cadeiras e voar, é facas a voar, é coiso a voar... já tive, lembro-me quando andava na creche que tinha 5 aninhos, as minhas irmãs esqueciam-se de mim na creche, de tanto tremer, também não me concentrava nos testes, só quer é confusões, se levantava atrasado, ou a minha mãe então ia dormir na casa de outra vizinha porque o meu pai não sei que... pa muita coisa... fazia muita coisa... a minha mãe as vezes não dormia em casa porque o meu pai, a minha mãe é daquelas, eu acho que o meu pai é muito ciumento com a minha mãe, a minha mãe não pode tar na rua a falar com uma pessoa que o meu pai chega dentro de casa e “ai não sei que ficas ai a falar com não sei que e com as tuas colegas e não sei quê”, pa eu acho que o meu pai tem uma picardia porque a minha mãe é aquela gente que se dá com todos, dá-se com todos, sorri ‘pa todo o mundo e não sei que, o meu pai é daqueles que não, faz aquela cara pra botar respeito mas o meu pai só sorri, fala, só quando tá bêbedo... e quando ele ta bêbedo faz-lhe vir algumas coisas à cabeça, sei lá, fica transtornado, fica a dizer coisas com coisas e quer já ser com confusão dentro de casa. Hoje em dia não vai, não é como ele quer, hoje é como nós queremos porque já não somos crianças, quanto tínhamos crianças não podíamos fazer nada, a minha mãe tinha de ficar dentro de casa com ele a saturar, a saturar, a saturar, a saturar, a mesma coisa, toda a hora a mesma coisa, porque éramos pequenas, agora não podemos fazer, agora ele não pode dizer nada porque agora nós sabemos o que é que é GNR, o que é que, temos o número dos bombeiros, agora temos mais responsabilidade e já sabemos o que é que é a vida.

- *Hum hum*

- ‘Pá se ele se armar em parvo ‘pra cima da minha mãe, desculpa lá é minha mãe! Tu és o meu pai mas, eu respeito-te mas em primeiro lugar a minha mãe! ‘pá..... nunca a minha mãe

teve aquela audácia para me..... ‘tão hoje em dia já não há respeito?..... pode fazer mais perguntas

- *Então e familiares tanto da parte da mãe como do pai, manténs relações com alguém?*

- Mantenho, não mantenho, ‘pa... ‘ta a ver aquelas famílias que você diz “‘tão desaparecida, nunca mais vieste a minha casa?” “‘pá, não vou a tua casa porque não tenho tempo, ‘tou a trabalhar, tenho também as minhas coisas ‘pra fazer... tu também não vais lá visitar olha, ficamos assim as duas, quando houver um dia em que tu pensas em mim, eu penso em ti, e vamos ver onde é que nos encontramos...” né? Tem famílias assim, pelo menos a minha família é assim

- *Hum*

- Agora ‘tou numa situação muito crítica, a minha irmã também ‘tá-se a separar do meu cunhado, o meu cunhado também... é o que eu digo, se eu fosse rica, realizava sonho delas todas que eu sei o sonho delas todas... não posso fazer mais do que isso, se eu fosse rica ajudava mas... não sou rica e também não me posso meter porque há muitas relações das minhas irmãs que eu me metia

- *Hum*

- E quem acabou por levar sempre por tabela fui eu... eu também vivi em França um ano e tal

- *Hum hum*

- Sim, fui ‘pa França um ano e tal viver eu, a minha irmã do lado do meu pai, e a minha mãe, fomos as três pra França, viver com a minha irmã mais velha. Tem 33 anos ela....

- *E ainda vive lá ela?*

- Sim, também não foi muito bom... também não digo que França é um sitio bom, eu acho que às vezes quando ‘tou aqui e vejo-me lá e epá “vim em boa altura!” porque quando eu ‘tava lá não tinha nada dessas situações que ‘tá a sair agora em França ‘né? Terroristas essas coisas, mortes, não havia, depois que eu vim ‘pra cá começou a chegar isso... pá não foi bom, também não gostei de viver com a minha irmã, não gostei, ‘pá uma experiência horrível, França não é fácil, França é difícil mas aprendi também muito, aprendi a dar valor à limpeza, eu fui com um objectivo: é estudar e ir trabalhar, formar-me e poder ganhar o meu. Mas cada um, mas depois eu vi que cada um pensava em si

- *Hum*

- Em minha casa, ‘pá a minha irmã fazia, ‘tá a ver aquela coisa que você não deve festejar antes de acontecer? Deixa acontecer e depois festeja! E as minhas irmãs não, “ah Tina vais ter o teu trabalho, depois vais começar a ajudar aqui em casa e não sei quê” e prontos eu, não me

dizia nada e começava assim “ok, eu ajudo-te, não há problema mas...”, pá o marido dela também era outro que saía com confusões

- *Hum*

- Fui ‘pa França, vivi lá um ano e tal e o marido dela só saía com coisas... chegou a agredir a minha irmã dentro de casa

- *Hum*

- Meteram, a policia meteu-lhe na rua, meteu-lhe na rua, uma semana preso até ele se acalmar ‘né? Arrumar as coisas dele, depois a policia foi lá a casa arrumar as coisas dele ‘pra ele sair de casa da minha irmã ‘né? Depois a minha irmã, prontos, a junta de freguesia ofereceu uma casa à minha irmã, e a minha irmã viveu naquela casa, fomos felizes e não sei quê. Mas eu aí comecei a entrar um bocadinho em contacto com a minha sobrinha, que eu não me dou bem com a minha sobrinha

- *Hum*

- É uma miúda que tem 13 ou 14 anos mas que prontos, eu sou daquelas tias que brinca com os sobrinhos mas aqueles sobrinhos que têm de ter uma noção que têm de parar! Ela não parava... um dia estávamos amigas, outro dia estávamos à briga dentro de casa... e tipo eu sentia que fazia muito esforço porque ia ajudar a minha irmã a trabalhar, depois a minha irmã ia para outro trabalho, depois eu saía e ia fazer o outro trabalho no lugar da minha irmã, por exemplo tirar os contentores do lixo dos prédios em França

- *Hum*

- Eu também soube dar valor a isso porque vi que trabalhar não é fácil e temos de dar valor e agarrar as oportunidades que nos dão mas... eu acho que aquilo nunca foi ‘pra mim, vi a minha irmã limpar escadas, a limpar, a aspirar o chão... pá não gostei, não digo que não gostava, eu ‘tava lá, era menor, eu tinha que, prontos, ouvir e calar! Tu tas aqui, tas a responsabilidade dela, olha o que é que podes fazer? Mas eu chorava dia e noite, só pedia a Deus para ir embora

- *Hum*

- Já não aguentava e a minha sobrinha não me ajudava... não me ajudava, não era capaz de mexer uma palha, só queria sentar e ver televisão, pá... “não coiso, não fui eu, a minha mãe não me mandou ‘pra fazer isto, não me mandou ‘pra fazer aquilo, não me mandou pra fazer aquilo” e depois quando eu e a minha outra irmã de 18 anos fazemos, ela sim gosta, tudo bem limpinho, tudo bem arrumadinho... ‘pá a minha mãe também não curte, gosta da minha sobrinha, não gosta! Porque a minha mãe também sofreu muito na mão dela, que ela é uma

miúda que quando vem faz de vitima, olha ‘pra minha irmã e faz de vitima, depois pronto, pensei muito, pá a minha irmã disse “olha pra não fazer mais estragos do que já ‘tão, Tina e Soraia não se tão a dar, Tina desculpa lá, eu não posso mandar a minha filha embora, quem vai ter que sair es tu”

- *Hum*

- E eu a partir de porta pra fora pensei: nunca mais eu vou optar por alguma coisa que a família me disser! “olha não queres vir viver aqui, vir viver ali? Não não, não não, prefiro estar no meu sitio”

- *Hum hum*

- Sofri muito com a minha família, com as minha irmãs e com a minha mãe não mas depois... eu não falo com a minha irmã porque eu acho que é uma coisa que, eu gosto muito dela e não vou dizer que não vou agradecer por aquilo que ela fez por nós, ou aquilo que ela fez pela minha mãe, mas também posso dizer que nós, que ela também tem muito que nos agradecer! Que eu praticamente criei a filha dela, levei à escola, dava banho, jantar, preparar o lanche, ajudar a estudar, ajudar a fazer isto, a fazer aquilo, que até um dia decidiram ir todos pra França viver!

- *Hum*

- É uma coisa que não dá, e depois quando nós passamos todos para aqui, ela veio quando a minha mãe foi operada à mama, veio ver a minha mãe assim de surpresa ‘né? Repentina...

- *Hum*

- A dizer que prontos, disse, não disse, eu apanhei a conversa entre ela e a minha irmã de 28 anos e vi que ela tinha voltado para o mesmo meu cunhado que lhe fazia sofrer, pá a mim caiu-me a ficha toda e eu disse-lhe “olha, eu respeito, queres voltar pra ele voltas pá mas eu acho que a mim ninguém me faz mais de otária, porque tu mandaste-nos ir pra França, prontos pra ir-te ajudar a com as tuas filhas e tirar aquele monstro de sete cabeças de dentro da tua casa”

- *Hum*

- “Quer dizer, agora nós voltamos de França e descobrimos que tu já meteste ele dentro da tua nova casa!” não tem condições... há coisas que não... e depois ela disse: “olha não quero que ninguém meta-se na minha vida”, não chegou a contar a minha mãe, não contou à minha mãe que tinha voltado! Tá a ver? disse à minha mãe que “ah, o Alexandre já mudou, ele já mudou bastante, ele agora está outra pessoa” ela não contou, eu é que contei à minha mãe! A minha

mãe, tipo, saiu do hospital e passado alguns dias eu contei-lhe porque eu não sabia, ela disse assim “não contem nada à minha mãe, deixem ‘tar que eu conto”

- *Hum*

- “Eu conto, ninguém tem nada a ver com a minha vida e por isso ninguém se mete na minha vida”, pá, pelo amor de Deus, a mim me queres fazer de quê? De otária? Discutimos forte e feio, pá eu espero que ela não venha passar férias porque eu não pretendo lhe ver tão cedo, ela pode dizer o que diz que, quer dizer, eu sou daquelas, quer dizer, tu és mais velha, falas o que tens a falar e eu tenho que ficar calada a ouvir...

- *Hum*

- Não pode ser, eu na minha cabeça não é assim! Na minha cabeça tem de ser: “pá ‘tás a falar eu também tenho o direito de me defender! Se eu não tive razão tu também não tens!”

- *Hum hum*

- Pá, um bocadinho traste, tu ouvires a dizer que já meteste o outro, o teu tal ex-cunhado, o pai das tuas sobrinhas outra vez dentro casa, o monstro que não dava nada pra dentro de casa! Chegou ao ponto de salgar a comida e nós na mesa a dizer à minha mãe “tu salgaste isso” e a minha mãe disse “eu tenho a certeza que eu tomei bastante cuidado com o sal”

- *Hum*

- Pá fazia coisas que mesmo pá... pa mandar comprar uma embalagem de leite trazia *panache* para ele, “ah mandaste comprar leite? Não sabia” há coisas que pra mim não tem... a minha irmã agora já disse que já viu que ele não mudou e a minha irmã já lhe meteu na rua, eu não sei, eu não confio... eu agora já não me meto em nenhuma relação das minhas irmãs... olha eu acho que às vezes, cada vez que, eles acham que, por eu dar uma opinião, eu estou sempre errada, mas às vezes a minha opinião sempre calha bem

- *Hum*

- Mas prontos, eu não digo nada, eu tenho 20 anos, eu acho que eles também não metem na minha vida como eu também não permito que eles metam-se na minha vida, eu também já não meto na vida delas. Eu não metia na vida delas porque não tinha ninguém e depois elas ficavam sempre a carregar na mesma tecla e eu falava! Ninguém da família fala, eu falava!

- *Hum*

- Pá, vejo toda a gente de braços cruzados e ninguém fazia nada? então? Pelo amor da santa! Uma coisa que, sinceramente.... agora vamos ver como é que vai ser, a minha mãe tá a pensar em tirar a minha outra irmã de lá da casa, aonde é que ela vive ‘né?

- *Hum*

- É uma casa pequenina, num lugar com muitas condições... está a pensar em dizer à câmara, em falar com a câmara pra dar uma casa à minha mãe, mas a câmara diz que a minha mãe não tem direitos a casas, 'né? A minha irmã tá a pensar em alugar uma casa pra nós, prontos, como já 'tamos todas adultas, cada uma com o seu trabalho.. eu 'tou a fazer um esforço, porque ainda não me fizeram o contrato... eu espero, tenho que pedir a Deus para a segurança social, o centro de emprego não me pararem, se eles me pararem eu já não sei o que é que eu, se eles não conseguirem esperar que eu tenho papeles a tratar, a stora 'tá-me a ajudar a tratar de algumas coisas 'né? Pá não vou conseguir trabalhar, não sei o que é que vai ser feito de mim...

- *Hum*

- Se a minha patroa vai continuar comigo, se vai-me querer ou... porque eu 'tou a trabalhar através do centro de emprego 'né?

- *Hum*

- E isso seria bom pra mim também, um ano de trabalho seria uma boa ajuda lá em casa... é muita coisa, pá eu também não estou preparada pra viver já com o meu namorado, como ele quer 'né? Ele não quer 'né? Ele quer é que eu junte dinheiro, pá mas eu vou juntar aquilo que posso mas eu também tenho que ver a minha vida porque se eu vejo só o teu lado e não vejo do lado da minha família.. não 'tou a dizer que 'tou a ser egoísta e que 'tou a pensar só em ti, eu tenho de pensar numa forma para interagir esta situação... tá muito complicado, epá eu digo assim, toda a gente a meter o olho, toda a gente a meter a boca, não esperam, não deixam as coisas acontecer! Mas a culpa foi minha porque também há uns tempos atrás mandaram-me tratar das coisas do multiusos e eu não tratei praticamente, mandei sempre pro lado, eu disse que não 'tava mesmo interessada mas agora estou a precisar mesmo daquele papel e assim eu não consigo.... mas tenho fé em Deus, eu vou conseguir!

- *Pronto Adanna, agradeço-te muito a tua participação!*